

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E
PROPAGANDA

RODRIGO SÉRGIO FERREIRA DE PAIVA

PANTHER IS THE NEW BLACK:
REPRESENTAÇÃO E CULTURA NA COMUNICAÇÃO DO FILME
PANTERA NEGRA

RECIFE
2018

RODRIGO SÉRGIO FERREIRA DE PAIVA

**PANTHER IS THE NEW BLACK:
REPRESENTAÇÃO E CULTURA NA COMUNICAÇÃO DO FILME
PANTERA NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Católica de Pernambuco,
como requisito para obtenção do grau de
bacharel em Comunicação Social com
habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Professor Leonardo Henrique
Lago Falcão.

RECIFE
2018

*Para José Maria Paiva, o super-herói que
me faz voar sempre à frente.*

*In memoriam de Stan Lee. Que seu legado
perdure por infinitos filmes e gibis.*

AGRADECIMENTOS

Não, não é um negro que vos escreve. Então o que motivaria este a dissertar sobre sua representatividade? Ou ainda, que posição aqui existe para que se possa dar voz a tamanha causa? A resposta é, sem sombra de dúvidas, nenhuma. O racismo, que persiste em durar na realidade, é algo que só pode ser sentido, literalmente, na pele, na condição diária daqueles que convivem com a ignorância dos que se utilizam da etnia para justificar monstruosa opressão.

E é a estes a quem sentencio minhas primeiras gratificações, mediante sua luta que inspira a evolução da humanidade, para que a torne cada vez mais aberta à diversidade e ao respeito ao próximo. É preciso reiterar que o projeto em mãos não dispõe da intenção de se apropriar de uma fala que não lhe diz respeito, mas sim torná-la ainda mais visível através da força da comunicação. Para isso, a redação a seguir se caracteriza por um posicionamento muito mais de escuta e observação, somado a um honesto sentimento de empatia.

Agradeço aos dois que me trouxeram a este mundo, assim como apoiam e celebram a cada conquista acadêmica ocorrente em minha vida. Neste ano de 2018, em meio a tantas vitórias como o prêmio de roteiro de games no Expocom regional e nacional (valeu Jarbas!), a formatura, a conquista de um estágio digno e a realização de um sonho de infância (muitas destas que veem com orgulho no jornal ou no site de notícias da universidade), foi imensurável a assistência de Fátima e José Paiva.

E é mediante a tantas celebrações em um âmbito acadêmico (e porque não profissional) que não posso deixar de gratificar o completo corpo de docentes, no que se incluem todos que contribuíram para este projeto e, principalmente, ao meu aprendizado ao longo do percurso. Um agradecimento especial ao meu professor e orientador Leonardo Falcão, tal como à professora Gabriela Rocha, por moldarem o que se tornaria esta monografia tão grande (grande mesmo, eu sei!) e que espero que sirva de inspiração para todos que a contemplam. E sobretudo a Thelma Guerra, que tanto me apoiou ao longo da reta final deste curso de publicidade.

Entre tantos reconhecimentos, que não caberiam nesta página, um obrigado aos amigos e colegas de trabalho do MPPE – Ministério Público de Pernambuco, da faculdade, da família, do ensino médio, do ciberespaço e a todos, sem exceção, que contribuem para a minha constante evolução.

Gratidão!

“Temos a arte para não morrer da verdade.”

Friedrich Nietzsche

RESUMO

A presente monografia, de cunho exploratório, busca justificar o impacto social e comercial acarretado no contexto mercadológico alusivo ao lançamento do longa-metragem *Pantera Negra* (2018). O uso de uma fundamentação teórica embasada pela cultura da convergência, denotada criticamente por Jenkins (2014) e outros autores peritos na interconectividade da comunicação humana, permitiu amparar o papel de espaços midiáticos nos resultados do produto intersemiótico em análise, cuja repercussão ocorreu com predomínio no ciberespaço. Com a aplicação de uma pesquisa bibliográfica, também pôde-se inferir conceitos pertinentes na apreensão do campo social, esclarecido por Bourdieu (2004), no que se inclui as motivações de um cinéfilo a consumir um produto cultural como o em questão. Seus simbolismos, assim como a percepção de grupos ou culturas subjugadas em sociedade, contribuem na compreensão de uma demanda pela representatividade, advinda de vertentes como a comunidade negra e sua identidade sociocultural. Seguido por uma inquirição da sua presença nas Histórias em Quadrinhos, base das adaptações audiovisuais envolventes com super-heróis, e na indústria cinematográfica, pôde-se averiguar a apresentação do negro em um âmbito cultural, contribuída por teóricos de ambos os gêneros, no que se inclui Stam (2003). Por fim, a verificação crítica do *corpus* sugerido, composto por peças publicitárias visibilizadas on-line, tal como dados qualitativos e matérias que explicitam a comoção social suscitada pela película, permitiu atender aos objetivos propostos.

Palavras-chave: cinema; comunicação; cultura; publicidade; representatividade negra.

ABSTRACT

This monograph, with an exploratory character, seeks to justify the social and commercial impact caused in the marketing context alluding to the release of the feature film *Black Panther* (2018). The use of a theoretical foundation based on the culture of convergence, critically denoted by Jenkins (2014) and other authors who are experts in the interconnectivity of human communication, allowed to support the role of media spaces in the results of the intersemiotic product under analysis, whose repercussion occurred with predominance in cyberspace. With the application of a bibliographical research, it was also possible to infer pertinent concepts in the apprehension of the social field, clarified by Bourdieu (2004), which includes the motivations of a movie buff to consume a cultural product as the one in question. Its symbolism, as well as the perception of groups or cultures subjugated in society, contribute in the understanding of a demand for representativeness, derived from slopes such as the black community and its socio-cultural identity. It was followed by an examination of his presence in Comic Books, the basis of the audiovisual adaptations involving superheroes, and in the film industry, the presentation of the Negro in a cultural context, contributed by theoreticians of both genders, in which Stam is included (2003). Finally, the critical verification of the suggested *corpus*, made up of publicity pieces visibilized online, as well as qualitative data and materials that explain the social commotion raised by the film, allowed to meet the proposed objectives.

Keywords: cinema; communication; culture; publicity; black representativeness.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1. Dados virtuais criados a cada minuto em 2017 | 22 |
| Figura 2. Gama de fãs circulantes na <i>San Diego Comic-Con</i> | 27 |
| Figura 3. Pôster do filme <i>Pantera Negra</i> (2018) para o mercado chinês | 38 |
| Figura 4. Bloco Malagasy promove a cultura afro-brasileira | 42 |
| Figura 5. Paralelo entre povos Maasai, Surma e Mursi e o filme em análise | 43 |
| Figura 6. Os Panteras Negras, surgidos na década de 1960 | 45 |
| Figura 7. Personagem Pelezinho e suas mudanças estéticas..... | 50 |
| Figura 8. Turma do Pererê, protagonizada por personagem negro e folclórico | 51 |
| Figura 9. Jeremias é associado à profissão de pedreiro pela sua professora | 52 |
| Figura 10. Jeremias é inspirado pelo ofício de um astronauta negro | 52 |
| Figura 11. <i>Graphic MSP Jeremias – Pele</i> , lançada em 2018 pela <i>Panini Comics</i> | 53 |
| Figura 12. Personagem Milena, nova integrante da Turma da Mônica..... | 54 |
| Figura 13. Ronaldinho Gaúcho e Azeitona, respectivamente | 55 |
| Figura 14. Waku, <i>Prince of the Bantu</i> e Lobo, respectivamente | 56 |
| Figura 15. Primeira aparição do Pantera Negra, em <i>Fantastic Four</i> 52 (1966) | 57 |
| Figura 16. Personagem Tempestade, dos X-Men | 59 |
| Figura 17. Revistas em quadrinhos protagonizadas por Pantera Negra | 60 |
| Figura 18. <i>Frame</i> de <i>O Nascimento de uma Nação</i> (1915) | 65 |
| Figura 19. Hattie McDaniel como escrava em <i>E o Vento Levou</i> (1940)..... | 66 |
| Figura 20. <i>Frame</i> do filme <i>Moonlight: Sob a Luz do Luar</i> (2016) | 68 |
| Figura 21. Daniel Kaluuya no filme <i>Corra!</i> (2017) | 70 |
| Figura 22. Will Smith e Viola Davis, destaque na premiação do Oscar | 71 |
| Figura 23. John Boyega como Finn, em <i>Star Wars: Episódio VII</i> (2015) | 72 |
| Figura 24. Fotografia do menino Matias, compartilhada pelo ator John Boyega | 73 |
| Figura 25. Comparação entre cartaz original e sua versão chinesa | 73 |
| Figura 26. Pôster do filme <i>Homem-Aranha: De Volta ao Lar</i> (2017) | 76 |
| Figura 27. <i>Frame</i> do filme <i>Os Vingadores</i> (2012)..... | 78 |
| Figura 28. Adaptação cinematográfica dos super-heróis X-Men | 80 |
| Figura 29. Samuel L. Jackson como Nick Fury em <i>Os Vingadores</i> (2012)..... | 82 |
| Figura 30. Falcão e Máquina de Combate/Patriota de Ferro, respectivamente | 83 |
| Figura 31. Menina sente-se representada por Zazie Beetz, como Dominó | 84 |

| | |
|---|-----|
| Figura 32. Personagem Valquíria, vivida por Tessa Thompson | 85 |
| Figura 33. Idris Elba, intérprete do personagem Heimdall..... | 86 |
| Figura 34. Frame da animação <i>Homem Aranha: No Aranhaverso</i> (2018)..... | 87 |
| Figura 35. <i>Marvel's Luke Cage</i> (2016) e <i>Raio Negro</i> (2018), respectivamente | 89 |
| Figura 36. Protagonismo negro é destaque no filme <i>Pantera Negra</i> (2018)..... | 92 |
| Figura 37. Arquétipo guerreiro da mulher negra no filme <i>Pantera Negra</i> (2018) | 94 |
| Figura 38. Uso de elementos simbólicos das culturas africanas no filme | 97 |
| Figura 39. Frame da primeira cena pós-créditos do filme <i>Pantera Negra</i> (2018) | 98 |
| Figura 40. Comemoração do elenco na <i>San Diego Comic-Con 2017</i> | 100 |
| Figura 41. Comparativo nas redes sociais entre a fotografia e o pôster | 101 |
| Figura 42. Pôsteres individuais das personagens femininas do longa-metragem .. | 103 |
| Figura 43. Crianças negras recriam os cartazes do filme <i>Pantera Negra</i> (2018) ... | 104 |
| Figura 44. Pôsteres de <i>Pantera Negra</i> (2018) celebram o continente africano | 105 |
| Figura 45. Fãs afro-americanos celebram pôster em viral no Twitter | 106 |
| Figura 46. Reações racistas manifestadas no Twitter | 108 |
| Figura 47. Tweets de afrodescendentes em resposta ao primeiro trailer | 111 |
| Figura 48. Reaction de fãs afrodescendentes ao segundo trailer do filme | 111 |
| Figura 49. Michael B. Jordan é aplaudido em reaction do trailer | 112 |
| Figura 50. Infográfico ilustra principais recordes de bilheteria do filme..... | 117 |
| Figura 51. Chadwick Boseman protagoniza capa histórica da revista <i>Time</i> | 120 |
| Figura 52. Crianças afrodescendentes dançam em vídeo on-line | 122 |
| Figura 53. Professora cumprimenta alunos como Pantera Negra em vídeo..... | 123 |
| Figura 54. Alunos ao final da sessão do filme em cinema de Belém..... | 124 |
| Figura 55. Vitória ainda pagou pipoca, refrigerante e transporte | 125 |
| Figura 56. Alunos de escolas públicas assistem a <i>Pantera Negra</i> (2018) | 125 |
| Figura 57. Comunidade Tia Eva leva crianças para assistirem ao filme | 126 |
| Figura 58. Meninos se disfarçam para assistirem ao filme em viral da internet..... | 127 |
| Figura 59. Tirinha dos artistas Rennan Lemes, Lucas Silva e Valdeci Crabi..... | 128 |
| Figura 60. Jogador faz enterrada com a máscara do personagem | 129 |
| Figura 61. <i>Fake News</i> disseminada no Twitter para boicotar o filme..... | 130 |
| Figura 62. Influência de <i>Pantera Negra</i> (2018) no imaginário infantil | 135 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Bilheteria mundial e doméstica dos filmes do <i>Marvel Cinematic Universe</i> (2008-2018) | 77 |
| Tabela 2. As dez maiores bilheterias cinematográficas de todos os tempos, até 2018..... | 79 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 CULTURA DA CONVERGÊNCIA | 16 |
| 2.1 Cibercultura | 17 |
| 2.2 Participação | 20 |
| 2.3 Engajamento..... | 23 |
| 2.4 Fãs e <i>prosumers</i> | 26 |
| 3 CONSUMO, IDENTIDADE E CULTURA | 31 |
| 3.1 Grupos de referência e vertentes culturais | 34 |
| 3.2 Campo social | 38 |
| 3.3 Cultura e identidade afrodescendente | 41 |
| 4 REPRESENTATIVIDADE NA PRODUÇÃO CULTURAL..... | 47 |
| 4.1 A presença negra nas Histórias em Quadrinhos..... | 48 |
| 4.2 O negro no mercado cinematográfico | 61 |
| 4.3 Transição e popularização: das Histórias em Quadrinhos para o cinema | 75 |
| 5 PANTERA NEGRA | 90 |
| 5.1 O filme | 91 |
| 5.2 A publicidade | 99 |
| 5.2.1 Pôsteres..... | 101 |
| 5.2.2 Trailers | 107 |
| 5.3 O impacto comercial | 113 |
| 5.4 O impacto social | 120 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 131 |
| REFERÊNCIAS | 136 |

1 INTRODUÇÃO

Atribuída constantemente a polêmicas raciais por seus artistas mais renomados, Hollywood e sua indústria cultural¹ transitam por mudanças significativas, motivadas pela relevância cada vez maior da representatividade étnica dentro do cinema. O destaque de artistas negros na premiação do Oscar 2017, com o filme *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016), e a retratação crítica do preconceito entre suas produções simbolizam uma transformação contínua de valores socioculturais, resultante da força de uma conscientização coletiva que é reforçada pelos veículos de comunicação em massa (WILLMERSDORF, 2017).

Até pouco tempo atrás, a presença negra nas realizações hollywoodianas costumava se limitar dentro de visões e papéis estereotipados. Os afro-americanos não passavam de coadjuvantes em meio a um grande elenco formado por atores brancos (VASCOUTO, 2015). De um modo geral, a história cinematográfica é marcada por momentos questionáveis e contraditórios, ao considerar que os longas-metragens são utilizados pelo ser humano para representar sua própria ótica de perfeição estética (CAPOZZI, 1986).

Esse contexto, que serve como base para esse processo de transições, pode ser identificado como um reflexo da cultura e histórico da população negra mundial, associada incondicionalmente à criminalidade, violência e tráfico de drogas ilícitas após o final do período da escravidão, desdobrada na sociedade atual através de casos registrados de racismo (DUVERNAY, 2016).

Enquanto a Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos (*The Thirteenth Amendment to the United States Constitution*) suscitou uma mudança definitiva para a integração social afrodescendente, construiu-se a representação imagética de um homem negro animalesco, sujo, selvagem, ameaçador, ganancioso, perigoso e que precisasse ser detido, já presente nos primeiros *blockbusters* veiculados (DUVERNAY, 2016). Tal conjuntura pode ainda ser sintetizada pelo pensamento da cantora de jazz e militante do movimento negro Nina Simone (1933-2003), no qual a escravidão nunca foi abolida da maneira americana de pensar (GARBUS, 2015).

¹ Termo empregado, pela primeira vez por Horkheimer e Adorno em 1947, relativo a transformação industrial de elementos culturais em uma produção hegemônica, acessível e de considerável escala, com o uso de padrões que visam o consumo.

Dentro de um contexto publicitário associado a arte audiovisual, observa-se que a representatividade afro também se resume a banalidades. *Merchandisings*, pôsteres, trailers e outros materiais promocionais costumam enfatizar o protagonismo eurocêntrico e a representação secundária da etnia negra, ou seja, se tornam um reflexo dos valores controversos já existentes dentro dos produtos propriamente ditos. É importante tomar em consideração que, na publicidade em sua totalidade, já ocorreram diversos casos onde trivialidades racistas foram fortalecidas em diferentes mídias. Estes ilustram situações reais, ocorrentes recentemente dentro do mercado global (OABRJ DIGITAL, 2018).

Em paralelo a essa problemática, as adaptações de super-heróis vindos das Histórias em Quadrinhos para a “tela grande” se expandem em crescentes proporções, dominam as bilheterias mundiais e contribuem para a visibilidade de grupos culturais historicamente discriminados. Tornam-se um gênero à parte, marcante para cultura popular e que deixa de ser um nicho restrito para ser apreciado por um número significativo de pessoas. Os números recentes de bilheterias cinematográficas ao redor do mundo (BRIDI, 2018) ilustram a popularidade dessas produções, que também se destacam em eventos internacionais e nacionais como a *Comic Con Experience*².

Identifica-se também que essas franquias promovem uma visão contrária a hostilidades perante diferentes raças, espécies, culturas e gêneros, por meio do uso da mista abordagem de temas de ficção e não-ficção que caracterizam o cinema (BURCH, 2011). Transposta diretamente das HQS, a valorização de “minorias” já é uma característica marcante da segmentação, a exemplo dos quadrinhos da *Marvel Comics*. A criticidade de suas narrativas as transcende como unicamente um lazer, sendo capazes de formar consciências e construir uma postura crítica saudável.

Seja arte ou entretenimento, a fantasia funciona como um mecanismo de defesa contra os males da realidade. Suas personagens geralmente possuem os defeitos e limitações do homem comum em seu cotidiano (SILVA, 2002), o que gera a identificação e a ânsia por representação por parte do público, mesmo dentro de um cenário fantástico e às vezes utópico.

² Evento nacional que reúne grandes nomes da indústria de entretenimento, entre artistas, produtores e empresas do segmento. Traz novidades da cultura pop e geek, lançamentos de filmes, painéis, exposições, quadrinistas, lojas, colecionáveis, entre outros conteúdos relacionados (CCXP, s.d.).

Para se ter uma noção, os quadrinhos da década de 1960 já representavam grupos menosprezados, com o uso de figuras diversificadas como os X-Men e suas analogias (KAMEL; ROCQUE, 2003). Na atualidade, personagens negros como Raio Negro (da *DC Comics*), Manto (*Marvel's Cloak & Dagger*) e Luke Cage, adaptados das HQs para a televisão e serviços de *streaming*, como a *Netflix*, representam um universo estético afrodescendente dentro das produções destinadas a heróis, o que tem se mostrado uma nova e crescente tendência. Passam, enfim, a assumir um papel de protagonismo na indústria do entretenimento, ao lado de questões e elementos culturais que envolvem ser negro na sociedade atual (PORFÍRIO, 2018).

O americano *Marvel Studios*, atual estúdio hollywoodiano, alcançou mais um êxito ao adaptar o personagem Pantera Negra, super-herói africano de proeminência, para o meio cinematográfico. O lançamento se destacou ao possuir um elenco predominantemente negro, algo raro entre as adaptações audiovisuais das Histórias em Quadrinhos.

Sua campanha promocional adotou a representatividade das culturas africanas propostas pela sua mitologia, presente em materiais promocionais repercutidos nas redes sociais. Além de dar visibilidade a um herói negro, *Pantera Negra* (*Black Panther*, 2018) e sua publicidade desconstroem os padrões impostos em personagens de descendência africana dentro do segmento (CEPEDA, 2018).

O ciberespaço³, somado às novas tecnologias e redes de compartilhamento, reproduz tudo em maior escala, onde se incluem propagandas, notícias e publicações relacionadas ao filme e sua representação cultural. É básico o compartilhamento virtual de informações relevantes, que se trata de um impulso social reforçado pelo avanço tecnológico (SHIRKY, 2012). O fã de cinema deixa de ser um consumidor comum para se tornar um *prosumer*⁴. *Pantera Negra* (2018) recebeu um impacto advindo de grupos favoráveis a uma conscientização étnica e grupos fundamentados por discursos odiosamente racistas, todos estes movidos pela força da comunicabilidade e das plataformas digitais.

³ Meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores (LÉVY, 1999, p. 17).

⁴ Termo cunhado por Alvin Toffler na obra A Terceira Onda (1980).

A cibercultura⁵ reforça a visibilidade do filme e sua representatividade racial, ao se considerar que o acesso às redes sociais tem se tornado uma parte cada vez mais integrada à vida das pessoas (SHIRKY, 2011). Grande parcela do material publicitário lançado pelo *Marvel Studios* corresponde a um marketing digital, o que facilita sua repercussão on-line e, consequentemente, contribui para o seu impacto em tal ambiência.

Conceitos como adaptação intersemiótica⁶ também se mostram relevantes, ao se considerar que *Pantera Negra* (2018) é resultado da união e transição entre as HQs, múltiplos produtos de super-heróis e sua publicidade que, a longo ou curto prazo, contribuem para o entendimento geral da proposta do ícone e sua mitologia. Este, amplificado pela sua discussão no ciberespaço, favorece o empoderamento de identidades como a afrodescendente.

A partir da relevância da causa social identificada e do contínuo sucesso do longa-metragem nas bilheterias, sua linguagem cultural e seu impacto mercadológico se tornam objetos de pesquisa dentro do presente projeto, que visa responder ao seguinte questionamento com o auxílio de análises e sondagens de dados: Como, de fato, explicar o impacto social e comercial da representatividade negra no contexto mercadológico de *Pantera Negra* (2018)?

O objetivo geral desta monografia é analisar tal impacto, assim como o cumprimento de objetivos específicos: levantar a relevância comercial da película para a atual indústria cinematográfica; compreender sua importância dentro de uma perspectiva social e verificar a pertinência do uso da cultura afro-americana em sua comunicação reverberada no espaço digital.

A pesquisa desenvolvida é pertinente para compreender e fortalecer a causa da representatividade racial, dentro e fora de um contexto publicitário, por meio de um estudo de caso do produto e sua repercussão. Em uma perspectiva pessoal, busca-se ressaltar a importância da indústria cinematográfica, do gênero de super-heróis e da interlocução para a visibilidade de culturas subjugadas como as afrodescendentes, assim como a construção de um imaginário social que preza pela tolerância e diversidade humana.

⁵ Termo cunhado por Pierre Lévy que significa o conjunto de aspectos e padrões culturais relacionada com a internet e a comunicação em redes de computadores (LÉVY, 1999, p. 17).

⁶ Fenômeno de multimodalidade semiótica que significa a transposição de um sistema de signos para outro (PLAZA, 2003).

O trabalho contempla uma temática vigente e relevante, fundamentado em uma pesquisa documental, contribuída por um referencial teórico condizente ao tema e que permite a dissertação sobre seus principais aspectos. Sua natureza exploratória busca a compreensão e aprofundamento do seu impacto, tanto na sociedade como dentro da área de comunicação social. Espera-se, com a pesquisa proposta, compreender o correto uso da representatividade étnica, dentro da cinematografia e das múltiplos segmentações coexistentes na área publicitária.

Uma compreensão acerca dos conceitos que orbitam a Cultura da Convergência, relevante na assimilação do objeto de estudo *Pantera Negra* (2018), é seguida pela identificação e argumentação relativa a identidade afrodescendente, presente no campo social, consumerista e cultural. É dada proeminência para as Histórias em Quadrinhos e o cinema, dois meios que, juntos, tornaram possível a subsistência do longa-metragem.

Segue-se por uma apreensão da transposição intersemiótica de uma mídia para a outra, no que se inclui a formação e o empoderamento dos fãs imanentes ao gênero de super-heróis e sua popularidade. Em seguida, esta dissertação conduz a diligência de compreender seu conteúdo em análise, amparada por um dossier correspondente ao impacto social e comercial suscitado por *Pantera Negra* (2018) e seu dialogismo. A pesquisa é finalizada pelas considerações finais assimiladas pelo projeto em sua completitude, construída com base em uma avaliação crítica de sua totalidade.

2 CULTURA DA CONVERGÊNCIA

“Elevar o nível da imaginação sobre o que é possível fazer é sempre um ato de fé.”

Clay Shirky

O cinema costuma trabalhar com padrões e modelos, através de fórmulas que são preestabelecidas ao longo de toda sua história. Entretanto, não há como sobreviver unicamente com o padronizado, uma vez que o espectador passa a exigir de cada filme algo novo (CAPUZZO, 1986). A partir desta visão, pode-se constatar que o uso constante de clichês e estereótipos na cultura popular se encontra progressivamente sentenciado, algo que também pode ser reforçado pela saturação da indústria mediante sua quantidade significativa de produtos cinematográficos.

A intersemiose e a narrativa transmídia, presentes na atuação da marca *Marvel* também nos quadrinhos, na televisão e na internet, contribuem para uma quebra nos paradigmas mencionados acima, através de novas experiências de apreciação permitidas pela expansão midiática de uma mesma e complexa diegese.

Além disso, a própria representatividade negra também se mostra um diferencial existente entre os tabus hollywoodianos, e que é reforçada pela transição de temas sociais das Histórias em Quadrinhos para conteúdos audiovisuais. O entretenimento serializado e transmidiático é adotado para fazer com que seus consumidores sejam cada vez mais comprometidos e engajados, atentos aos inúmeros desdobramentos de uma narrativa, conforme Jenkins (2009).

O autor denomina de cultura da convergência, em sua obra de mesmo nome (2014), todo esse fenômeno de revolução midiática que alterou radicalmente o mundo da comunicação e as diferentes práticas de lazer existentes. Este utiliza *Matrix* para ilustrar um exemplo de narração complexa que, segundo ele, exige muito de seus consumeristas, tal como a convergência de mídias distintas. Sua proposta, tão ampla para uma única plataforma, trafegou por quadrinhos, jogos e animações, além da sua trilogia cinematográfica propriamente dita.

Tais conceitos são fundamentais na compreensão do filme *Pantera Negra* (2018) como objeto de estudo desta monografia. Mais do que veículos de comunicação, as mídias em convergência permitem a construção de um argumento amplo e criativo, o que contribui de alguma forma para o seu sucesso comercial. Segundo a visão de Jenkins (2014), as franquias de Histórias em Quadrinhos e

outras modalidades culturais, construídas sobre mundos de histórias aliciantes, possuem modelos de negócio que identificam múltiplas maneiras de se envolver com uma trama e, assim, abrir fontes profusas de receita. Dessa forma, impactam também resultados pertencentes a um contexto mercadológico, além de tão somente um quadro sociocultural.

A convergência de meios e espaços permite prolongar o engajamento do público com intertextualidades, no intuito de expandir seus pontos de contato com determinada corporação, como ocorrente com a própria *Marvel*. É a extensão de uma franquia de ficção por diversas fácies, físicas ou digitais, que se baseia em um esforço duradouro para intensificar a experiência de determinado produto (JENKINS, 2014). O personagem Pantera Negra, por exemplo, já transitou em mídias como Histórias em Quadrinhos, cinema, home vídeo e televisão (SANTOS; SESSA, 2018), em um processo de intersemiose que permite a sua serialização e popularização.

A expansão das mitologias dos super-heróis, através das suas transições das HQs para Hollywood, é um exemplo atual de convergência cultural que se destaca entre grandes grupos. Outras obras da cultura popular, como *Star Wars*, também utilizam uma variedade considerável de mídias para disseminar seu enredo entre os fãs, que respondem na forma de engajamento e adesão a bens de consumo. O cinema representa somente um dos principais espaços utilizados por essas ficções para apresentar suas personagens a uma gama de indivíduos, como se observa nos últimos anos, dentro dessa segmentação.

Já a ascensão da esfera digital possui uma função ainda mais ampla para o impacto das produções coexistentes na indústria do entretenimento. Também integrada ao fenômeno da cultura da convergência, ela não apenas permite contemplar esses conteúdos, mas também abrange a sua repercussão pública através de sites e redes sociais. Além disso, funciona como uma publicidade formal e informal de empresas e suas respectivas mercadorias. Identificado como relevante para a provocação do impacto social e comercial do filme *Pantera Negra* (2018), disserta-se sobre o conceito de cibercultura.

2.1 Cibercultura

Assentido como arte e recinto para a veiculação de produtos culturais, o cinema e sua indústria já foram alvos de críticas oriundas de intelectuais contrários à

sua dita “mecanização do público de massa”. As novas plataformas virtuais e redes de compartilhamento on-line, hoje já consolidadas pela globalização e massificação da internet, se tornam alvos de comentários semelhantes, que podem subestimar as possibilidades de uso desses espaços para a comunicação e manifestação dos diferentes âmbitos da cultura humana.

Segundo Lévy (1999), é válido tomar em consideração que nem todo conteúdo que integra as redes digitais se apropria de um teor benevolente, da mesma forma que nem toda produção cinematográfica é de qualidade ou relevante em uma perspectiva sociocultural. Entretanto, uma visão aberta perante suas novidades e ineditismos permite a expansão de atividades relacionadas às experiências sociais relativas ao gênero humano.

Ainda de acordo com o autor, o termo ciberespaço (ou rede) é definido como um novo meio de comunicabilidade que surge da interconexão mundial de computadores. Palavra originalmente inventada em 1984 pelo autor William Gibson, trata-se, na visão de Lévy, da infraestrutura material do dialogismo digital e de todo o seu universo de informações disponíveis na internet. Quanto ao neologismo cibercultura, é determinado como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem conjuntamente ao crescimento do espaço cibernético (LÉVY, 1999).

Lemos (2004) expande a contextualização desses conceitos ao agregar que a zona virtual se constrói a partir de uma convergência entre a expansão tecnológica e a sociabilidade, tal como as múltiplas manifestações culturais vigentes. Esse discurso também se encontra em consonância com o “excedente cognitivo”⁷ esclarecido por Shirky (2011), que reforça a rede mundial de computadores como uma ferramenta promovedora da realização de mobilizações sociais coletivas, assim como o compartilhamento de informações e concepções partidárias e apartidárias.

O ser humano como um indivíduo pensante e capaz de interferir na sociedade, conforme suas crenças e valores, transpõe ações e seu pensamento crítico para o universo digital. Trata-se de uma contribuição que permite expandir e acelerar processos de comunicação e o acesso à informação, através da quebra de barreiras e limitações de tempo e espaço.

⁷ Termo cunhado por Clay Shirky (2011) na obra “A cultura da participação”. Significa um conjunto de tempo, talento e energia usado em grandes projetos de forma colaborativa.

A rede acentua transformações sociais resultantes do compartilhamento e da absorção de publicações on-line. Cada pensamento, manifestado na era da informática, tem potencial para repercussões e consequências anteriormente jamais previstas (LÉVY, 1999).

A interatividade é outro conceito que surge com o crescimento do ciberespaço, que significa a participação ativa do usuário no ambiente digital. Com a disposição de imagem e som, a internet abrange referências para todo tipo de temática, além de permitir interações através de redes sociais, canais de conversação mais práticos a cada dia e outras atividades possibilitadas pelo universo virtual. O ciberespaço é infinitamente variado e perpetuamente mutante, de modo que quanto mais se amplia, mais sua informação se torna universal. (LÉVY, 1999).

A emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes (LÉVY, 1999, p. 123).

A rede enquanto uma superfície de encontro, compartilhamento e de intervenção coletiva permite a formação de opiniões públicas e a discussão de temáticas relevantes, a exemplo da representatividade de grupos historicamente discriminados e sua expressividade, em diferentes plataformas de apropriação de conteúdo. Diversos tipos de interações e intervenções (autorais ou não), realizadas em diferentes escalas, são permitidas pela interconexão. Todo conteúdo digital, a exemplo dos memes⁸, passam a ser consumidos igualmente a outros tipos de publicidade, inclusive como uma valiosa estratégia de marketing digital (BARBOSA, 2015).

A cibercultura também permite que conflitos de interesse ocorram em função da manifestação de inúmeros pontos de vista divergentes entre si, presentes em sites e redes como Facebook e Twitter, de modo que podem ou não discriminar determinado público ou vertente cultural. A esfera virtual, como reforça Lévy (1999), se torna palco de um campo de guerra, onde diferentes visões de mundo se chocam diariamente. Já para os grandes vendedores de conteúdo, a exemplo dos principais

⁸ Termo cunhado em 1976 pelo cientista Richard Dawkins em seu best seller *O Gene Egoísta*. É considerado uma unidade de informação a ser multiplicada em uma ou mais plataformas. Permitem dar visibilidade a uma marca ao ser usado como estratégia de marketing digital (BARBOSA, 2015).

estúdios de Hollywood, o ciberespaço se torna ainda um ambiente comercial, propício para uma publicidade íntima e despojada ao grande público.

O entendimento de conceitos como engajamento e participação, esclarecido por Shirky (2011), se mostra igualmente pertinente para a compreensão da cultura da convergência em sua total logística.

2.2 Participação

A conexão simultânea de milhões de pessoas no ambiente virtual resulta em um fenômeno nomeado por Shirky (2011) como cultura de participação⁹. A criatividade do ser humano é estimulada pelo fácil acesso à informação e pelas inúmeras possibilidades de interagir dentro do ciberespaço. Dessa forma, os usuários de internet passam a produzir, compartilhar e consumir memes, virais, notícias e depoimentos, de forma que visibilizam suas opiniões sobre temas diversos e possivelmente polemizados – proeminência para as discussões sociopolíticas que constantemente permeiam as desavenças humanas.

Anteriormente associado a um papel impassível, o consumidor usufruidor da web passa a atuar como grandes empresas na produção de conteúdo em múltiplas plataformas de mídia, sem necessariamente depender dessas organizações, como reforça Jenkins (2014). Essa cultura participativa permite formas de satirizar, ironizar ou até mesmo solucionar os dilemas do mundo moderno, a exemplo de aplicativos e sites como a *Wikipédia*, uma ferramenta de edição pública que busca facilitar o acesso ao conhecimento global (SHIRKY, 2011; JENKINS, 2009).

Um comprador deixa de ser um agente passivo para elaborar e exigir insumos conforme suas vontades e necessidades. Esse contexto é permitido pela expansão das novas tecnologias e pela própria cultura da convergência, que alteram a forma como o homem dispõe do seu tempo livre. Estabelecidos como colaboradores e criadores de produtos culturais, os navegantes on-line aderem cada vez mais ao ativismo virtual (SHIRKY, 2011).

É curioso levar em consideração que a automatização da vida social proporcionada pela revolução tecnológica afastou, a princípio, a humanidade da cultura participativa em função da sua praticidade, mas permitiu posteriormente uma

⁹ Termo cunhado por Clay Shirky na obra *A Cultura da Participação* (2011).

nova e contínua era de participação. Conforme Shirky (2011), participar é agir como se uma presença fosse, de fato, relevante para o contexto no qual se encontra, seja ele relacionado ou não a um viés social.

Quando compramos uma máquina que permite o consumo de conteúdo digital, também compramos uma máquina para produzi-lo. Mais ainda, podemos compartilhar material com os amigos e falar sobre o que consumimos, produzimos ou compartilhamos (SHIRKY, 2011, p. 25-26).

As redes sociais e seu engajamento oportunizam a produção e verbalização de uma pluralidade de discursos relacionados a áreas e vertentes diversificadas. O compartilhamento dessas asserções se trata de um comportamento que excede a tradicional rotina humana, mas que funciona de forma instintiva e natural. Cada informação inédita que circula na rede, que se destaque por sua relevância ou teor, tende a ser compartilhada e apreciada por um coletivo de usuários.

Tais considerações também são expressivas dentro de uma perspectiva mercadológica, ao se enxergar a relevância do ciberespaço como um canal direto com consumidores, além de uma mídia para engajar diferentes visões de mundo.

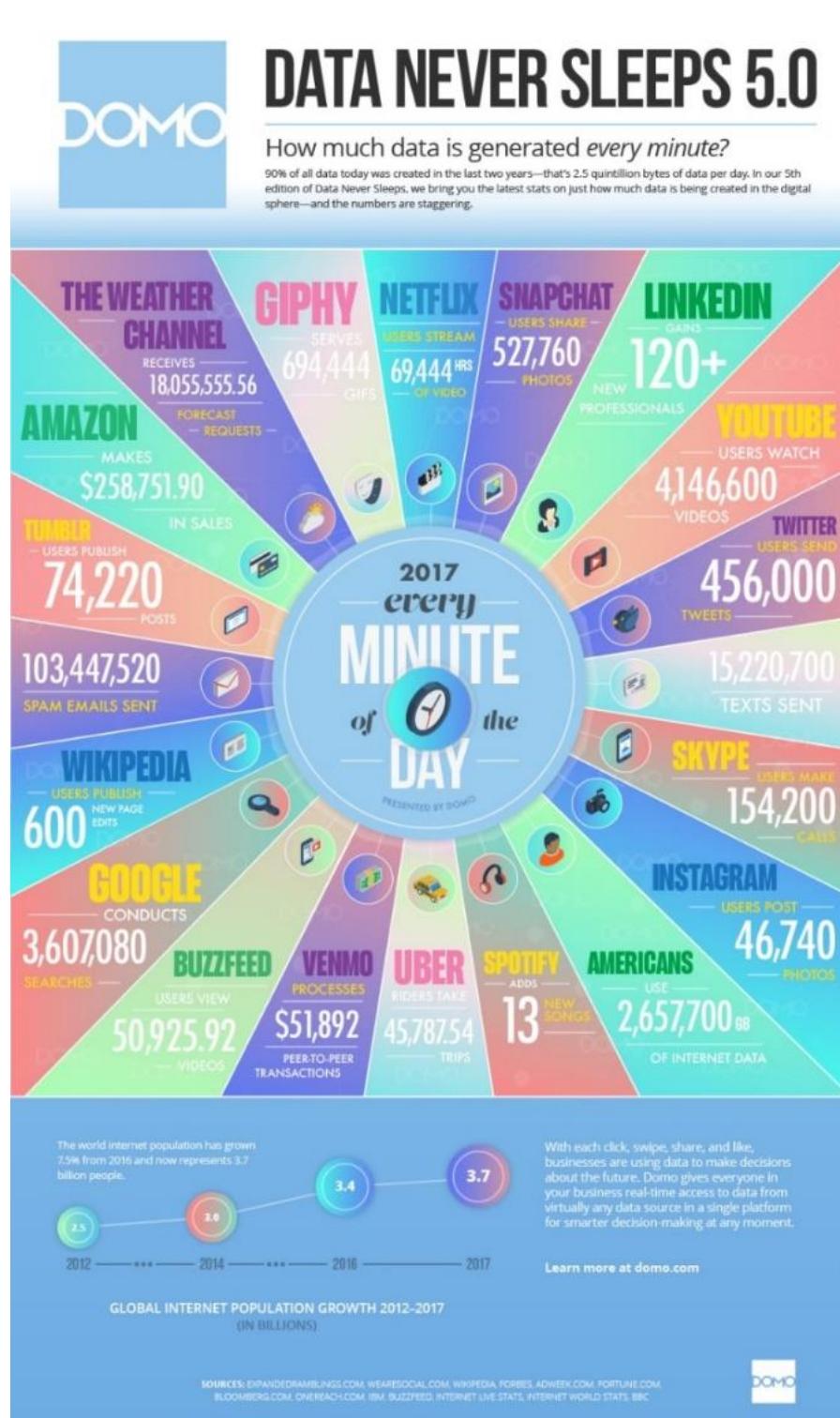
Correspondente a um fenômeno social, a cultura de participação funciona como uma interconexão de comportamentos e mensagens em plataformas virtuais, algo que costuma abranger também temáticas sociais. Shirky (2011) utiliza como exemplo o aplicativo chamado Causes (Causas), hospedado no Facebook, que permite que seus usuários façam doações para mais de 350 mil causas filantrópicas. A ação da rede social impulsionou o engajamento de inúmeros usuários, além de arrecadar milhões de dólares.

Essas novas formas de filantropia não se apoiam apenas na existência de ferramentas que nos conectam e nos permitem disponibilizar nosso tempo, talentos ou dinheiro, mas também em nossa motivação para fazê-lo (SHIRKY, 2011, p. 77).

Shirky (2011) ainda reforça a maneira como cada ativista torna seus pensamentos disponíveis globalmente, algo que levaria somente segundos de digitação. Em 2017, uma média de 4.146.600 usuários assistiram a um vídeo no Youtube a cada minuto, enquanto o Twitter recebeu cerca de 466.000 tweets na mesma proporção de tempo. Para efeitos de comparação, a população global da internet teve um crescimento de 2.5 para 3.7 bilhões de usuários de 2012 para 2017

(DOMO, 2017). Todo o contexto atrelado a essa cultura da conexão leva ao conceito de engajamento¹⁰, tema que será abordado no tópico seguinte.

Figura 1. Dados virtuais criados a cada minuto em 2017



Fonte: Domo (2017). Disponível em: <<https://www.domo.com/learn/data-never-sleeps-5>>. Acesso em: 29 maio 2018.

¹⁰ Participação, ato de engajar ou engajar-se (DICIO, s.d.).

2.3 Engajamento

Em posse das ferramentas necessárias para compartilhar e disseminar informação no ciberespaço, o comportamento humano é impulsionado conforme suas necessidades a ser mais ativo nas redes sociais. A tecnologia permite que indivíduos se organizem de forma prática e objetiva, sem a intermediação de instituições ou partidos. Essas transformações, resultantes de uma expansão cibernética, resulta no engajamento do usuário de internet (SHIRKY, 2012).

O engajamento é um termo utilizado dentro e fora do estudo do marketing, normalmente associado às ciências sociais. No ambiente virtual, a aquisição, dissitação e compartilhamento de informações se mostram reflexos do comportamento humano, algo potencializado pelas mídias digitais. Dessa forma, a conexão à internet aumenta tanto a acessibilidade quanto a reprodução de tudo aquilo que é publicado e compartilhado (SHIRKY, 2010 *apud* COELHO, 2017).

A revolução tecnológica, assim como toda e qualquer inovação, divide opiniões ao proporcionar benefícios e malefícios para a sociedade. Shirky (2012) reforça que os seres humanos são sempre criaturas sociáveis, ao considerar que a sociabilidade é um princípio fundamental da vida mundana e seus aspectos. “A sociedade não é apenas o produto de seus membros individuais; é também o produto dos grupos que a constituem” (SHIRKY, 2012, p. 18). A cibercultura é resultante de uma nova plataforma para se manifestar os comportamentos naturais de qualquer cidadão. É a modernização de uma sociedade até então primitiva, que se revoluciona a cada dia.

Nesse cenário, Shirky (2012) também sugere que, quando as formas de comunicação entre os indivíduos se alteram, o corpo social acaba em transformação. No momento em que um grupo ou usuário atua de forma constante e espontânea dentro do ciberespaço, ele passa a realizar um engajamento virtual. Ao facilitar esses esforços e contribuições culturais, as ferramentas digitais de interlocução alteram de maneira radical os antigos limites de tamanho, sofisticação e alcance.

Dessa forma, esses dispositivos funcionam igualmente a outras mídias, onde o discurso público opera como uma publicidade talvez mais eficaz do que aquelas presentes nos tradicionais veículos de comunicação. A ação grupal, promovida pelo surgimento constante de comunidades virtuais, permite ações que se destaquem

positivamente ou negativamente dentro e fora do ambiente virtual, a exemplo de casos que repercutiram no contexto mercadológico do filme *Pantera Negra* (2018) a serem assimilados.

Shirky (2012) também reforça a existência de um dilema enfrentado por todos os anunciantes e que é solucionado, em parte, pela cultura da convergência: como atingir as pessoas que queremos sem precisar transmitir a mensagem para todo mundo? O engajamento e compartilhamento on-line contribui para lidar com tal problemática, de modo que o consumidor passe a atuar como o próprio anunciante ao repercutir informações sobre determinada causa ou produto.

Conjuntamente ou individualmente, sujeitos atuam como veículos de transmissão, ainda que de forma predominantemente amadora, de modo que engajam ações antes só manifestadas por profissionais da área:

Nossas ferramentas sociais removem obstáculos mais antigos à expressão pública, eliminando assim os gargalos que caracterizavam os meios de comunicação de massa. O resultado é a amadorização em massa de esforços antes reservados a profissionais da mídia (SHIRKY, 2012, p. 51).

Condizente ao discurso de Shirky (2012), os ativistas passam a atuar como criadores de valor e significado. Discutem, reagem, espalham seus interesses e críticas pelas diferentes modalidades de mídia. Também querem ser ouvidas, atendidas, recompensadas e representadas. A participação do público representa uma oportunidade para aquelas instituições que saibam utilizar a manifestação pública ao seu favor, como uma oportunidade mercadológica de potencial sucesso (JENKINS, 2014).

Além disso, o engajamento também se mostra relevante na visibilidade e solução de dilemas sociais. O surgimento de novas ferramentas para arrecadar capital social e compartilhar mensagens de tolerância contribuem para causas relevantes, além de formar comunidades integralmente dedicadas a elas. Há dilemas reais e permanentes que podem apenas ser otimizados, nunca completamente resolvidos. “O repertório social humano inclui muitas dessas otimizações, que as ferramentas sociais podem amplificar” (SHIRKY, 2012, p. 160).

Em continuidade com essa visão, destaca-se ainda o conceito de ciberativismo¹¹, ao se levar em consideração o potencial da conexão em rede esclarecido por Lévy (1999). A compreensão dos processos de produção de bens simbólicos realizados nos movimentos sociais é relevante ao se analisar a hibridização da cultura contemporânea. Ao discutir a cibercultura como o principal aspecto da miscigenação, o ciberespaço é identificado como um lugar de incessante movimentação econômica, política e social.

O ciberativismo político dos grupos periféricos, que se apropria das novas tecnologias de informação para a construção de comunidades virtuais, também impulsiona o ambiente conectado com a idealização e produção de conteúdos culturais (SHAUN; AGUIAR, 2011). O potencial inovador da cibercultura passa a abranger mercadorias que se prolongam por mais de uma mídia, seja ela pertencente ou não a uma escala virtual.

Esse tipo de complexidade intersemiótica se estende por *games*, filmes, séries, programas específicos para internet e outros tipos de “entretenimento transmídia” (JENKINS, 2009). Quando realizada com qualidade, costuma fascinar consumidores, enquanto o mercado se mantiver insaturado mediante a sua gama de produtos. O gênero de super-heróis no cinema, atualmente, permanece como um sucesso comercial duradouro e resultante das Histórias em Quadrinhos.

Suas personagens de longa data, conforme Jenkins (2014), tiveram suas histórias construídas sobre centenas ou milhares de temas, a exemplo do Pantera Negra e sua representação das culturas africanas. À medida em que o interesse por múltiplas plataformas se impulsiona, levantam-se discussões quanto à definição e abrangência do engajamento do consumidor.

A cultura de participação esclarecida por Shirky (2011), somada ao uso da transmídia e intersemiose como ferramentas de engajamento de público, resulta na formação de navegantes ativos e cada vez mais conectados a ideais relevantes em uma perspectiva sociocultural. Esses consumeristas, cada vez mais engajados no ambiente on-line e atuantes em comunidades, ratificam sua forte adesão a produtos (e serviços) através do conceito de “fã”, esclarecido no tópico seguinte.

¹¹ Utilização da internet por grupos politicamente motivados que buscam difundir informações e reivindicações sem qualquer elemento intermediário com o objetivo de buscar apoio, debater e trocar informação, organizar e mobilizar indivíduos para ações, dentro e fora da rede (MARTINS, 2014).

2.4 Fãs e *prosumers*

Trabalhar com diferentes suportes significa lidar com uma abrangência de interações e comportamentos advindos de consumidores heterogêneos. O Twitter, por exemplo, atrai muitos “fãs de mídia”, que costumam ir ao cinema em dias de estreia. Suas conversas, de um modo geral, refletem a consciência e o interesse no lançamento de um filme (JENKINS, 2014). Outros sites e canais como o Facebook são usados pelas grandes massas para reagir às ofertas midiáticas, de modo que abrangem a chamada “audiência *cult*”.

Nos anos 90, o termo “*cult*” já era aplicado às preferências culturais de cunho popular. Seu público é exigente, uma vez que o conceito de “mídia *cult*” lida diretamente com os chamados “fãs”. Principais atuantes da cultura participativa, representam mais do que uma agregação de indivíduos. São consumeristas de longa data, que pressionam e compartilham o seu ponto de vista sobre determinada marca ou produto através de fóruns e redes sociais (JENKINS, 2014).

Suas interações nas plataformas on-line os caracterizam como usuários conectados na rede, com o potencial para promover causas e valores difusos. Afinal, no momento em que as tecnologias reestruturaram o uso da percepção, manipulação e imaginação (LÉVY, 1993), estes se empoderam através do uso determinante da informação, da comunicação digital e da convergência de diferentes mídias, cada vez mais acessíveis pela sociedade globalizada.

Grupos de adolescentes amantes de animes, *mangás*, cinema, Histórias em Quadrinhos e outras vertentes da cultura pop são exemplos daqueles pertencentes a comunidades práticas e que estão sempre em atividade. Suas discussões no ambiente virtual, como menciona Shirky (2012), incluem longos tópicos dedicados à crítica mútua de produtos do gênero de super-heróis. Como exemplo, contextualiza-se o termo informal “*hater*”, que costuma ser utilizado para referenciar usuários, fãs ou não, engajados dentro desses mutirões em uma perspectiva negativa. Costumam manifestar discursos de ódio, normalmente polêmicos, de forma constante e proposital.

A manifestação do fã, seja ela positiva ou negativa, ocorre principalmente no ciberespaço, que é pertinente para o coloquialismo das relações humanas. Os leitores em tela são mais “ativos” que os de papel, de modo que o computador atua como um operador de potencialização da informação (LÉVY, 2011). Logo, os

benefícios atrelados à complexidade das tecnologias e do universo cibرنético, contextualizados por Lévy (1999; 2011), impulsionam o poder de decisão e comunicação do fã, reforçado por Jenkins (2014), de forma que o torna cada vez mais empoderado.

Atuantes em um mundo globalizado e conectado, esses seguidores e admiradores propagam dados tanto relevantes, em uma perspectiva sociocultural, como danosos, a exemplo de boatos e informações infundamentadas. Logo, buscam-se, por parte das grandes marcas, estratégias para o seu engajamento positivo através do diálogo saudável e direto, como é o caso da *San Diego Comic-Con*, principal feira de quadrinhos dos Estados Unidos que atrai mais de 130 mil entusiastas ativos a cada ano (JENKINS, 2014).

Figura 2. Gama de fãs circulantes na *San Diego Comic-Con*



Fonte: *The San Diego Union Tribune* (2018). Disponível em: <<http://www.sandiegouniontribune.com/entertainment/comic-con/sd-comic-con-2018-ultimate-survival-guide-san-diego-comic-con-20180625-htmlstory.html>>. Acesso em: 19 setembro 2018.

A força do vínculo entre os fanáticos e uma propriedade, seja ela um produto, conceito ou ideologia, é reforçada pelo contato e recompensa desse público, através de ações promocionais. Afinal, grande parte desse nicho possui blogs, contas no Twitter e seguidores influentes nos sites e páginas em redes sociais com um foco em tal segmentação (JENKINS, 2014). Apresentações de empresas na *Comic-Con* e outros eventos de propósitos similares funcionam como um pilar de sucesso da promoção de vendas, uma das disciplinas substanciais de comunicação integrada ao planejamento de marketing.

Ações criativas realizadas para agradar e entusiasmar os líderes de opinião dos fãs envolvem, por exemplo, conteúdos secretos e exclusivos, para impulsionar discussões on-line. O foco das empresas no fã se mostra tão crescente que esse tipo de abordagem se estende para anúncios em revistas, jornais e outdoors.

Até poucos anos atrás, a indústria cinematográfica via a *Comic-Con* como um meio de recompensar seus fãs dedicados, ao fornecer acesso antecipado exclusivo a imagens de seus próximos lançamentos. Hoje, essa demanda por exclusividade deu lugar a mais publicidade, através de ações que envolvem o uso de *hashtags*¹² para se relacionar com os fãs, por exemplo.

Produtores e marqueteiros procuram tornar esses públicos engajados e ativos, ainda mais no que diz respeito aos *geeks*¹³. É importante o modo como as empresas de mídia percebem o valor que estes criam em torno de sua propriedade (JENKINS, 2014), algo que inclui o que se diz respeito à relevância da representatividade racial e de outras vertentes socioculturais dentro da indústria cinematográfica. O empoderamento do fã como um consumidor ativo e ator político leva ao conceito de *prosumer*, que conclui a contextualização da cultura da convergência como um tópico congruente ao presente projeto.

O autor Alvin Toffler (1980) utiliza esse neologismo para esclarecer como os atuais adquirentes de conteúdo, especialmente aqueles assumidos como admiradores de determinada marca, produto ou convicção, passam a desempenhar também um papel de produtor e influenciador. Complementar a conceitos dissertados neste capítulo, o *prosumer* é, também, o cidadão, fã e ativista que produz e compartilha sua visão, dentro e fora do ambiente virtual.

No momento em que a convergência cultural e midiática aproxima um produto do seu *target*, sua voz passa a causar um crescente impacto, seja ele benéfico ou desfavorável. Embora o entendimento de prossumerismo se dirija mais à produção de informação e entretenimento por parte de ativistas, sejam eles um grupo de massa ou específico, é pertinente compreender como se dá, a princípio, o seu

¹² Recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos em alguns sites, através do símbolo "#", antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual esse símbolo se relaciona: algumas hashtags espalham boas ideias pelas redes sociais (DICIO, s.d.). Acesso em: 13 maio 2018.

¹³ Quem se torna um especialista em tudo o que é do seu interesse. Tem interesse em videogames, filmes, séries, colecionar objetos, brinquedos, tecnologia, computação, códigos, música eletrônica (DICIO, s.d.). Acesso em: 13 maio 2018.

empoderamento e capacidade de provocar grandes transformações perante empresas e seus respectivos produtos.

Jenkins (2014) ressalva que a relevância da “participação” dos fãs não se limita a essas suas criações midiáticas. Valorizá-los, inclusive, é uma forma apta de engajar atitudes que visibilizem conteúdos promocionais. Suas comunidades criam e compartilham conceitos capazes de favorecer ou comprometer determinado bem, que transita em diferentes plataformas.

Segue o exemplo da animação *Avatar: A Lenda de Aang* (*Avatar: The Last Airbender*, 2005), do canal de TV Nickelodeon, que, ao ser adaptada para o cinema, se tornou alvo de fortes polêmicas, motivadas por questões étnicas. O multiculturalismo presente na obra original foi determinante para o engajamento dos fãs, enquanto sua adaptação cinematográfica lhes provocou revolta ao utilizar atores brancos em seu elenco principal (JENKINS, 2014).

Considerada uma traição dos valores associados à propriedade primária, o filme *O Último Mestre do Ar* (*The Last Airbender*, 2010), adaptação *live-action* da animação, recebeu uma mobilização negativa vinda dos admiradores do desenho original, que exerceram pressão aos responsáveis pela adaptação. A discriminação em Hollywood, de modo geral, é alvo da união de forças entre os que visam combatê-la. A própria carência da representatividade negra no cinema, conforme Jenkins (2014), é respondida com críticas severas e visibilizadas pela internet.

Embora os produtores do filme tenham procurado ignorar o impacto do protesto sobre suas decisões em relação ao elenco, os fãs foram bem-sucedidos em reformatar o contexto discursivo do lançamento do filme, forçando os produtores a responder repetidamente a questões e aos desafios sobre sua política racial e assegurando que a eliminação das diferenças étnicas não fosse de jeito nenhum invisível. [...] os investimentos do grupo como fãs deram a eles uma posição poderosa a partir da qual desafiar os interesses corporativos (JENKINS, 2014, p. 216-217).

As comunidades ligadas em rede podem convocar as empresas que agem contra os seus interesses através de seu acesso a ferramentas de mobilização e de publicidade, o que pode provocar danos e consequências reais para instituições (JENKINS, 2014). O agrupamento de pessoas com a mesma opinião atua como um ativador cultural perante franquias de mídias de sucesso. Estas criam conteúdos próprios, a exemplo de memes, vídeos e paródias como forma de criticar ou celebrar

produções oficiais, como se identifica no impacto do filme *Pantera Negra* (2018) e sua repercussão.

Com a dissertação das temáticas que orbitam a cultura da convergência, comprehende-se sua relevância para a indústria do entretenimento, tal como a manifestação e compartilhamento de discursos atrelados a questões sociais e culturais. Em seguida, deve-se depreender conceitos como identidade e representatividade negra, transitadas das Histórias em Quadrinhos para a atual indústria cinematográfica e sua publicidade.

3 CONSUMO, IDENTIDADE E CULTURA

“É fácil derrubar e destruir. Os heróis são aqueles que fazem a paz e constroem.”

Nelson Mandela

Diante de uma sociedade cada vez mais multicultural, a representatividade se torna um fator substancial demandado pelo cidadão consumidor, fã, ativista e (ou) *prosumer*. Quando grupos e vertentes específicos são contemplados por grandes empresas, trata-se do uso de um marketing direcionado como uma estratégia mercadológica eficaz, uma vez que o uso contínuo de abordagens “indiferenciadas” já não funciona mais entre consumidores sofisticados e diversificados (GRIER *apud* SOLOMON, 2016).

A própria *McDonald's*, por exemplo, demonstra que grupos singulares propendem a definir tendências em seu cardápio, sejam eles étnicos ou culturais. O *feedback* resultante de mercadorias pensadas notadamente para o público afro-americano e suas preferências permite ilustrar o impacto comercial que a representatividade acarreta em um mundo cada vez mais globalizado e submisso ao capitalismo (SOLOMON, 2016).

Solomon (2016) ratifica o papel das comunidades e espaços virtuais para o atual comportamento dos consumeristas, de modo que estes se relacionam eletronicamente com produtores de conteúdo. Isso leva à criação e repercussão de valores, como visto na contextualização de fãs e *prosumers*. Um comprador, como aquele que possui uma necessidade ou desejo impulsionador para um ato de compra, passa a considerar questões como identidades sociais e culturais, contextualizadas ao longo deste tópico, antes de tomar suas decisões mercantis.

O poder de voz pertencente a esse mesmo consumidor, tão empoderado pela era moderna, passa a exigir suas preferências conforme tudo aquilo com o que se identifica ou se apropria simbolicamente. A cultura popular, ou seja, filmes, músicas, esportes, livros e todas as outras formas de entretenimento produzido e consumido pelo mercado de massa, conforme Solomon (2016), desempenha o papel de produto e inspiração para diferentes empresas. Esse impacto cultural, difícil de ser ignorado na contemporaneidade, influencia na forma como o mundo é sugestionado conforme as preferências coletivas de grupos socioculturais multifários.

Diante de tais considerações, é válida a percepção de como a representatividade étnica se mostra cada vez mais relevante para o meio publicitário e mercadológico, de um modo impactante. Os diferentes níveis culturais existentes em sociedade, desde a elite eurocêntrica de classe alta às manifestações populares da periferia social, passam a exercer influência direta nas relações de oferta e demanda, existentes na indústria de massa. Mediante o objeto de estudo *Pantera Negra* (2018) e sua publicidade, é impreterível a apreensão da identidade e cultura humana como aspectos influenciadores na comunicação, sobretudo dentro de um contexto comercial.

Percebe-se, na atualidade, uma crescente cobrança no que diz respeito à representação de comunidades historicamente discriminadas que, embora contempladas em peças publicitárias, são retratadas através de imagens estereotipadas – de forma que se espelha muitas vezes nos preconceitos existentes nos produtos culturais. Como exemplo, no que se refere à etnia negra, pode-se destacar uma campanha para promover sabonetes, que utilizou uma modelo negra trocando suas vestes para se transformar em uma mulher branca.

Em outro caso, uma loja de departamentos retratou a imagem de uma negra submissa a uma branca, em uma publicidade criada para “homenagear” o Dia Internacional da Mulher. Em outro momento, uma loja varejista de moda multinacional aplicou em seu catálogo a fotografia de uma criança negra, que vestia um casaco estampado com a frase “O macaco mais legal da selva”, escrita em inglês (OABRJ DIGITAL, 2018). Todos esses casos ilustram situações reais e racistas, que repercutiram nas redes sociais ao longo dos últimos anos e reforçam um almejo pela versada representação de grupos socioculturais reprimidos em sociedade.

A pirâmide hierárquica de necessidades humanas propostas por Abraham Maslow na década de 50, relevante para o estudo do marketing, reforça a existência de desejos como pertencimento e aceitação para o ser humano, o que corrobora sua aspiração pela identificação de culturas e etnias dentro de produtos culturais dissímeis e suas respectivas divulgações. Como compreendido no estudo da cibercultura, a conexão ao espaço virtual reforça ainda mais a manifestação dessas instâncias, em grande escala de visibilidade através das redes sociais.

Além disso, entende-se, em um papel de observador, que a repressão social e histórica de determinados grupos contribui para que seus correspondentes

consumidores valorizem inevitabilidades como a autoafirmação, ainda que suas motivações sejam complexas e variadas (SOLOMON, 2016).

Correspondente a um vasto campo de estudo, o comportamento do consumidor contempla primordialmente o reconhecimento de um problema a ser解决ado, sejam quais forem as suas influências culturais na aderência de um dado bem tangível ou intangível. Ao se tratar de um produto que, aparentemente, soluciona os dilemas identificados na carente e controversa representatividade negra no meio cinematográfico, pode-se supor que parte do sucesso comercial do filme *Pantera Negra* (2018) está atribuído à sua consonância com a demanda de um público afro-americano e sua ânsia por representação; postulação esta que é reforçada pelo bom desempenho doméstico (EUA) do longa-metragem abordado no estudo do seu impacto comercial.

A cultura corresponde à personalidade de uma sociedade, de modo que engloba tudo aquilo produzido pelo ser humano. É oportuno reforçar que toda forma de consumo não pode ser corretamente compreendida sem que se considere, antes, o seu contexto cultural. “A cultura é a ‘lente’ através da qual as pessoas veem os produtos” (SOLOMON, 2016, p. 79). Ideologias e estruturas sociais moldam a realidade. Os distintos valores e movimentos culturais podem ser amplos ou específicos, além de influenciarem na adesão de determinada marca ou produto (SOLOMON, 2016).

Estilos musicais como *jazz* e *hip-hop*, por exemplo, refletem tendências sociais profundas da comunidade negra. Surgem como afirmações pertencentes a um grupo relativamente minoritário e que se disseminaram a partir da sua popularidade entre diferentes facções. “Os produtos culturais podem ir longe, muitas vezes ultrapassando fronteiras nacionais e até mesmo continentes” (SOLOMON, 2016, p. 88). Cabe às empresas se esforçarem para acompanhar a complexa e multicultural expressividade humana, manifestada no campo social que, de acordo com Bourdieu (2004) é determinado pelo valor dos bens simbólicos existentes na sociedade.

Em contrapartida, a cultura de massa busca agradar ao gosto comum de um público não tão diferenciado. Correspondente a um longa-metragem comercial, *Pantera Negra* (2018) utiliza uma abordagem, no mínimo, atípica para o gênero de super-heróis no cinema. Estes costumam possuir características previsíveis, determinados por padrões hollywoodianos bem definidos pelas chamadas fórmulas

culturais. São nelas que os clichês e estereótipos se estabelecem, dentro e fora da sua indústria (e sua publicidade). A persona branca, masculina e americana, de estética eurocêntrica, assume o papel do herói, enquanto o negro incumbe-se de posições secundárias, normalmente cômicas, depreciativas ou subservientes (STAM, 2003).

Ao considerar também que o campo da semiótica contribui para compreender o modo como as empresas utilizam símbolos culturais para criar significados, a linguagem visual e a imagem corporal afrodescendente, existentes na esfera do campo social e posteriormente retratadas pela publicidade cinematográfica, devem ser devidamente assimiladas. Devido ainda à necessidade de averiguar como se constroem as divisões e apropriações culturais entre um grupo e outro, tanto quanto a construção de arquétipos nas produções da indústria de massa, deve-se absorver também conceitos como subcultura, campo social e identidade, mediante ainda a inevitabilidade de depreender o potencial da representatividade étnica no mercado.

Discursa-se, a seguir, sobre temas relevantes para o discernimento da representatividade negra dentro de uma natureza comercial e sociocultural.

3.1 Grupos de referência e vertentes culturais

Solomon (2016) é um dos preeminentes autores que abordam o contexto de “subcultura” dentro da perspectiva do marketing. Segundo ele, sua concepção é dada por um grupo autoperpetuador de consumidores unidos por laços em comum, sejam eles raciais, ideológicos, genéticos, geográficos, assim como outros. Sua atribuição muitas vezes errônea ao conceito de “minoria” é resultante dos julgamentos de uma cultura prevalecente em relação às demais, não necessariamente por aspectos quantitativos.

Costumam ser decorrentes de questões históricas e sociais, como se pode observar com o domínio afrodescendente. Na atualidade, os consumidores se esforçam continuamente para que as suas identificações culturais não sejam subjugadas pela corrente da sociedade predominante, conforme o escritor.

Já os grupos de referência correspondem a um “indivíduo ou grupo real ou imaginário que influencia as avaliações, aspirações ou o comportamento de um indivíduo” (SOLOMON, 2016, p. 368). Influenciam de maneira informativa, utilitária ou expressiva de valor. São formados por associações socioculturais ou por

aspirações a algo ou alguém que se admira. O conceito de identidade é definido a partir do poder simbólico pertencente a grupos e subgrupos que, de fato, influenciam no comportamento do indivíduo dentro do campo social (BOURDIEU, 1998).

Solomon (2016) salienta a existência de três grandes subdivisões da cultura americana: a afro-americana, a hispano-americana e a ásio-americana. Conforme o autor, os afro-americanos correspondem a mais de 13% de toda a população estadunidense. “Muitas empresas reconhecem o enorme impacto dessa subcultura racial e se esforçam para identificar produtos e serviços que atraiam esses consumidores” (SOLOMON, 2016, p. 420).

Um arquétipo desse reconhecimento pode ser ilustrado pela empresa *Protect & Gamble*, que destinou um programa televisivo dedicado integralmente a mulheres negras após uma pesquisa entre afro-americanas apontar que a mídia, predominantemente, não as representa de forma adequada. Além disso, também pode-se inferir que esse mesmo público considera que a publicidade o espelha de uma forma mais negativa do que outros grupos raciais, o que deve causar um impacto prejudicial para as novas e futuras gerações, principalmente.

O uso de mídias e divulgações voltadas diretamente para o nicho afro-americano, ainda conforme Solomon (2016), resulta em diferenças às vezes sutis, porém relevantes. Inclusive, muitas dessas diferenciações são resultantes de pesquisas de mercado que apontam especificidades comportamentais nos consumidores negros, motivadas por questões históricas, sociais e culturais. As concepções imagéticas de símbolos, identidades e valores tendem a variar entre comunidades distintas.

A diversidade de grupos de referência e múltiplas culturas ainda possuem relevância mercadológica, uma vez que US\$ 600 bilhões por ano em produtos e serviços são gastos por cidadãos socialmente menosprezados. Além disso, embora que contra a vontade de figuras poderosas, como o presidente americano Donald Trump, a imigração em território americano pode chegar até 13% da população estadunidense em 2050, segundo o autor, o que contribui para a diversidade e interação entre diferentes segregações culturais e suas tradições.

Em contrapartida, deve-se lembrar que a esses mesmos imigrantes, por questões econômicas e sociais, são aferidos a crimes como estupro e assassinato, quando então são detidos em condições deploráveis por associações à

criminalidade, assim como ocorre com os afrodescendentes dentro e fora dos Estados Unidos (DUVERNAY, 2016).

A partir da concepção ante a relevância da representatividade efetiva e do respeito à heterogeneidade humana, observa-se que a publicidade, assim como empresas e seus produtos comerciais, ainda se depara com o uso contínuo de estereótipos. Até mesmo a generalização de um mesmo e único grupo subcultural como forma de intentar estratégias representativas, segundo Solomon (2016), costuma ser impreciso e reforçar preconcepções, quando estas não são corretamente utilizadas ou devidamente desconstruídas.

Várias subculturas têm fortes estereótipos que são associados a elas pelo público em geral. Nesses casos, as pessoas externas presumem que os membros do grupo têm determinados traços. Infelizmente, um comunicador pode moldar o mesmo traço como positivo ou negativo, dependendo de suas tendenciosidades ou intenções. (SOLOMON, 2016, p. 418).

Ao se tratar de uma produção americana e que visa também contemplar uma gama de fãs heterogêneos ao redor do mundo, também é congruente o aprendizado de conceitos como aculturação para a apreensão de *Pantera Negra* (2018) como objeto de estudo. Conforme Solomon (2016), trata-se do processo de movimento e adaptação de determinada cultura para outro grupo ou nação, reforçado pela globalização e casos de apropriações culturais diversas.

É o processo de aprendizagem do sistema de valores e comportamentos de uma outra cultura, assim como a compreensão de consumidores e mercados de outros países. Tal concepção é necessária, consoante ao fato de o longa-metragem estadunidense se apropriar de propriedades simbólicas das matrizes afrodescendentes para representar uma nação africana fictícia das Histórias em Quadrinhos.

O processo de aculturação também se mostra pertinente na compreensão do campo social, uma vez que este contempla uma gama de grupos e vertentes culturais que se chocam e se influenciam constantemente em sociedade, principalmente através da migração e da miscigenação racial.

Entretanto, dentro de uma perspectiva mercadológica, a transição e tradução de conceitos de um grupo cultural para outro pode representar um desafio comercial para as grandes empresas. Por exemplo, a publicidade do filme *Pantera Negra* (2018) e sua identidade afro-americana, parcialmente antecipada neste segmento de

capítulo, sofreu adaptações para o mercado chinês, o que se mostrou insuficiente para que os asiáticos se identificassem com a produção (OLIVEIRA, 2018).

De acordo com o *China Box Office* (s.d.), mesmo diante de uma boa abertura de 66 milhões de dólares, o filme possuiu problemas de tradução com os seus diálogos, o que comprometeu sua identificação com fãs chineses. É dito que tal problemática não se justifica por racismo, uma vez que a ideia de etnia na China seria mais ligada a um fator político e cultural do que racial. Além disso, a mitologia de *Pantera Negra* (2018) fora associada às políticas globais dos EUA, o que teria criado a sensação de que o longa celebra o modo de vida americano ao invés do imaginário africano (OLIVEIRA, 2018).

De um modo geral, grupos de referência também costumam ser persuasivos perante valores culturais, a partir de um conceito intitulado de poder social. É a sua capacidade de fazer com que uma persona exerça atos diferentes dos quais costuma realizar, devido a uma abundância de motivos possíveis. Criam tendências visuais e comportamentais conforme exercem sua influência na sociedade, o que contribui ou dificulta a absorção de uma cultura por outra (BOURDIEU, 2004).

Vestimentas, pronúncias e maneiras características de determinada comunidade são vistas como propriedades essenciais e pessoais, estejam presentes em grupos considerados tradicionais ou exóticos. São ainda mais relevantes ao se considerar que toda ação é desencadeada com base em uma percepção simbólica e particular do mundo. Ademais, busca-se, a seguir, instruir-se como se dão essas concepções dentro do campo social em sua complexa discrepância.

Figura 3. Pôster do filme *Pantera Negra* (2018) para o mercado chinês



Fonte: Diversão R7 (2018). Disponível em: <<https://diversao.r7.com/o-vicio/pantera-negra-ganha-cartaz-impressionante-na-china-18022018>>. Acesso em: 15 setembro 2018.

3.2 Campo social

A noção de *campus* de produção cultural, onde incluem-se aqueles voltados para entretenimentos, religiões ou políticas, surgem a partir da necessidade de explicar como se dá a existência de produtos culturais. As divergências sociais presentes na estrutura de um campo justificam a comparência de controvérsias e conflitos entre valores que se divergem entre si, de modo que a sua heterogeneidade equivale a uma natureza primordial. É um lugar de confronto entre os agentes que o integram, variável conforme leis, regras e características específicas (PEREIRA, 2015).

Segundo Bourdieu (2004), toda extensão “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22-23). São integrados por indivíduos e instituições de diferentes status, como um amplo espaço de convivência e transformação. A própria legitimação e posse de bens materiais ou figurativos é um dilema presente em seu interior, assim como a existência de posições dominantes e dominadas. Além do social, existem âmbitos de natureza como a literária, científica, intelectual, musical e política, por exemplo (PEREIRA, 2015).

A estrutura de um campo social permite o estudo das suas propriedades e trocas simbólicas. A sociedade opera com base nas relações de força manifestadas dentro da área da significação, onde se incluem atitudes, práticas e discursos discordantes (BOURDIEU, 2004). Determinantes no estudo das ciências humanas, conceitos como ideologia e cultura se tornam precisos para o discernimento do *campus*. A reprodução e transformação de sua estrutura ocorre pela mutação ou adesão de sistemas simbólicos, que dispõem de funções urbanas a serem devidamente exercidas.

A cultura produz uma representação do mundo social imediatamente ajustada à estrutura das relações socioeconômicas que, doravante, passam a ser percebidas como naturais e, destarte, passam a contribuir para a conservação simbólica das relações de força vigentes (BOURDIEU, 2004, p. 12).

Diante desse contexto, convém conhecer de onde códigos e representações culturais se originam antes de se estabilizarem dentro de um campo, especialmente aquelas relações simbólicas e não-simbólicas que condizem com a temática do presente projeto. O poder emblemático por trás dos fundamentos sociais e seus significados pode ser compreendido na forma como grupos dominantes, presentes em uma dada formação societária, legitimam e sancionam sua dominação perante “subculturas”.

Também é relevante constatar que a humanidade não classifica círculos culturais com a intenção de justificar suas relações e interações, mas sim por uma necessidade lógica que os levam a compreender sua existência através de grupamentos e divisões propostos por modelos existentes em sociedade, com sistemas alegóricos e linguagens específicas (BOURDIEU, 2004).

Os seres humanos são animais sociais. Todos nós fazemos parte de um ou mais grupos, tentamos agradar aos outros e observamos o comportamento de outras pessoas para encontrar pistas sobre o que devemos fazer em ambientes públicos. [...] Podemos nos esforçar ao máximo para agradar aos membros de um grupo cuja aceitação cobiçamos (SOLOMON, 2016, p. 367).

Segundo Bourdieu (2004), o convívio coletivo depende não unicamente da estrutura do grupo no qual se realiza, mas também daquelas existentes nas relações de classe. As lutas entre nichos multiformes, assim como seus processos sócio históricos correspondentes, resultam na imposição de culturas particulares que devem se sobressair no campo social, o que contribui no surgimento de vertentes discriminadas pela sociedade. Porém, é válido ressaltar que uma apropriação cultural não ocorre exclusivamente por meio de imposições brutais, embora várias possam servir de exemplo ao longo da história da humanidade.

Além disso, também deve-se assimilar outro conceito relevante e esclarecido por Bourdieu (2004), que permite ponderar o comportamento humano: o chamado *habitus*. Este constitui a matriz que dá conta da série de estruturações e reestruturações pelas quais passam divergentes experiências dentro do *campus*. Trata-se não apenas das práticas exercidas por diferentes personas, mas também suas produções de bens alegóricos e materiais. As relações sociais e suas transformações abrangem das mais simples e banais ações do cotidiano até a adesão a uma determinada vertente cultural ou ideológica.

As representações existentes no campo social costumam ser manifestadas na forma de atos sociopolíticos, práticas e costumes, que também envolvem bens relacionados a uma determinada vertente cultural. Afinal, na instância que a sociedade se ergue pela existência de um consenso mínimo de valores, estes se mostram relevantes a ponto de lhe instaurarem um estado de isonomia ou anomia dentre a população, conforme suas transformações. Coletivizam o comportamento humano, como reitera a consciência coletiva evidenciada por Emile Durkheim (2010).

Mediante os interesses e reivindicações dos grupos sociais, produtos como o filme *Pantera Negra* (2018) derivam-se de condições simbólicas e culturais, assim como das suas relações significantes com a cultura e identidade afrodescendente.

3.3 Cultura e identidade afrodescendente

Para a compreensão da cultura afrodescendente, antes é necessária a assimilação do que significa identidade. Seja individual ou coletiva, ela está sempre atrelada à forma como os indivíduos se relacionam com os valores da sociedade e as vertentes culturais das quais se integram. Pode ser definida como “um conjunto de características próprias de um grupo que possibilitam o reconhecimento, identificação ou sentimento de pertencimento” (IBC, 2016, p. 13). É um fenômeno complexo, presente em todas as congregações humanas, que abrange experiências de difícil apreensão empírico-histórica (DIEHL, 2002).

No papel de observador não pertencente a tal grupo social, comprehende-se que identidade afrodescendente está, inevitavelmente, atrelada à concepção do racismo contra a etnia negra ao decorrer dos séculos vividos pela humanidade. As primeiras classificações de “raça” surgiram do antropólogo francês François Bernier no ano de 1684, em uma obra sobre as diferentes espécies que habitam o mundo. Posteriormente, o termo foi substituído entre pesquisadores por “etnia”, que ganhou espaço nas ciências sociais. Este possui o significado de um agrupamento de humanos ligados por laços culturais, sem associações únicas a atributos físicos. (IBC, 2016).

O processo de construção identitária é dinâmico, as identidades estão em constante estado de (re)construção e um mesmo indivíduo exerce simultaneamente várias identidades, por exemplo, sexual, musical, religiosa, política, entre tantas outras. [...] Identificar-se como negro, no Brasil, é se posicionar contra uma imagem negativa. Essa expressão, geralmente, é empregada como sinônimo de pobre, criminoso, marginal, entre outros (AQUINO; JÚNIOR; SILVA, 2014, p. 81).

No Brasil, Somente a partir do século XX que manifestações, rituais e costumes africanos começaram a ser aceitos e celebrados como expressões artísticas. O país detém a maior população de origem africana fora da África e, isto posto, a cultura desse continente exerce uma grande influência, principalmente na sua região Nordeste. Hoje, observa-se que as tradições afro-brasileiras, também resultantes das influências portuguesas e indígenas, se manifestam, por exemplo, na música e na dança, através do samba, maracatu e da capoeira, na religião, com o candomblé e a umbanda, em festividades como o carnaval e na culinária, com pratos como feijoada e acarajé (FAECPR, s.d.).

Figura 4. Bloco Malagasy promove a cultura afro-brasileira



Fonte: CEERT (2017). Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/19689/cultura-afro-brasileira-e-indigena-na-educacao-do-sesc-desdobramentos-de-uma-discussao>

Com a chegada dos africanos ao Brasil durante o período da escravidão, seus costumes, crenças e convenções culturais passaram a influenciar na identidade brasileira (FRANZIN, 2015). Hoje, suas manifestações artísticas também são formas de dar voz a jovens negros, que se expressam contra a violência, as drogas, o alcoolismo, bem como a discriminação racial (SASSE; SILVA, 2013). Ao contrário do *apartheid* da África do Sul ou de outros cenários ao redor do mundo, a sociedade brasileira não pode ser dividida objetivamente entre “brancos” e “negros”, devido à sua considerável miscigenação racial – o que não significa a ausência do racismo no país, como se verifica na contemporaneidade.

No que diz respeito à cultura afro-americana, referente às contribuições afrodescendentes para a nação estadunidense, seria necessária uma compreensão profunda da história da África e da América, assim como se deu o seu sistema escravocrata. Após o período da escravidão, o negro teria sido despojado culturalmente de suas raízes africanas e "forçado a se aculturar ao estilo de vida e doutrina de seu opressor branco", dentro de uma visão extremista. Entretanto, diferentemente dos europeus e sua cultura relativamente homogênea, os africanos carregaram consigo heranças simbólicas variadas e abrangentes (MARQUESE, 2004).

A música de raiz afro-americana, a exemplo de matrizes como *jazz* e *blues*, atua como expressão cultural de resistência dos negros vítimas da discriminação

desde a sua origem. Assim como outras atividades, ela traduz tanto contextos históricos como identidades socioculturais, a exemplo das composições de Nina Simone (GARBUS, 2015). Também representa um impacto comercial ao se levar em consideração que, além da sua criticidade, também se destaca por representar um negócio multimilionário e contemplado por um público de diferentes etnias (RAMOS, 2017).

Na essência das culturas africanas, pode-se destacar também sua diversidade de símbolos e vestimentas. Pratos e discos de lábios, usados tradicionalmente por tribos como Mursi e Surma, serviram de inspiração visual para o filme *Pantera Negra* (2018), assim como trajes que homenageiam o povo Maasai, da África Oriental. Outros povos como Ndebele, Lesoto, Himba, Dogon e Turkana também se caracterizam por vestes e acessórios matizados, igualmente exaltados pelo longa-metragem (COVRE, 2018).

Figura 5. Paralelo entre povos Maasai, Surma e Mursi e o filme em análise



Fonte: PAPEL POP (2018). Disponível em: <<http://www.papelpop.com/2018/02/referencias-do-figurino-de-pantera-negra/>>. Acesso em: 16 setembro 2018.

Por outro lado, pode-se constatar dentro de um contexto atual as diferentes maneiras de como estereótipos da etnia negra se mantêm representados, não apenas no cinema, mas em toda a indústria cultural e sua proliferação nas mídias digitais. As práticas racistas são registradas desde a antiguidade, quando o ser humano começou a elaborar pensamentos sobre superioridade e inferioridade entre grupos, com base em fenótipos e valores religiosos.

Em 1758, o biólogo sueco Carolus Linnaeus, classificou biologicamente o homem africano como “preto e preguiçoso”. A própria escravidão, como um ápice histórico de desumanidade, marcou a população oriental e ocidental ao longo de toda a história humana. Hoje, essas discriminações são identificadas no ambiente doméstico, virtual, esportivo, corporativo, acadêmico, entre outros integrados à sociedade (IBC, 2016).

Conforme especialistas na história africana, os primeiros encontros entre portugueses e africanos já foram marcados pela hostilidade e pela ambição humana, que logo resultaria nos futuros períodos de escravidão da população negra. Na atualidade, o racismo ainda é combatido através da luta contra a exclusão social. No Brasil, o preconceito racial contra o negro permanece persistente dentro das relações sociais que marcam o cotidiano na sociedade (SILVA; RIBEIRO *apud* IBC, 2016).

Entre os maiores destaques da luta negra a favor da sua cultura e identidade ao redor do mundo, o líder sul-africano Nelson Mandela dedicou sua vida política à luta pela igualdade racial, reconhecido como um símbolo internacional dentro da causa. Já nos Estados Unidos, o partido dos Panteras Negras foi uma organização política revolucionária, fundada em 1966, que buscava proteger os bairros negros e seus residentes da brutalidade vinda das forças policiais.

Posteriormente, o grupo defendeu o armamento dos negros como uma forma de solucionar tal causa. Entre os anos de 1960 e 1970, surgiu ainda o movimento americano “*Black Power*”, que enfatizou o orgulho racial negro e a promoção de interesses sociais coletivos (IBC, 2016).

A construção da identidade afrodescendente representa uma maneira encontrada pelos grupos dominados de manipularem as representações de si, que são reproduzidas pelos discursos dominantes no interior da sociedade em que vivem, seja para desafiarem e inverterem seus significados ou mesmo para legitimar o que vem sendo reproduzido (AQUINO; JÚNIOR; SILVA, 2013, p. 82).

A liberdade concedida a todos os americanos, pela Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos, dispõe de brechas no momento em que a etnia negra passa a ser associada radicalmente à criminalidade e demais malefícios para a sociedade. Dessa forma, os valores da escravidão permanecem atuantes no cotidiano do afro-americano na modernidade. “A história não é algo que acontece por acaso. Somos os produtores da história que nossos antepassados escolheram.

Se somos brancos, se somos negros, somos os produtos da história que nossos antepassados não escolheram" (DUVERNAY, 2016).

Figura 6. Os Panteras Negras, surgidos na década de 1960



Fonte: Super Interessante (2018). Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foram-os-panteras-negras/>>. Acesso em: 17 setembro 2018.

O estudo das raízes culturais africanas e das atividades características da comunidade negra permite identificar o quanto duradouro é o preconceito racial, perceptível dentro e fora do Brasil. Em 2013, no Dia da Consciência Negra, estátuas comemorativas que remetiam aos orixás renderam manifestações radicais por parte de grupos evangélicos contrários ao Candomblé e práticas originadas dos povos na África. Tal episódio não é isolado, uma vez que o futebol brasileiro, por exemplo, também é marcado por insultos e difamações motivadas por questões raciais (RASSI, 2006).

No campo social, observam-se diversas manchetes em jornais e denúncias nas redes de relacionamento referentes a práticas racistas e outros crimes de ódio. Desde 2013, a hashtag "#BlackLivesMatter" é utilizada como uma forma de denúncia para buscar respostas vindas do poder público a respeito da morte de jovens negros causadas por policiais em situações controversas. No Brasil, casos de discriminação envolvendo famosos, jornalistas e futebolistas negros ganham repercussão pela mídia e geram debates sobre o tema em plataformas on-line e off-line (IBC, 2016).

Já de acordo com o *campus* da psicologia, o preconceito se forma a partir de bases cognitivas, impulsionado por sentimentos hostis somados a crenças

estereotipadas e deturpadas da realidade. Sua intensidade varia conforme cada indivíduo, seu repertório cultural e sua consciência social (Rodrigues *et al.*, 2003 *apud* IBC, 2016).

Considerada a identidade e representatividade da cultura afrodescendente, assim como a complexidade do consumidor dentro do meio social, a presente monografia segue sua pesquisa exploratória na apreensão de como se deu a representatividade negra nas Histórias em Quadrinhos e no cinema, tal como a relevância das mitologias de super-heróis na valorização de grupos historicamente agravados.

4 REPRESENTATIVIDADE NA PRODUÇÃO CULTURAL

“Hollywood foi tantas vezes criticada por produzir fantasias e sonhos, mas são os sonhos que nos ajudam a sobreviver à realidade.”

David O. Selznick

Concomitantemente com os estudos culturais e as diferentes interpretações da atual indústria cultural, busca-se compreender as relações entre a representação, o real e o imaginário. O mercado cinematográfico, por exemplo, muitas vezes é denunciatório contra as práticas exploratórias que opõem povos subjugados. Pensar de maneira crítica perante mídias e produtos, na atualidade, “incluir repensar como imagens e ícones associados a certas etnias e nacionalidades são representados e atualizados na produção cultural contemporânea” (CORSEUIL, 2012, p.29).

O lazer está diretamente associado ao consumo de bens culturais, que costumam demandar tempo e dinheiro de seus consumidores. Nesse contexto, a juventude é o nicho que mais dispõe de tempo livre e dedicação crescente aos produtos da cultura popular. “Esse segmento é alvo de incontáveis campanhas de marketing dos mais diversos produtos, que se tornam importantes para a construção da identidade de seus consumidores” (SILVA, 2002, p. 42).

Nas Histórias em Quadrinhos e no cinema, plataformas chave para o entendimento desta monografia, a representatividade étnica apresentou momentos de notoriedade e indagação, em meio à riqueza narrativa que ambas proporcionam para públicos massivos e específicos, como o infanto-juvenil.

A adaptação do personagem Pantera Negra para a sétima arte pode ser considerada tão relevante quanto o seu surgimento original, ou seja, nos gibis. Marcante para a diversidade na indústria do entretenimento, não havia qualquer outro super-herói negro de proeminência na época, seja em plataformas impressas ou audiovisuais (SILVESTRE, 2018).

Os produtos culturais, possuidores de arte e fantasia, adquirem relevância na medida em que são inseridos no cotidiano do público consumidor através do seu consumo (SILVA, 2002), estejam eles presentes no cinema, na televisão ou nos quadrinhos. Logo, tal como o gênero de super-heróis, deve-se compreender, em detalhes, a comparência e pertinência da representatividade étnica dentro dos

espaços que levaram a construção do objeto de estudo *Pantera Negra* (2018): as HQs e o mercado cinematográfico, na sua devida ordem.

4.1 A presença negra nas Histórias em Quadrinhos

Surgidas no século XIX e marcantes para os anais do centenário seguinte, as Histórias em Quadrinhos constituem uma linguagem altamente dinâmica, além de equivalerem a um poderoso meio de comunicação que dialoga principalmente com um público infanto-juvenil. Além disso, “o discurso quadrinizado deve ser entendido como uma prática que se relaciona com o processo histórico e social de uma dada sociedade” (CIRNE, 1982, p. 18).

Com altos índices de consumo, os gibis influenciam outras mídias e são utilizados na difusão de ideias, propagandas, ideologias e na própria valorização da consciência crítica popular (LUYTEN, 1989). As fantasias presentes nos quadrinhos se mostram relevantes no tratamento de valores coletivos, ao abordar ou questionar estereótipos, preconceitos, papéis e expectativas sobre temáticas do cotidiano, como sexo, doutrinas, gênero, sexualidade, inclusão e diferentes formas de discriminação (SILVA, 2002).

A integração desses temas está diretamente relacionada com a visão de Cirne (1982), que reitera que não existem quadrinhos inocentes ou que não abordem, ainda que ocultamente, uma determinada política. Segundo o autor, HQs expressam filosofias, sejam elas conservadoras ou reacionárias. Estão dentro de contextos políticos e sociais e podem ainda romper com os esquemas da cultura de massa. A governação colonialista na África, por exemplo, teria aberto espaço para aventuras de personagens da ficção como Tarzan e Fantasma.

Se entendemos o discurso artístico e/ou literário como uma produção social de signos, como uma prática significante de significados concretos, nada mais justo que procurar na semiologia a base crítica para uma leitura materialista dos seus produtos ((CIRNE, 1982, p. 15-16).

Em abril de 1938, o Superman estreava nos quadrinhos como um grande fenômeno pela DC Comics. O herói que simboliza o conceito de “herói” está diretamente atribuído ao gênero masculino, além de ser branco e representar padrões estéticos apreciados presentemente pela indústria midiática. Em sequência,

outros personagens com habilidades ganhariam destaque, como Namor, Tocha Humana, Batman, Robin, Lanterna Verde, Flash, Shazam, entre muitos outros. Entretanto, por hora, nenhum era negro (FEIJÓ, 1997). “O mito do super-herói, e mais particularmente o do Super-Homem, é o mito da classe média americana em busca da autoafirmação” (CIRNE, 1982, p. 38).

A década de 60 foi marcada por mobilizações civis significativas, como o movimento “hippie”, que abordava temáticas como drogas, grupos minoritários, consumismo, movimento feminista, homossexualismo, liberdade sexual, entre outros já enxergados pela sociedade como tabus. Nas HQs, a inclusão consistente da luta contra o racismo, assim como o ápice da representação cultural afrodescendente, ocorreria somente décadas à frente.

Entretanto, nos anos 1960, personagens negros já ganhavam um destaque mais respeitoso nas revistas, antes mesmo do Pantera Negra surgir e se estabelecer como o “primeiro” super-herói afro a ganhar evidência dentro das Histórias em Quadrinhos (LIMA, 2013).

Sabemos que os quadrinhos veiculados pela cultura de massa atendem aos interesses das classes dominantes, satisfazendo os desejos, ocultos ou não, de vastas camadas da classe média. [...] Basta ver que não temos nenhum personagem negro expressivo: os heróis e as heroínas sempre foram brancos. Os elementos de cor são pouquíssimos. Inclusive no Brasil (CIRNE, 1982, p. 49).

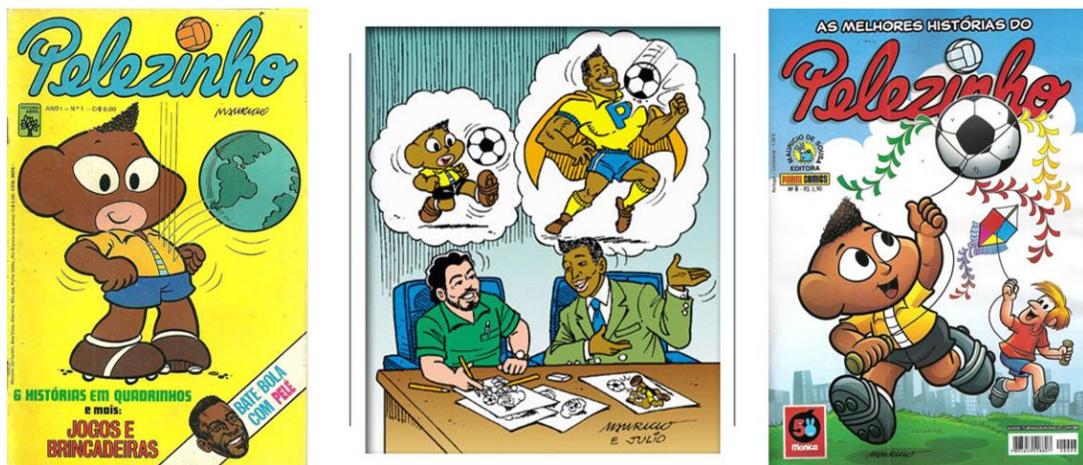
Em total contrapartida com a visão de Cirne (1982), o crítico francês Francis Lacassin objeta que acusar os quadrinhos de racistas é tão ridículo quanto delatar outros veículos como a televisão ou o rádio. O discurso do autor retruca, ao considerar que a omissão de negros e outras etnias é uma forma concreta de comportamento opressor. “Tarzan e o Fantasma reduplicam a ótica do colonizador branco no continente negro ou nas selvas de Bengala – e a reduplicam como imperialistas econômicos e culturais” (CIRNE, 1982, p. 53).

O racismo, logo, estaria implícito pela ausência de heróis negros nos quadrinhos, estrangeiros e nacionais, e explícito, pelo paternalismo. Como exemplo, a HQ *Tintim na África* promoveria, supostamente, a superioridade do homem branco. Têm-se “companheiros”, ou até mesmo servos, mas são raros os ícones negros que ocupam, de fato, posições relevantes na literatura dos quadrinhos (CIRNE, 1982).

No Brasil, personagens como Pelezinho (baseado em Pelé), lançado em 1976 por Mauricio de Sousa, eram raras exceções. Este chegou a ter mudanças estéticas recentes, ocorridas em 2013 (NALIATO, 2013). A partir de uma visitação à *Mauricio de Sousa Produções* (São Paulo), realizada pelo presente autor no dia 18 de outubro de 2018, pôde-se compreender que, embora essas transformações sejam interpretadas como tentativas de desconstruir (ou até mesmo reforçar) traços alusivos à discriminação racial, como os antigos lábios avantajados do protagonista, trata-se, na verdade, de uma acusação dita como inverídica.

Conforme o roteirista Flávio Teixeira, entrevistado para esta monografia, o que se sucedeu foram evoluções naturais da sua caracterização, como já ocorreram com vários dos personagens da Turma da Mônica ao longo de décadas de quadrinhos produzidos.

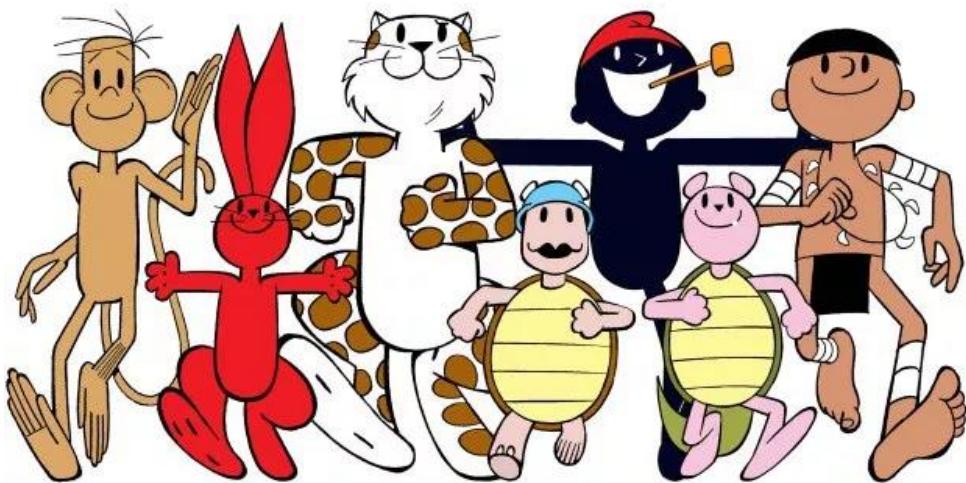
Figura 7. Personagem Pelezinho e suas mudanças estéticas



Fonte: Universo HQ (2007/2013). Disponível em: <<http://www.universohq.com/materias/pelezinho-historia-de-um-craque-dos-gibis/>> e <<http://www.universohq.com/noticias/msp-muda-o-visual-pelezinho/>>. Acesso em: 25 setembro 2018.

Antes disso, a representatividade negra nos quadrinhos nacionais florescia em 1960, com A Turma do Pererê, do autor Ziraldo. Sua figura central era o Saci, integrante do folclore brasileiro (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1989). No mesmo ano, Jeremias (ainda sem nome), da Turma da Mônica, nascia como um dos primeiros personagens de Mauricio de Sousa. Contracenava com Bidu e Franjinha, como coadjuvante nas revistas *Zaz Traz* e *Bidu*, da extinta editora Continental.

Figura 8. Turma do Pererê, protagonizada por personagem negro e folclórico



Fonte: O Grito! (2016). Disponível em: <<http://revistaogrito.com/turma-do-perere-de-ziraldo-ganha-exposicao-no-recife/>>. Acesso em: 25 setembro 2018.

Críticos, os quadrinhos são discursos tanto políticos como ideológicos (CIRNE, 1982). Nos gibis da *Turma da Mônica*, Jeremias chegaria a protagonizar suas próprias histórias e, décadas depois, em 2018, ganharia sua respectiva *graphic novel* intitulada “*Jeremias - Pele*”, que aborda diretamente o tema do preconceito racial ainda existente no Brasil (CALÇA; COSTA, 2018). A publicação aparece na 3^a posição da lista que apura os autores nacionais mais vendidos em livrarias, lojas e supermercados do país (NETO, 2018).

A partir de um diálogo direto com os escritores da edição, Rafael Calça e Jefferson Costa, ambos negros, pôde-se inferir a relevância da existência da figura de um “herói”, de modo que este possa inspirar o público infantil através do fator identificação, como a própria etnia negra. Inclusive, como um dos temas da HQ, Jeremias se decepciona com o fato de que sua revista em quadrinhos preferida retrata um negro como um coadjuvante do super-herói branco, além de assumir um arquétipo cômico e visivelmente inferior ao protagonista.

Em contrapartida, a existência de um astronauta negro inspiraria o personagem a almejar profissões que são desassociadas a comunidade negra pela sociedade, devido sua posição socio-histórica. Observa-se os quadrinhos pertinentes para a temática em estudo expostos a seguir, extraídos da obra:

Figura 9. Jeremias é associado à profissão de pedreiro pela sua professora



Fonte: Esquadrinhado (2018). Disponível em: <<https://esquadrinhado.com/2018/08/07/jeremias-pele-e-resenha/>>. Acesso em: 19 outubro 2018.

Figura 10. Jeremias é inspirado pelo ofício de um astronauta negro

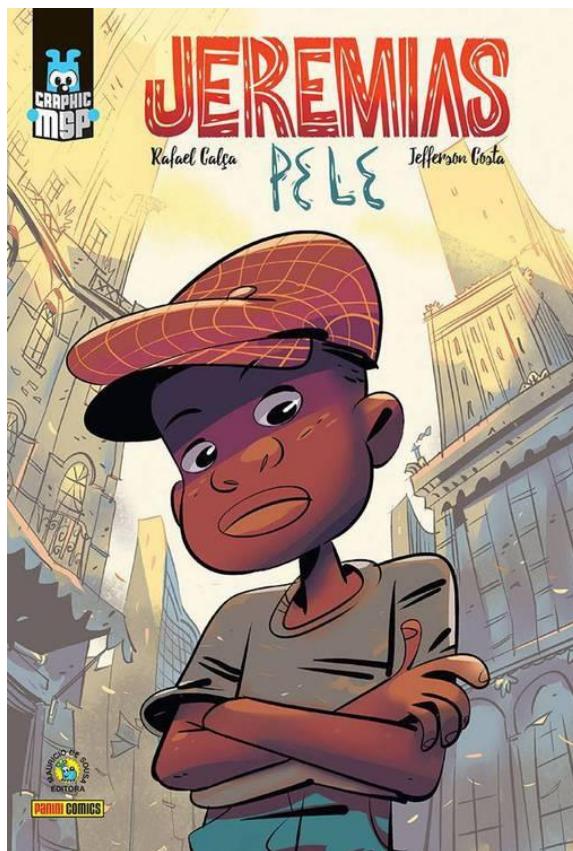


Fonte: Universo HQ (2018). Disponível em: <<http://www.universohq.com/noticias/jeremias-pele-veja-as-primeiras-imagens-da-nova-graphic-msp/>>. Acesso em: 19 outubro 2018.

O contato deste autor com ambos os quadrinistas da *graphic novel* ocorreu no evento *Bienal Geek* (Recife), no dia 26 de maio de 2018, que também contou com a presença do editor da *Mauricio de Sousa Produções*, Sidney Gusman. Este relatou o desafio de trabalhar com o projeto sem compreender na pele a problemática do

racismo, de forma similar ao que ocorre na presente monografia. Quando questionados sobre a representatividade negra no atual gênero de super-heróis, Calça e Costa ainda reforçaram a carência de filmes como *Pantera Negra* (2018), para que se possa ocorrer uma identificação entre o público afrodescendente e um herói negro, principalmente no que diz respeito à construção de um imaginário infanto-juvenil.

Figura 11. Graphic MSP Jeremias – Pele, lançada em 2018 pela Panini Comics



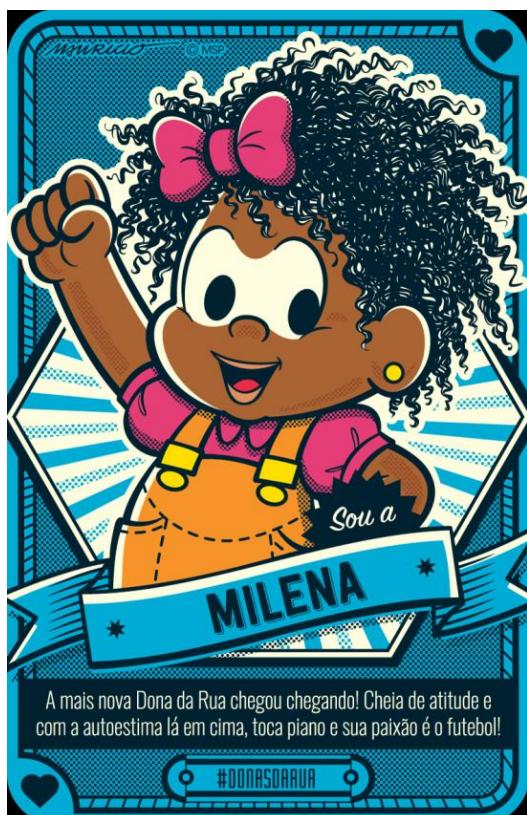
Fonte: Omelete (2018). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/quadrinhos/jeremias-nova-edicao-da-graphic-msp-falaria-sobre-preconceito-e-superacao-confira-as-primeiras-imagens#graphic-msp-18>>. Acesso em: 25 setembro 2018.

Ademais, entre outros exemplos de figuras negras brasileiras, situadas em diferentes épocas, pode-se destacar a Turma do Ronaldinho Gaúcho (Mauricio de Sousa), Benjamim (Luís Loureiro), Lamparina (J. Carlos), Azeitona (Luís Sá), Preto-que-Ri (Henfil), Lúcio (Ziraldo) e os demais integrantes da Turma do Pelezinho.

Além destes, Milena, uma menina negra, está para emergir nos quadrinhos da Turma da Mônica, de modo que ilustra como a representatividade já é uma questão valorizada e prometida para o futuro das produções culturais. Comentários de fãs no

ciberespaço celebraram a novidade, mediante o empoderamento e identificação que a personagem proporcionara às jovens leitoras. Em contrapartida, também pôde-se localizar recepções visivelmente racistas ou que criticam uma suposta estereotipagem visual e comportamental da etnia negra (G1, 2017).

Figura 12. Personagem Milena, nova integrante da Turma da Mônica



Fonte: Turma da Mônica (s.d.). Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/donasdarua/downloads.php>>. Acesso em: 19 outubro 2018.

É curioso constatar que, embora os quadrinhos nacionais se espelhem diretamente nos modelos estrangeiros do gênero, sua qualidade e relevância social, para o “bem” ou para o “mal” se revelam tão pertinentes quanto as produções americanas:

Os quadrinhos, no Brasil e no exterior, sempre estiveram a serviço de uma burguesia branca, apesar de alguns (poucos) exemplos em contrário. E se a questão racial é também uma questão social e cultural, os quadrinhos – como linguagem e técnica narrativa – investem na problemática política e social (e nas questões do negro, das mulheres, das minorias sexuais) na medida de uma consciência crítica estruturada no capitalismo e na cultura de massa. Mas, em particular, contra o capitalismo (CIRNE, 1982, p. 55).

Figura 13. Ronaldinho Gaúcho e Azeitona, respectivamente



Fonte: Universo HQ (2006) e Guia dos Quadrinhos (2008). Disponível em: <<http://www.universohq.com/noticias/gibi-do-ronaldinho-gaúcho-tera-edição-gratuita-na-alemanha/>> e <<http://www.guiadosquadinhos.com/personagem/azeitona/9855>>. Acesso em: 12 outubro 2018.

Questões socioculturais passam a ser expostas e absorvidas pelos admiradores de quadrinhos, o que contribui na construção de pensamentos críticos ou na ratificação de visões estereotipadas mediante a capacidade cognitiva de cada leitor. Um juízo analítico conforme os valores aceitos pela sociedade, assim como visões históricas, sociais e econômicas, pode ser fruto da abordagem de temas como violência e racismo nas HQs (LUYTEN, 1989).

Surgido em julho de 1966 na revista *Fantastic Four* 52, em meio a fortes movimentos sociais, Pantera Negra era o único negro, ou negra, com superpoderes nas HQs americanas. Na época, já existiam outras personagens da mesma etnia, porém sem a equivalente posição de protagonismo – que não lhe fora conquistada logo de princípio.

Como exemplo, destacam-se: Lothar (o amigo do mágico Mandrake), Waku (um super-herói guerreiro africano publicado pela própria *Marvel* nos anos 1950), Gane Jones (o agente da organização fictícia Shield), Lobo (um caubói da Dell), entre outros (SILVESTRE, 2018). De um modo geral, figuras afrodescendentes tinham atuação apenas em pano de fundo ou como ajudantes de heróis brancos (LIMA, 2013).

O primeiro super-herói negro, na convenção mais usual – já que corresponderia muito mais ao gênero de aventura característico da Hora da Aventura, como já foi caracterizado, como Mandrake e Fantasma – é Waku, *Prince of the Bantu*, que atuava na série em quadrinhos Jungle Tales, pela *Marvel Comics*, ainda chamada *Atlas Comics*, entre setembro de 1954 e setembro de 1955. Quando o gênero super-herói caiu nos anos 1950, devido aos dois golpes que foram o Macartismo e a perseguição praticamente inquisitória de Wertham, a revista *Dell Comics*, de publicação da *Dell Publishing*, trazia em suas histórias um personagem afro-americano chamado Lobo, em aventuras no Velho Oeste (LIMA, 2013, p. 91).

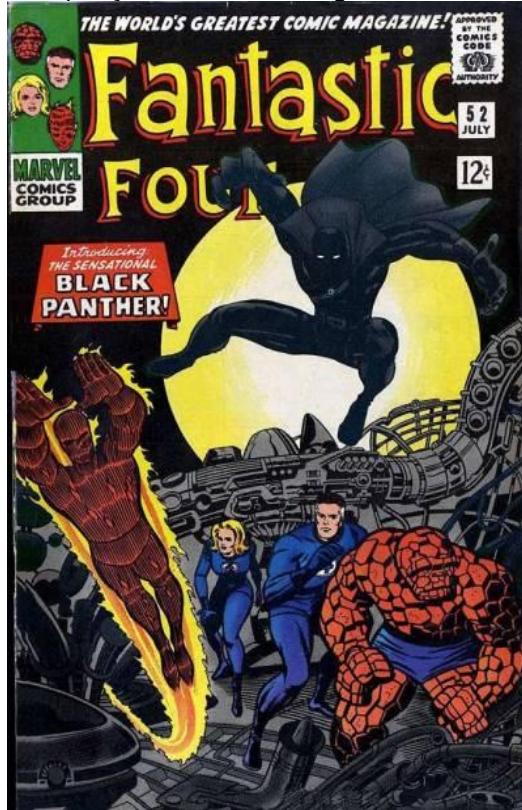
Figura 14. Waku, *Prince of the Bantu* e Lobo, respectivamente



Fonte: Comics Português (2016). Disponível em: <https://aminoapps.com/c/comics-portugues/page/blog/9-curiosidades-sobre-o-pantera-negra-marvel/R8vg_DBHwu1bXXWRkP2NJ7INLwYbkV78vZ>. Acesso em: 12 outubro 2018.

O príncipe T'Challa surgiu nas HQs como coadjuvante, mas logo conquistaria seu próprio espaço. Fruto das famosas parcerias de Stan Lee e Jack Kirby, dois grandes nomes por trás dos quadrinhos da *Marvel Comics*, o personagem fez outras aparições nas revistas do Quarteto Fantástico (*Fantastic Four*) após sua estreia, além de transições nas histórias de outros heróis (Demolidor, Capitão América, e Homem de Ferro, como exemplo) antes de começar a ganhar sua devida relevância. Foi em 1968, na edição *Avengers* 52, que o Pantera Negra se tornou membro definitivo do supergrupo Vingadores e assim assumiu seu papel de destaque.

Figura 15. Primeira aparição do Pantera Negra, em *Fantastic Four* 52 (1966)



Fonte: Guia dos Quadrinhos (2007). Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/fantastic-four-\(1961\)-n-52/100/3494](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/fantastic-four-(1961)-n-52/100/3494)>. Acesso em: 25 setembro 2018.

É oportuno ressaltar que, antes mesmo da sua notoriedade emblemática nas histórias em quadrinhos, o herói serviu de inspiração para o nome do partido dos Panteras Negras em 1966, polemicamente defensor do porte de armas de fogo como legítima defesa da população negra. “Com uma ideologia política marxista, tinha como objetivos a defesa da sociedade afro-americana dos problemas sociais e embates com a polícia na década de 1960” (LIMA, 2013, p. 92).

Tal acontecimento atemorizou a direção da *Marvel*, que tentou distanciar o herói do contexto sociopolítico que marcara a época. Curiosamente, Pantera Negra chegou a ter seu nome substituído, em *Fantastic Four* 119, para Leopardo Negro (*Black Leopard*), em uma tentativa nula de se desassociar com o movimento de mesma nomenclatura (SESSA, 2018).

Como uma mudança de identidade e uma explícita desvinculação com os Panteras Negras, registrou-se uma contradição a toda cultura criada em torno do personagem, que logo retornou para sua essência original. “Dessa forma, o Pantera Negra torna-se um vanguardista, quando teremos um supertipo muito mais dinâmico e explicitamente mais “black power”, pelo menos no ponto de vista de então” (LIMA,

2013, p. 93). Anos depois, em 1977, o personagem ganharia sua revista-solo, também criada pelo artista Jack Kirby, além de integrar selos mais específicos como *Marvel Knights* e outras equipes dos quadrinhos, como o grupo Illuminati (SESSA, 2018).

O Super-herói Pantera Negra não poderia hastear a bandeira da violência como mecanismo de reparação e reivindicação, coisa que a grande maioria dos personagens já dispensara, ficara na Era de Ouro, não correspondia ao “modo Marvel” de fazer personagens nos anos 1960. Mas, também, não levantou nenhuma bandeira ideológica de combate às desigualdades étnicas nas suas primeiras aventuras. Seu amadurecimento político valeu-se dos anos de sua existência, tendo pregado muitos ideais nos anos 1970 e 1980. (LIMA, 2013, p. 93).

Na década de 1970, temáticas como o racismo ainda eram vistas como “pouco rentáveis”, ou seja, não eram devidamente aprofundadas nos quadrinhos. Pantera Negra foi determinante na mudança desse contexto pois, ao enfim ganhar suas primeiras séries de aventuras-solo, o preconceito racial passou a ser contemplado com mais frequência entre as temáticas sociais existentes nas HQs.

Entretanto, as vendas da sua revista registram baixas vendas, o que levou ao seu cancelamento em 1979. Como resultado, T’Challa reassumiu a posição de personagem secundária ao longo de anos, sem que suas histórias ganhassem devida continuação (SESSA, 2018).

Na mesma época, surgiam outros heróis negros como Luke Cage e Raio Negro, em companhia a Falcão, que já estreara em 1969 como coadjuvante do Capitão América. Quem assumiria uma posição equivalente tempos depois, em 1992, é James Rhodes, como o herói Máquina de Combate, adjunto do Homem de Ferro (LIMA, 2013).

Ainda nos anos 1970, a asserção do preconceito e a discriminação contra tudo que fosse fora dos padrões sociais passou a ser personificada pelos X-Men (e Novos X-Men), grupo de personalidades diversificadas integrado por mutantes marginalizados pela sociedade. Suas lutas se assemelhavam, e ainda se assemelham, com a luta dos cidadãos negros pelos direitos civis.

Destaca-se a personagem negra, feminina e legitimamente africana Tempestade, que já assumia uma posição de liderança e se tornaria uma das maiores heroínas da *Marvel Comics*. Paralelamente, em dezembro de 1971, o manto

do herói Lanterna Verde, da *DC Comics*, era passado para o homem negro John Stewart, ainda com uma posição secundária (LIMA, 2013).

Figura 16. Personagem Tempestade, dos X-Men



Fonte: Jornal Arcadas (2016). Disponível em: <<http://www.jornalarcadas.com.br/ororo-munroe-muito-mais-que-uma-personagem-de-quadrinhos/>>. Acesso em: 25 setembro 2018.

Tornou-se expressiva a presença de homens e mulheres negros nos formados grupos de supersujeitos que fecundaram os anos 1960 e se fortaleceram nos anos 1970, remodelados ou reformulados para atender as demandas desses novos tempos. Tanto a Liga da Justiça (da *DC comics*) quanto os Vingadores (da *Marvel Comics*), importantes grupos de super-heróis da Era de Prata, apresentariam um significativo, porém não tão enérgico, número de personagens negros, como Raio Negro e Golias (Bill Foster), respectivamente (LIMA, 2013, p. 96).

“Fabrica-se o heroísmo como se fabrica um mito: politicamente” (CIRNE, 1982, p. 49). O discurso do Professor Xavier, líder dos X-Men nos quadrinhos, se assemelhava ao do pacifista e líder negro Martin Luther King (1925-1965), enquanto o discurso do vilão Magneto lembrava os ideais de radicalistas como Malcom X (1925-1965). Ademais, embora a primeira HQ a se manifestar contra a segregação racial tenha sido estrelada pela Liga da Justiça, da *DC Comics*, foi Stan Lee, da *Marvel Comics*, quem criou Falcão e Pantera Negra, ou seja, os dois “primeiros” super-heróis negros de relevância nos quadrinhos (FEIJÓ, 1997).

Nos anos 1980, outro herói afrodescendente de grande destaque surgia nas Histórias em Quadrinhos; o Cyborg, da *DC Comics*. Este ganharia popularidade do grande público em pouco tempo (LIMA, 2013). Já em 1998, a abordagem de temáticas maduras e políticas nas HQs, lançadas pelo selo *Marvel Knights*, permitiu que Pantera Negra voltasse a se estabelecer como protagonista.

Sucedeu de crítica, mas não de vendas, a *Marvel* voltou a enxergar potencial no herói, que nunca mais foi rebaixado a um papel coadjuvante. Logo passaria a estrelar diversas revistas mensais e, finalmente, se tornou uma figura de destaque na fase moderna dos quadrinhos da *Marvel Comics* (SESSA, 2018).

Entre os principais títulos protagonizados por T'Challa, destacam-se: “A Fúria do Pantera” (*Jungle Action* 6-18, 1972-1975), “Pantera Negra – Minissérie-Solo” (1988), “Sturm und Drang” (*Black Panther* 26-29, 2000), “Quem é o Pantera Negra?” (2005), “Veja Wakanda e Morra” (*Black Panther* 39-41, 2008), “Doomwar” (2010), “Pantera Negra – O Homem Sem Medo” (2011) e “Tudo Morre” (*New Avengers Vol. 3* 1-6, 2013), entre outros (SANTOS; SESSA, 2018).

Figura 17. Revistas em quadrinhos protagonizadas por Pantera Negra



Fonte: Cinema Sempre (2018). Disponível em:
<http://cinezencultural.com.br/site/2018/02/14/quadrinhos-para-ler-antes-de-ver-pantera-negra/>.
 Acesso em: 25 setembro 2018.

De um modo geral, o movimento negro causou considerável impacto no mundo dos quadrinhos. Denys Cowan, um dos nomes mais relevantes na luta contra a discriminação racial nas HQs, utiliza seu ofício como desenhista da *Marvel* e *DC Comics* para promover a representatividade dos negros e outras “minorias” no universo dos super-heróis. Isso se deu com a criação de personagens como Super Choque e Hardware, ambos afrodescendentes. Segundo ele, a estreia de Pantera Negra transformou sua vida:

“Quando eu era criança, eram realmente muito poucos [personagens negros] e daí veio o Pantera, o Luke Cage e até um membro negro dos titãs, cujo nome era ‘Mal’ Duncan”. O artista ainda ressalva:

É evidente que minha vontade era ver mais personagens negros, de modo que, quando virei um profissional da indústria, eu sabia que teria que fazer alguma coisa em relação a isso. [...] Hoje, nos Estados Unidos, a necessidade de heróis das minorias, sejam negros ou mulheres, é maior do que era em 1993. Precisamos de heróis para valer. (COWAN in: MUNDO DOS SUPER-HERÓIS Nº 98, 2018, p. 16).

Pode-se dizer que o Pantera Negra enfrenta muito mais dificuldades que os demais super-heróis de outras etnias, isso porque além de super-vilões, T’Challa ainda luta pela igualdade e pelo respeito à etnia negra (LIMA, 2013). Esta teria um percurso fascinador no meio cinematográfico, assimilado logo em seguida.

4.2 O negro no mercado cinematográfico

A indústria característica de Hollywood, região geográfica celebrizada pela sétima arte, dispõe tanto de polêmicas diversificadas como renovações surpreendentes para o lazer e debate humano. Seja em seus bastidores ou diretamente nas suas produções culturais, o cinema e sua representação sociocultural dispõe de benefícios e malefícios para a sociedade em sua multiculturalidade.

Se por um lado a sua abordagem de temas audaciosos criticam a podridão existente no mundo, proeminência para o atual contexto sociopolítico brasileiro e norte-americano, sua carência de representatividade étnica já pôde ser identificada no simbólico Oscar, o maior evento de premiação existente para solenizar a cinefilia

(CONSIGLIO, 1968). Esta só passaria a ser considerada pela humanidade, de fato, como um segmento artístico, tempos depois do seu surgimento e popularização.

De um modo geral, a história dos negros no cinema é marcada por conquistas e retrocessos (O GLOBO, 2015). Apresentadas em 1895 e levadas ao Brasil um ano depois, as primeiras obras cinematográficas iniciaram suas controvérsias de formas que, hoje, seriam inimagináveis. A representação afrodescendente, já ao lado de apologias racistas, trouxe atores brancos cobertos por maquiagem para representar secundários e antagonistas negros, com o uso de uma técnica questionável denominada “*blackface*” (face negra). É perceptível a ausência de uma neutralidade ideológica nessas produções, embora Hollywood, hoje, não tolere mais tramas e discursos visivelmente preconceituosos (FREITAS, 2016).

Antes disso, nos anos 1980, o conceito de “raça” já se tornava tema de discussão recorrente entre os grandes teóricos da época. Estaria a representatividade racial diretamente vinculada com as dos demais eixos que integram a sociedade? O já identificado multiculturalismo, que perpetua na humanidade em sua heterogeneidade, contradiz com o pensamento eurocêntrico de que os padrões estéticos de determinada raça se mostrem dominantes perante as demais. No entanto, a discussão quanto à manifestação dessa pluralidade racial dentro do cinema se manteve silenciada ao longo de décadas (STAM, 2003).

Segundo Sklar (1975), o cinema foi o mais influente e popular meio de cultura nos Estados Unidos no início do século XX. Mais do que isso, desenvolveu-se com base nas mudanças da estrutura social norte-americana, o que se mostrou determinante para a sua consolidação como um veículo de comunicação de massa. Não unicamente um negócio, mas um fenômeno sociocultural, a indústria cinematográfica potencializa novas formas de experiência audiovisual, com seu êxito em ministrar entretenimento e informação para um público incomputável.

Um exemplo da pertinência dos empreendimentos hollywoodianos e sua representatividade é a carreira de Carmem Miranda e sua emblematização da América Latina. Identifica-se nos seus filmes, escritos por norte-americanos, uma caricatura estereotipada e inverídica do Brasil, que contribui para uma interpretação errônea do brasileiro no exterior que perdura até a presente realidade. Inversamente, as produções cinematográficas nacionais também desacertam constantemente na representação de culturas e etnias distintas, no que inclui a descendência africana:

O mito da democracia racial brasileira, apesar de intensamente criticado por amplos setores da população negra, persiste até hoje na indústria do cinema e da telenovela. Caracteriza-se como uma poderosa cortina que dificulta a percepção dos estereótipos negativos sobre os afro-brasileiros e provoca a falta de reconhecimento da importância dos atores e das atrizes negras na história do cinema e da televisão do país (ARAÚJO, 2008, p. 979).

O mercado cinematográfico em sua completude permite, também, a multiplicidade de ambientes que os produtos culturais podem ser experimentados, assim como a reorientação de valores tradicionais, dentro e fora do contexto norte-americano. “As técnicas de reprodução mecânica atuaram como forças decisivas na destruição da tradição cultural e na criação de novas formas culturais” (SKLAR, 1975, p. 108). Sua estrutura permite também a exploração de temas políticos, religiosos, econômicos e étnicos.

Ainda que contribuintes para essas transformações, os produtores de cinema já possuíam, prematuramente, um código de padrões morais que, segundo Sklar (1975), proibia determinadas expressões e experiências humanas. Entre elas, estavam a homossexualidade, relações entre indivíduos de etnias distintas, o aborto e o consumo de drogas, o que revalida as contradições existentes na representação estética do homem na sétima arte, reforçadas posteriormente por Capuzzo (1986).

O fenômeno hollywoodiano está diretamente atrelado ao seu poder representativo e cultural. Logo, pode-se alegar que sua exibição predominante do homem branco europeu de classe alta nos filmes norte-americanos promove um panorama inverídico da realidade, que exclui as distinções existentes entre povos como os asiáticos, africanos e hispânicos. “Hollywood sempre mudou e nunca mudou” (SKLAR, 1975, p. 267).

Além disso, a manifestação étnica, racial e cultural no cinema hollywoodiano também se reforça controversa ao se reputar que o racismo sempre esteve presente em práticas oficiais e não oficiais ocorrentes em Hollywood. Por exemplo, destaca-se o Código Hayes (1930-1968), um conjunto de normas morais aplicadas aos longas estadunidenses pelos grandes estúdios cinematográficos. Nele, estabeleceu-se a proibição de representações cinematográficas de miscigenação racial. Também se sobressai a constante atribuição do negro a papéis secundários, como engraxates ou porteiros. “Para uma boa parte da história de Hollywood, era praticamente impossível que os afro-americanos ou norte-americanos nativos representassem a si mesmos” (STAM, 2003, p. 300).

A mitologia da criminalidade negra, exteriorizada vigorosamente na sociedade após o período da escravidão americana, reforçou a construção imagética do homem negro perigoso e malicioso, prontamente transposta para o meio cinematográfico. Tudo iniciara com *O Nascimento de uma Nação* (*The Birth of a Nation*, 1915), um fenômeno relevante ao representar o primeiro grande *blockbuster* do cinema.

Nele, confirmou-se a história que muitos brancos desejavam contar sobre a Guerra Civil Americana, com uma imagem depreciativa, caricata e animalesca da etnia negra, vista como uma ameaça contra mulheres, principalmente. É perceptível o ápice de uma visão difamatória do afro-americano, ao se destacar determinada cena em que uma “moçoila branca e indefesa” se joga de um penhasco para não ser estuprada por um criminoso negro (DUVERNAY, 2016).

O combate aos estereótipos antinegros do cinema hollywoodiano, difíceis de serem enfraquecidos, se mostra uma luta homóloga à luta cotidiana travada pela população negra contra um sistema social que remete ao *apartheid*. “Quanto mais escura, pior será a personagem” (IBID apud STAM, 2003).

Os padrões opressivos do preconceito racial que, a princípio, aparecam ser fenômenos aleatórios sem uma real intenção maliciosa, se revelam um modo de controle da esfera civil que leva à necessidade de se buscar uma imagem positiva da etnia negra. “Tendo em vista a existência de um cinema dominante produtor de heróis e heroínas, as comunidades minoritárias querem a sua fatia do bolo, por uma simples questão de paridade representativa” (STAM, 2003, p. 302).

Figura 18. Frame de *O Nascimento de uma Nação* (1915)



Fonte: Cinema e Pipoca (s.d.). Disponível em: <<http://www.cinemaepipoca.com.br/o-nascimento-de-uma-nacao/>>. Acesso em: 02 outubro 2018.

O mito do homem negro como um estuprador sem escrúpulos, reforçado pela cinematografia, significaria ainda um reflexo direto da realidade social, de forma que a ficção se espelha na veracidade e vice-versa. Tal construção figurativa que atribuía à etnia negra uma estética “suja” não deve ser interpretada como uma contingência, ao considerar o quanto Hollywood preza pela sua imagem “limpa” e elegante em meio às suas fórmulas e estereotipagens (CORSEUIL, 2012). Torna-se uma discussão ainda mais ampla ao se considerar conceitos como o famoso “politicamente correto” e sua necessidade (e limites) dentro das produções culturais.

De discursos mais naturalistas ou menos conscientes para uma percepção mais metadiscursiva do seu próprio relato, os filmes colocam em primeiro plano relações intrínsecas entre “nós” e “eles”, estereótipos e formas de representar o outro, percepções da violência do terceiro mundo e perspectivas mais ou menos desenvolvimentistas da história (CORSEUIL, 2012, p. 77).

No que se diz respeito, especificamente, ao tratamento da persona negra, a teoria europeia e norte-americana do cinema possui poucas referências ao racismo durante o seu período mudo, conforme Stam (2003). Mesmo dentro dessas raras exceções, o pensamento eurocêntrico já permanecia em atuação. O autor destaca que além de *Nascimento de uma Nação* (1915), outros produtos marcantes da história do cinema norte-americano foram: *Uncle Tom's Cabin* (1903), *O cantor de Jazz* (*The Jazz Singer*, 1927) e *E o Vento Levou* (*Gone with the Wind*, 1939).

Todos estes foram grandes sucessos de bilheteria que trouxeram inovações, positivas ou não, no modo de produção cinematográfica. “Todos se organizaram em torno do valor simbólico excedente dos negros, do poder de fazer os afro-americanos representar algo além de si mesmos” (ROGIN *apud* STAM, 2003). A primeira negra a levar uma estatueta do Oscar para casa foi Hattie McDaniel, em 1940, por seu papel de atriz coadjuvante em *E o Vento Levou* (1939).

Figura 19. Hattie McDaniel como escrava em *E o Vento Levou* (1940)



Fonte: Bol Notícias (2014). Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2014/10/29/mammy-de-e-o-vento-levou-vira-heroina-de-romance.htm>>. Acesso em: 02 outubro 2018.

Conforme o portal O Globo (2015), demoraria mais de 20 anos para a representatividade étnica cinematográfica avançar uma vez mais. Em 1964, Sidney Poitier se tornou o primeiro negro a ganhar um Oscar de melhor ator, pelo filme *Uma voz nas sombras* (*Lilies of the Field*, 1963), dirigido por Ralph Nelson. Em 2002, tornou-se o primeiro artista negro a receber um Oscar honorário.

Uma mudança mais forte só veio na década de 1970, quando o movimento pelas liberdades civis e contra a segregação racial favoreceu o surgimento de um cinema negro mais expressivo. Foi ali que surgiram nomes como Gordon Park, com “*The learning tree*” (1969) e “*Shaft*” (1971) — este com Richard Roundtree no papel principal. [...] Mas ainda assim atores, produtores e diretores negros eram marginalizados (O GLOBO, 2015).

Já nas décadas de 1980 e 1990, filmes como *A Estrela Solitária* (*Lone Star*, 1996), por exemplo, retratavam a coexistência de “minorias”, assim como o elo socio-histórico entre negros, brancos e índios e suas atribuições de “dominantes” e

“dominados”. Outros casos podem demonstrar como o processo de formação de identidades está diretamente atrelado a fatores históricos e culturais.

O multiculturalismo, assim como os papéis estereotipados desempenhados por grupos discriminados, está presente em longas-metragens da época como *Em Tempo de Glória* (*Glory*, 1989), *Malcolm X* (1991), *Coração de Trovão* (*Thunderbeart*, 1992) e *Dança com Lobos* (*Dancing With Wolves*, 1991), consoante a Corseuil (2012).

De um modo geral, em épocas variadas, são inúmeros os casos de gafes etnográficas que representam comunidades diversas com base em discursos ignorantes e imagens trivializadas, que vão de contrapartida à igualdade de representação social. Com que imagem, frequência e por quanto tempo aparecem personagens afrodescendentes nas telas de cinema? E em um comparativo com as personagens euro-americanas?

Além disso, não existe uma conexão automática entre representatividade e uma imagem propícia daquilo que se retrata cinematograficamente. Inclusive, filmes africanos como *Laafi* (1991) e *Finzan* (1990) não se apegam em uma visão positiva da sociedade africana, mas sim em um olhar realista e particular, que pode aparentar ser um discurso estereotipado (STAM, 2003).

Ainda que as análises de distorções e estereótipos tenham colocado questões legítimas sobre plausibilidade social, precisão mimética estereótipos negativos e imagens positivas, são frequentemente baseadas em uma fidelidade exclusiva a uma estética da verossimilhança. [...] A abordagem dos estereótipos e distorções comporta uma série de armadilhas de um ponto de vista teórico-metodológico (STAM, 2003, p. 302-303).

Nos tempos mais atuais, a ausência de negros entre os indicados ao Oscar de 2015 e 2016 retomou o debate sobre a diversidade racial no cinema americano, marcado por polêmicas e inovações. Em 2013, por exemplo, a premiação já havia refletido, decisivamente, uma perceptível pluralidade racial (O GLOBO, 2015).

Hollywood em sua contemporaneidade se encontra sob forte e crescente pressão, seja ela popular ou midiática, pela valorização dos atores, atrizes, diretoras e diretores negros. Destaca-se a tentativa de boicote à premiação do Oscar, em 2016, após a ausência de artistas afrodescendentes entre os principais concorrentes às modalidades do prêmio (FREITAS, 2016).

Em contrapartida, a visão eurocêntrica do homem ainda permanece proferida em Hollywood, com sua inclusão acentuada de personagens brancos e europeus no lugar de negros. Essa vicissitude é perceptível, na atualidade, até mesmo entre diretores prestigiados e suas produções, a exemplo da ausência de diversidade étnica nos filmes dirigidos por Tim Burton.

Em seu filme *O Lar das Crianças Peculiares* (*Miss Peregrine's Home for Peculiar Children*, 2016), o ator Samuel L. Jackson interpretou seu antagonista, único negro presente em todo o elenco. Filmes como *Alice no País das Maravilhas* (*Tim Burton's Alice in Wonderland*, 2010) também reforçam, visualmente, sua preferência por uma estética europeia (JACOBS, 2016).

Embora a branquitude (como a negritude) seja, por um lado, meramente uma ficção cultural sem qualquer base científica, é também um fato social com consequências bastante concretas com respeito à distribuição de riquezas, prestígio e oportunidade (LIPSITZ *apud* STAM, 2003).

Em 2017, o longa *Moonlight: Sob a Luz do Luar*, protagonizado unicamente por atores negros, vencia o musical *La La Land: Cantando Estações* (*La La Land*, 2016), composto por uma equipe majoritariamente branca, na categoria “Melhor Filme” (GENESTRETI, 2017). Enquanto seu concorrente utilizava protagonistas caucasianos para retratar a musicalidade do Jazz, culturalmente associado à comunidade negra, *Moonlight* (2016) se mostrou histórico com a apresentação de um jovem negro, homossexual e pobre, imerso nos dilemas da sociedade.

Figura 20. Frame do filme *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016)



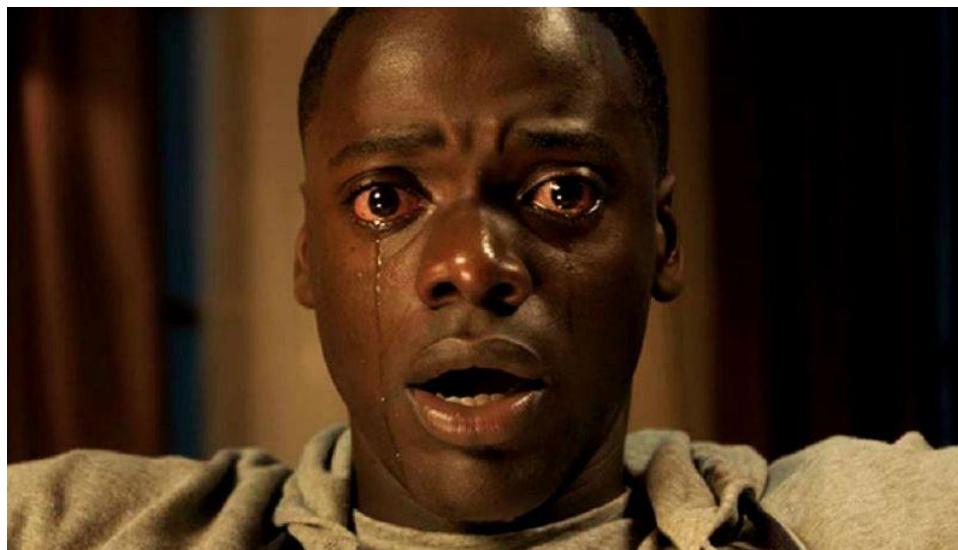
Fonte: Adoro Cinema (2017). Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-127349/>>. Acesso em: 02 outubro 2018.

Em antemão, conforme a revista SescTV (2016), essa mesma representação negra é ainda mais escassa no Brasil, de modo que sua ausência nos filmes nacionais pode ser facilmente identificada. A pesquisa “A cara do cinema nacional: perfil de gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012)”, feita pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, foi realizada entre os filmes nacionais de maiores bilheterias exibidos entre 2002 e 2012. Nela, afigurou-se que: no elenco principal, 14% eram homens negros e 4% eram mulheres negras. Além disso, a negritude masculina representa 4% dos roteiristas e 2% dos diretores desses produtos, que não foram escritos ou dirigidos por nenhuma mulher (FREITAS, 2016).

O aumento da representatividade negra no cinema nacional passa de forma fundamental por rearranjos na cadeia de financiamento e distribuição dos filmes. E nos lembram que em uma arte industrial e tecnológica como o cinema, a luta por representação é acima de tudo um embate político e econômico. [...] Nesse ponto então, mais do que representação do negro no cinema, poderemos falar da experiência negra nos filmes – ou seja, dos negros na frente e atrás das câmeras não como fato raro, mas como algo comum (FREITAS, 2016, p. 13).

De um modo geral, *Pantera Negra* (2018) dá continuidade ao sucesso desencadeado por outras obras internacionais contemporâneas, além do próprio *Moonlight* (2016), como *Remédio para a Melancolia* (*Medicine for Melancholy*, 2009), e *Corra!* (*Get Out*, 2017), realizadas por americanos negros. Este último ainda venceu o Oscar de melhor roteiro original, além de arrecadar 225,5 milhões de euros (1 bilhão de reais) nas bilheterias mundiais. Fez história com a primeira estatueta entregue a um roteirista afro-americano e a quinta indicação para um diretor afrodescendente (AYUSO, 2018).

Figura 21. Daniel Kaluuya no filme *Corra!* (2017)



Fonte: Vix (s.d.). Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/cinema/546058/por-que-corra-ja-e-o-melhor-filme-de-terror-do-ano-5-motivos-para-assistir-agora>>. Acesso em: 02 outubro 2018.

De acordo com Stam (2003), um cuidado que produções cinematográficas como *Moonlight* (2016) e *Pantera Negra* (2018) devem tomar na sua abordagem de tabus raciais é que as simplificações reducionistas das fórmulas culturais correm o risco de reproduzir o próprio racismo que, até então, deveriam combater:

“Um cinema de imagens artificialmente positivas também traduz uma falta de confiança no grupo retratado, o qual geralmente não possui, ele mesmo, ilusões quanto à sua própria perfeição” (STAM, 2003, p. 304).

Antes de direcionar esta dissertação para a compreensão das demais temáticas correlacionadas a sua proposta, pode-se destacar outros momentos e celebridades marcantes na presença da etnia negra na sétima arte: A atriz Viola Davis, aclamada em premiações como Oscar (inclusive primeira atriz negra indicada três vezes) e *Globo de Ouro* (CASTILHO, 2017), se sobressaiu em produções como *Histórias Cruzadas* (*The Help*, 2011).

Em paralelo, o ator Will Smith é atualmente um dos mais bem-sucedidos de toda Hollywood, premiado duas vezes no Oscar por suas atuações em *Ali* (2001) e *A Procura da Felicidade* (*The Pursuit of Happyness*, 2006), ambas como papéis protagonistas (AGÊNCIA ESTADO, 2018).

Figura 22. Will Smith e Viola Davis, destaques na premiação do Oscar



Fonte: *Zimbio* (2017) e *Bustle* (2016). Disponível em: <<http://www.zimbio.com/The+Top+10+Oscar+Moments+of+2017/articles/T6xBpYZHw2E/Viola+Davis+Wins+First+Oscar>> e <<https://www.bustle.com/articles/134914-has-will-smith-won-an-oscar-the-actor-may-have-his-best-chance-yet-with-concussion>>. Acesso em: 02 outubro 2018.

Outro exemplo que se mostra extremamente relevante e digno de discussão na atual representatividade negra é a inclusão de um protagonista negro na franquia de sucesso global *Star Wars*: Finn, interpretado por John Boyega. Estreante na nova trilogia de longas-metragens da série, iniciada com *Star Wars: Episódio VII - O Despertar da Força* (*Star Wars: The Force Awakens*, 2015), o astro (e o personagem) foi vítima de discursos preconceituosos no ciberespaço, por partes de “fãs”, possíveis *haters*, que desejavam boicotar o filme (R7, 2015).

A hashtag #BoycottStarWarsVII coordenava a campanha presumivelmente racista, que chegou a ser um dos assuntos mais comentados do Twitter. Em contrapartida, houve quem lembresse que a voz de Darth Vader foi feita por James Earl Jones, ator que também é negro. “Não importa se você é negro, branco, marrom, jawa, wookie, jedi ou sith. Apenas espero que vocês gostem”, respondeu o diretor branco J.J. Abrams à movimentação (R7, 2015).

Embora sua afirmação se evidencie como uma resposta aos manifestos de ódio, ela ainda expressa, ao que tudo indica, o aforismo de que representatividade “não importa”. É devido tomar em consideração como que a inclusão de um vulto negro pode ser ponderada nos bastidores de grandes produções cinematográficas como, unicamente, uma questão mercadológica.

Em outras palavras, a inserção de mulheres, afrodescendentes, homossexuais e outros grupos historicamente discriminados na indústria cinematográfica serviriam apenas como uma estratégica redenção aos valores politicamente corretos da sociedade, e não denota essencialmente a tomada de uma devida conscientização social por parte da indústria do entretenimento.

Figura 23. John Boyega como Finn, em *Star Wars: Episódio VII* (2015)



Fonte: *Star Wars* (s.d.). Disponível em: <<https://www.starwars.com/databank/finn>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Boyega ainda compartilhou uma foto de uma criança brasileira que segurava o boneco de seu personagem, destinada à viralizar na internet. “Ele nem sabe o que é *Star Wars*, sabe que o boneco é igual a ele”, publicou a mãe do garoto, chamado Matias. “Que toda criança se veja representada”, declarou o ator como resposta. “[O menino] inspirou milhares de outras pessoas na luta contra o racismo e preconceito” (GOMES, 2016).

Também é válido considerar que, após todas as polêmicas acerca do racismo contra a franquia, tudo se tornara alvo de críticas e piadas nas redes sociais posteriormente. Mesmo assim, o retrato em questão chegou a ser denunciado e excluído pelo Facebook (SILVA, 2016), o que apenas amplia um enorme leque de discussões sobre as perigosas controvérsias existentes, mediante as manifestações racistas do grande público com base nas produções culturais como as Histórias em Quadrinhos e o cinema.

Figura 24. Fotografia do menino Matias, compartilhada pelo ator John Boyega



Fonte: Ego (2016). Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/01/mae-de-menino-que-teve-foto-postada-por-ator-de-star-wars-diz-ele-se-viu-ali.html>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Além disso, o mercado chinês teria ainda diminuído o protagonista negro do pôster local do *Episódio VII* (2015), prática logo acusada de racista (NADALE, 2015):

Figura 25. Comparaçao entre cartaz original e sua versão chinesa



Fonte: Super Interessante (2015). Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/china-diminui-ator-negro-no-poster-de-star-wars-episodio-vii/>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Como decorrência das polêmicas indicadas, os bonecos infantis do Finn aparentemente “encalharam” nas lojas de brinquedos (GELEDES, 2016), o que pode também ser fruto de uma visão de mundo hegemonicamente branca, absorvida por crianças e até mesmo pela publicidade.

Em meio a tantas figuras eurocêntricas que encarnam o arquétipo “do herói” ou “da princesa”, personagens negros podem ser passados desapercebidos, ou até mesmo sofrerem com certo descaso emitido pelo público infanto-juvenil. Tal pressuposto é pertinentemente contribuído pelo seguinte texto, incluso na *graphic novel Jeremias – Pele* e assinado pelo rapper Leandro Roque, conhecido pelo nome artístico Emicida:

Há alguns anos, fui comprar caixas organizadoras com minha filha, para guardar os brinquedos dela. Havia uma infinidade de opções e cores, princesas loiras e uma única, quase escondida, com uma princesa escura como nós. Escolhi aquela e levei até a pequena, pois havíamos combinado de ser uma caixa com uma princesa. Ela pediu para ser outra. Argumentei que aquela princesa era linda, ela insistiu e eu insisti novamente naquela princesa negra. Ela chorou dizendo que queria uma caixa de princesa e não ‘aquela’. Eu havia chegado atrasado. A ausência de referências positivas nos rouba o direito de imaginar, estabelecer um teto para nossos sonhos (ROQUE in: GRAPHIC NOVEL JEREMIAS – PELE, 4^a CAPA).

Infere-se, até este momento da pesquisa, que Hollywood e sua indústria cinematográfica representa uma “faca de dois gumes”, rodeada de erros e acertos que tornam a sétima arte um aprendizado contínuo e fascinante. No entanto, apesar de uma maior visibilidade, a presença afrodescendente na cultura pop permanece controversa, de modo que prossegue a refletir a perpetuação de uma visão hegemônica e conservadora.

A partir das compreensões relativas a representatividade negra nas Histórias em Quadrinhos e no cinema, assim como sua abrangente significação e discussão, deve-se assimilar a transição intersemiótica de uma mídia para a outra, o que significa entender o surgimento do marcante gênero de super-heróis e a ascensão deste aspecto da cultura popular.

4.3 Transição e popularização: das Histórias em Quadrinhos para o cinema

Determinante no discernimento da tradução das Histórias em Quadrinhos para as plataformas audiovisuais, o acessível conceito de “texto” se expande para a abstração de “intertexto”, que significa os diferentes tipos de relação que dada criação possa ter com outra. Como visto no estudo da cultura da convergência, a intersemiose permite a conexão e tradução linguística de um conjunto simbólico para outro, de forma que filmes e gêneros cinematográficos passam a ser considerados partes de um contexto maior, não mais elementos criativos individuais ou desconexos (STAM, 2003).

Ao se tratarem de obras que adaptam um material original, ou seja, os quadrinhos, os longas-metragens de super-heróis correspondem à chamada “hipertextualidade”. São produtos comerciais derivados de hipotextos, preexistentes décadas antes de seus lançamentos. Selecionam, transformam, concretizam, amplificam e atualizam o código das HQs, de formas que podem ou não agradar determinados fãs. “A hipertextualidade chama atenção para todas as operações transformadoras que um texto pode operar sobre outro texto” (STAM, 2003, p. 234).

O uso de intertextos, somado a essa intersemiose, se mostra uma propriedade linguística chave para a expansão de mitologias entre diferentes espaços midiáticos. Principalmente ao considerar a forma como uma pluralidade de personagens, de características e estilos diversificados, se situam dentro de um mesmo universo ficcional, algo comum dentro dessa segmentação cultural.

O dialogismo intertextual se refere às possibilidades infinitas e abertas produzidas pelo conjunto das práticas discursivas de uma cultura, a matriz inteira de enunciados comunicativos no interior da qual se localiza o texto artístico, e que alcançam o texto não apenas por meio de influências identificáveis, mas também por um sutil processo de disseminação (STAM, 2003, p. 226).

Até mesmo o Pantera Negra, no *Marvel Cinematic Universe*, encontra-se cercado de heróis como Homem de Ferro, Capitão América, Hulk, Doutor Estranho, Guardiões da Galáxia entre outros que estrelam suas próprias e rentáveis produções. Estas convergem entre si, através de conexões significativas proporcionadas pela existência e compartilhamento de uma mesma diegese.

A transmídia ocorrente nas produções da *Marvel* se mostra ainda mais extensiva ao se considerar que, em teoria, personagens da televisão e da *Netflix* também se situam na mesma dimensão de T'Challa, como o afro-americano Luke Cage. “A intertextualidade não se limita a um único meio; ela autoriza relações dialógicas com outros meios e artes, tanto populares como eruditos” (STAM, 2003, p. 227).

De um ponto de vista mercadológico, essa consonância de narrações se mostra extremamente relevante, ao se considerar, num exemplo contemporâneo, a robusta presença do Homem de Ferro no marketing do filme *Homem-Aranha: De Volta ao Lar* (*Spider-Man: Homecoming*, 2017). Tal estratégia de vendas se mostra favorável, beneficiada pela atual narrativa transmídiática que tem trafegado nos recentes produtos cinematográficos da *Marvel*.

É um processo ainda mais complexo ao se considerar também que foi necessária uma parceria explícita entre a *Sony Pictures Releasing* e o *Marvel Studios*, pertencente à *Disney*, para que o Homem Aranha pudesse estar presente, ao lado do Pantera Negra, na publicidade de filmes expressivos para o estúdio, tal como *Capitão América: Guerra Civil* (*Captain America: Civil War*, 2016) e *Vingadores: Guerra Infinita* (*Avengers: Infinity War*, 2018). Trata-se de um cenário único e singular dentro de Hollywood, proporcionado pela complexidade do gênero em questão.

Figura 26. Pôster do filme *Homem-Aranha: De Volta ao Lar* (2017)



Fonte: *Geek Tyrant* (2017). Disponível em: <<https://geektyrant.com/news/new-posters-promo-images-and-concept-art-released-for-spider-man-homecoming>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

E porque as colocações ditas se mostram relevantes no entendimento de *Pantera Negra* (2018) dentro de um viés comercial? Na instância em que este integra uma franquia de escala avantajada, provinda dos recursos linguísticos identificados, é admissível que uma parte do seu desenlace nas bilheterias seja advindo do desempenho positivo dos seus antecessores.

Em outras palavras, a construção de um universo cinematográfico pode ter contribuído na base do lucro da película em análise, de modo que o fator representatividade seja um recurso transcendente, que impulsionou ainda mais o seu êxito. Além disso, o próprio Pantera pode vir a se tornar, ou até mesmo já se tornou, um ícone a ser enfatizado no marketing de outros produtos culturais, a exemplo da forte presença de sua mitologia nos vídeos promocionais de *Guerra Infinita* (2018), imediatamente após o triunfo de seu filme-solo.

Relevante para a percepção do atual sucedimento financeiro que representa as franquias de super-heróis, observa-se, a seguir, os números finais de bilheteria bruta arrecadada pelas produções do universo cinematográfico da *Marvel*, extraídas do site Box Office Mojo (s.d.):

Tabela 1. Bilheteria mundial e doméstica dos filmes do *Marvel Cinematic Universe* (2008-2018)

| Rank | Title | Studio | Worldwide | Domestic / % | | Overseas / % | | Year |
|------|---|--------|------------------|--------------|-------|--------------|-------|------|
| 1 | <i>Avengers: Infinity War</i> | BV | \$2,046.6 | \$678.8 | 33.2% | \$1,367.8 | 66.8% | 2018 |
| 2 | <i>Marvel's The Avengers</i> | BV | \$1,518.8 | \$623.4 | 41% | \$895.5 | 59% | 2012 |
| 3 | <i>Avengers: Age of Ultron</i> | BV | \$1,405.4 | \$459.0 | 32.7% | \$946.4 | 67.3% | 2015 |
| 4 | <i>Black Panther</i> | BV | \$1,346.9 | \$700.1 | 52% | \$646.9 | 48% | 2018 |
| 5 | <i>Iron Man 3</i> | BV | \$1,214.8 | \$409.0 | 33.7% | \$805.8 | 66.3% | 2013 |
| 6 | <i>Captain America: Civil War</i> | BV | \$1,153.3 | \$408.1 | 35.4% | \$745.2 | 64.6% | 2016 |
| 7 | <i>Spider-Man: Homecoming</i> | Sony | \$880.2 | \$334.2 | 38% | \$546.0 | 62% | 2017 |
| 8 | <i>Guardians of the Galaxy Vol. 2</i> | BV | \$863.8 | \$389.8 | 45.1% | \$473.9 | 54.9% | 2017 |
| 9 | <i>Thor: Ragnarok</i> | BV | \$854.0 | \$315.1 | 36.9% | \$538.9 | 63.1% | 2017 |
| 10 | <i>Guardians of the Galaxy</i> | BV | \$773.3 | \$333.2 | 43.1% | \$440.2 | 56.9% | 2014 |
| 11 | <i>Captain America: The Winter Soldier</i> | BV | \$714.3 | \$259.8 | 36.4% | \$454.5 | 63.6% | 2014 |
| 12 | <i>Doctor Strange</i> | BV | \$677.7 | \$232.6 | 34.3% | \$445.1 | 65.7% | 2016 |
| 13 | <i>Thor: The Dark World</i> | BV | \$644.6 | \$206.4 | 32% | \$438.2 | 68% | 2013 |
| 14 | <i>Iron Man 2</i> | Par. | \$623.9 | \$312.4 | 50.1% | \$311.5 | 49.9% | 2010 |

| | | | | | | | | |
|----|---|-----------------|-------------------|-----------|-------|------------|-------|------|
| 15 | <i>Ant-Man and the Wasp</i> | BV | \$622.3 | \$216.5 | 34.8% | \$405.8 | 65.2% | 2018 |
| 16 | <i>Iron Man</i> | Par. | \$585.2 | \$318.4 | 54.4% | \$266.8 | 45.6% | 2008 |
| 17 | <i>Ant-Man</i> | BV | \$519.3 | \$180.2 | 34.7% | \$339.1 | 65.3% | 2015 |
| 18 | <i>Thor</i> | Par. | \$449.3 | \$181.0 | 40.3% | \$268.3 | 59.7% | 2011 |
| 19 | <i>Captain America: The First Avenger</i> | Par. | \$370.6 | \$176.7 | 47.7% | \$193.9 | 52.3% | 2011 |
| 20 | <i>The Incredible Hulk</i> | Uni. | \$263.4 | \$134.8 | 51.2% | \$128.6 | 48.8% | 2008 |
| | | TOTAL: | \$17,527.7 | \$6,869.4 | 39.2% | \$10,658.3 | 60.8% | - |
| | | AVERAGE: | \$876.4 | \$343.5 | 39.2% | \$532.9 | 60.8% | - |

Fonte: *Box Office Mojo* (s.d.). Disponível em: <<https://www.boxofficemojo.com/franchises/chart/?view=main&id=avengers.htm&p=.htm>>. Acesso em: 15 outubro 2018.

Com uma arrecadação superior a US\$ 15 bilhões ao redor do mundo (GOMES, 2018), o *Marvel Cinematic Universe* lidera a lista de maiores produções da história do cinema. Entre as dez maiores bilheterias de todos os tempos, até o dado momento, incluem-se quatro filmes do *Marvel Studios*: *Vingadores: Guerra Infinita* (2018), *Os Vingadores* (2012), *Vingadores: Era de Ultron* (2015) e o próprio *Pantera Negra* (2018), conforme o *Box Office Mojo* (s.d.).

O *blockbuster* de 2012, na época, tornou-se a terceira maior bilheteria mundial do cinema, acima de outras franquias populares como *Harry Potter* e *Star Wars* (BRIDI, 2012), com arrecadação final de US\$ 1.518.812.988 (BOX OFFICE MOJO, s.d.). Sucesso popular incomensurável, marcou, ao lado de outros, com que as adaptações de quadrinhos no cinema passassem a significar uma receita lucrativa e invejada dentro de Hollywood.

Figura 27. Frame do filme *Os Vingadores* (2012)



Fonte: *Fan Pop* (s.d.). Disponível em: <<http://www.fanpop.com/clubs/steve-and-tony/images/34894576/title/avengers-2012-photo>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Tabela 2. As dez maiores bilheterias cinematográficas de todos os tempos, até 2018

| Rank | Title | Studio | Worldwide | Domestic / % | Overseas / % | Year^ |
|------|--|--------|------------------|---------------|-----------------|-------|
| 1 | Avatar | Fox | \$2,788.0 | \$760.5 27.3% | \$2,027.5 72.7% | 2009^ |
| 2 | Titanic | Par. | \$2,187.5 | \$659.4 30.1% | \$1,528.1 69.9% | 1997^ |
| 3 | Star Wars: The Force Awakens | BV | \$2,068.2 | \$936.7 45.3% | \$1,131.6 54.7% | 2015 |
| 4 | Avengers: Infinity War | BV | \$2,046.6 | \$678.8 33.2% | \$1,367.8 66.8% | 2018 |
| 5 | Jurassic World | Uni. | \$1,671.7 | \$652.3 39.0% | \$1,019.4 61.0% | 2015 |
| 6 | Marvel's The Avengers | BV | \$1,518.8 | \$623.4 41.0% | \$895.5 59.0% | 2012 |
| 7 | Furious 7 | Uni. | \$1,516.0 | \$353.0 23.3% | \$1,163.0 76.7% | 2015 |
| 8 | Avengers: Age of Ultron | BV | \$1,405.4 | \$459.0 32.7% | \$946.4 67.3% | 2015 |
| 9 | Black Panther | BV | \$1,346.9 | \$700.1 52.0% | \$646.9 48.0% | 2018 |
| 10 | Harry Potter and the Deathly Hallows Part 2 | WB | \$1,341.5 | \$381.0 28.4% | \$960.5 71.6% | 2011 |

Fonte: *Box Office Mojo* (s.d.). Disponível em: <<https://www.boxofficemojo.com/alltime/world/>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Apercebida, por intermédio das arrecadações acima, a pertinência da divisão de super-heróis no âmbito econômico da indústria cinematográfica, deve-se também compreendê-la além de um viés mercadológico. Grande fração das atuais narrativas em Hollywood corresponde a transposições de Histórias em Quadrinhos, o que já se tornou uma categoria específica e de relevante significação cultural. Condiz, além de um processo intersemiótico, a “um fenômeno midiático que se orienta pelo consumo e pelo imaginário coletivo e social” (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2007, p. 4).

No que diz respeito ao histórico da *Marvel Comics* no gênero, a ascensão de sua popularidade iniciou-se na virada do segundo milênio, com a inclusão do super-herói Blade nos cinemas, protagonizado pelo ator negro Wesley Snipes. Seu sucesso ainda não teria sido suficiente para convencer os grandes estúdios hollywoodianos a produzirem novas produções da categoria, que, embora vistas como uma oportunidade comercial atraente, ainda se mostravam, até aquele momento, arriscadas dentro da indústria (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2007).

Ainda nos anos 2000, os X-Men chegavam, enfim, à sétima arte, pela *20th Century Fox*. Com eles, a representatividade racial e o debate sobre o papel de “minorias” na sociedade já se via, analogicamente, presente nesses *blockbusters*, com a subvenção de elementos fictícios como a hiperbolizada mutação humana. A

personagem Tempestade, primeira super-heroína negra, também emergia como integrante da equipe, interpretada pela atriz Halle Berry.

X-Men conseguiu aprovação generalizada desses setores porque, além do respeito às HQ's e de boas cenas de ação produzidas com a ajuda de efeitos especiais, mostrou uma história que se preocupava em obter identificação com a realidade do mundo, tratando do preconceito e do medo das pessoas a tudo aquilo que é desconhecido ou diferente (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2007, p. 8).

Figura 28. Adaptação cinematográfica dos super-heróis X-Men



Fonte: *Drinking Game Zone* (2014). Disponível em: <<https://drinkinggamezone.com/movies/x-men/>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Enquanto os heróis mutantes se consolidavam como um segmento lucrativo e bem recebido, outros como *Quarteto Fantástico* (*Fantastic Four*, 2005) e *Homem-Aranha* (*Spider-Man*, 2002) viriam para popularizar ainda mais o gênero. Tudo mudaria em 2008, com o surgimento do *Marvel Cinematic Universe*, através de filmes como *Homem de Ferro* (*Iron Man*, 2008) e *O Incrível Hulk* (*The Incredible Hulk*, 2008).

Atualmente com uma considerável exorbitância de fãs assíduos, no que se inclui este autor, o *Marvel Studios* assume um papel imprescindível na jornada mercadológica ocorrente até o lançamento de *Pantera Negra* (2018) propriamente dito. O estúdio, hoje uma organização de peso dentro do meio cinematográfico, surgiu a partir da ambição de levar a paixão que os fãs sentiam pelas páginas de quadrinhos para a projeção cinematográfica.

Segundo o seu presidente Keving Feige (2012), se conversar com os apreciadores de seus produtos e indagar seus momentos favoritos entre as

narrativas da *Marvel Comics*, quase sempre será algo íntimo de um personagem. Seus heróis funcionam tanto por serem “como nós”. É o garoto que apanha na escola, e quer a garota acima de suas possibilidades, por exemplo.

Essa essência, transposta para a sétima arte, traduz a pertinência dessas ficções de um ponto de vista social. No momento em que contemplam HQs, os leitores se identificam com essas personas, que além de super-heróis são, antes de tudo, seres humanos. Logo, é natural que ocorra uma identificação com essas obras, seja nos gibis ou nos cinemas, conforme a visão da empresa (2012).

Com o anúncio oficial do filme *Os Vingadores* (2012), na *Comic-Con* de 2010, mudou-se completamente o escopo dos longas-metragens de super-heróis, que se tornariam uma crescente tendência hollywoodiana, através de produções cada vez mais caras e grandiloquentes. “O *Marvel Studios* vai pegar todos seus super-heróis e reuni-los em *The Avengers* (2012)? É o filme mais ambicioso que já vi”, reiterou Robert Downey Júnior (2010), para o delírio dos fãs. Este levaria, futuramente, a projetos ainda maiores, como *Guardiões da Galáxia* (*Guardians of the Galaxy*, 2014), *Vingadores: Guerra Infinita* (2018) e o vindouro quarto filme do supergrupo.

Relativo ao lançamento de inúmeras destas películas interconectadas na contemporaneidade, muitas pertencentes ao *Marvel Studios*, deve-se compreender ainda como se deu a representatividade negra dentro das adaptações de quadrinhos até o devido lançamento do produto em discussão. De um modo geral, sua presença também alterna entre equívocos e notoriedades.

Como um paradigma pontual, embora um tanto destoante do segmento em discussão, pode-se novamente citar o herói das histórias em quadrinhos, nascido de inspirações no continente africano, Tarzan, o Rei das Selvas. Para o desagrado de seu escritor, ao passar pela cinematografia, o personagem, que era inteligente na literatura, passou a falar errado e demonstrar analfabetismo (FEIJÓ, 1997).

Em contraponto, pertencentes ao topo da indústria, as obras do *MCU* já contariam desde sempre com figuras negras, embora ainda não ocupassem um papel distintivo. O herói Máquina de Combate, interpretado por Terrence Howard e posteriormente por Don Cheadle, já se presenciava nos filmes do Homem de Ferro, por exemplo. Embora notável, permanece aqui o clichê do protagonista branco, ao lado de uma personalidade afro e puramente assistente.

Já em um caso de maior proeminência, Nick Fury, originalmente caucasiano nos quadrinhos, tornou-se um afro-americano em sua versão cinematográfica,

baseada nas HQs *Os Supremos*. É eminentemente o depoimento de Samuel L. Jackson sobre a questão, ainda mais ao considerar que o próprio serviu de inspiração para a identidade negra do personagem na *Marvel Comics*:

Quando eu era criança, Nick Fury era branco, e corria pela selva com um bando de caras brancos. Ele foi feito por David Hasselhoff [refere-se ao seu antigo filme solo], e então, peguei um livro um dia e pensei: "Ei, esse sou eu.". Eu sou Nick Fury. Quando leio quadrinhos, as imagino como filmes, faço isso há muito tempo. Então pensei: "Vou conseguir este trabalho. Não preciso fazer o teste nem nada, só tenho que esperar liberarem a produção e pronto!". Eu era totalmente a favor e sempre gostei do Nick Fury. Mesmo quando era branco. Ele é muito legal. (JACKSON in: *BUILDING THE DREAM: ASSEMBLING THE AVENGERS*, 2012).

Figura 29. Samuel L. Jackson como Nick Fury em *Os Vingadores* (2012)



Fonte: Geek Tyrant (2018). Disponível em: <<https://geektyrant.com/news/samuel-l-jackson-says-nick-fury-will-have-another-guys-face-in-captain-marvel-what>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Secundária, a representação negra permanecia na forma de arquétipos coadjuvantes, como a estreia do falcão, interpretado por Anthony Mackie, no filme *Capitão América 2: O Soldado Invernal* (*Captain America: The Winter Soldier*, 2014). Este, adjunto da Máquina de Combate, entraria na equipe dos Vingadores em 2015, no filme *Vingadores: Era de Ultron* (*Avengers: Age of Ultron*), ainda ofuscado pelos protagonistas brancos do time de heróis.

Figura 30. Falcão e Máquina de Combate/Patriota de Ferro, respectivamente



Fonte: *Daily Superheroes* (s.d.). Disponível em: <<https://dailysuperheroes.com/avengers-characters-from-not-so-good-to-best/6227>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Somente em 2016, estreava nos cinemas o longa-metragem *Capitão América: Guerra Civil* (2016). Como mais um marco na cultura popular cinematográfica, trazia, enfim, Pantera Negra, ao lado dos Vingadores nas telas de cinema. Mostrou-se substancial para a preparação do filme solo do herói afrodescendente, compreendido, em detalhes, no capítulo seguinte, como objeto de estudo e análise desta monografia.

Curiosamente, ao longo dos dez anos de obras lançadas pelo *Marvel Studios*, foram seus subsidiários negros, heróis ou não, os que mais se tornaram motivo de debates e polêmicas advindas do grande público. Tais discussões são procedentes de um assunto extremamente delicado entre os fãs do gênero, que diz respeito a mudanças de etnia, aprovadas por uns e desaprovadas por outros, dos personagens de quadrinhos para a sua versão cinematográfica. São interpretadas como um “racismo reverso”, ou seja, como uma redenção de Hollywood à demanda por representatividade nos produtos culturais, anteriormente identificada.

Inclusive, tais controvérsias também ocorrem em produções além da *Disney*, como se sucedera com a heroína Dominó, adaptada pela *Fox* no filme *Deadpool 2* (2018). Originalmente branca com uma marca negra no rosto, sofreu uma inversão racial para o longa-metragem. Circunstâncias como essa levam a discussões claramente preconceituosas nas redes sociais, como ocorrente em inúmeros contextos antecedentes (SESSA, 2018).

É curioso como essa específica conjuntura promove, de um modo geral, opiniões impactantes e polarizadas. Embora seja polêmica e dificultosa a compreensão de fundamentos como purismo, conservadorismo e quaisquer outros que possam ser considerados na tentativa de conceber uma recepção negativa desse hábito hollywoodiano, também deve-se tomar em consideração o quanto positiva essas transformações representam em um âmbito social. Na imagem a seguir, publicada pelo portal Judão (2018), uma menina “tem a certeza” de que serviu de inspiração para a personagem em evidência:

Figura 31. Menina sente-se representada por Zazie Beetz, como Dominó em *Deadpool 2* (2018)



Fonte: Instagram (2018) e Cinefilos (2017). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bn_UD_HsHY/> e <<https://www.cinefilos.it/cinema-news/2017b/deadpool-2-mutazione-domino-351312>>. Acesso em: 11 novembro 2018.

No entanto, no momento em que a escassez de representatividade se mostra uma problemática histórica desde os quadrinhos, como visto no tópico correspondente, a discordância sobre o tema se mostra ainda mais controversa. Personagens como Heimdall e Valquíria, brancos nas HQs, foram interpretados em filmes como *Thor: Ragnarok* (2017) por Idris Elba e Tessa Thompson, ambos atores negros.

Acontece que, se os dois são deuses nórdicos na ficção, não deveriam, supostamente, ser negros por questões de lógica. Contudo, no universo cinematográfico da *Marvel*, esses secundários seriam considerados alienígenas, o que deveria justificar quaisquer quesitos étnicos e geográficos. O fato é que,

conforme a revista *Mundo dos Super-Heróis* (2018), os fãs xiitas não admitem mudanças em seus heróis preferidos. Racismo ou fanatismo?

Ao que parece, essas imposições do fã, já identificado como um ator político de poder de voz na sociedade consumerista, não se limita a questões étnicas, mas pode significar casos verdadeiramente racistas, ocultados pela “máscara” do fã. Pode significar também, presumivelmente, uma união, entre valores preconceituosos e a adoração à mitologia de super-heróis, de modo que, juntos, resultam em discursos repletos de ódio e ignorância, que são reforçados pela cibercultura.

Em contrapartida, determinadas ocorrências onde a inversão racial ocorre nas adaptações dos quadrinhos para o cinema são bem recebidos pelo grande público, ainda que com exceções. Enfatiza-se a interpretação de Michael Clarke Duncan como o vilão Rei do Crime, um dos poucos destaques verdadeiramente positivos do filme *Demolidor: O Homem Sem Medo* (*Daredevil*, 2003). Ainda assim, este aparece como único negro do longa-metragem, em posição de antagonista e, ainda por cima, a de um criminoso. Logo, apenas reforça ainda mais as problemáticas da inquietante indústria cinematográfica.

Figura 32. Personagem Valquíria, vivida por Tessa Thompson



Fonte: *Comic Book* (2017). Disponível em: <<https://comicbook.com/marvel/2017/09/06/thor-ragnarok-tessa-thompson-addresses-fan-reaction-to-her-valky/>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Figura 33. Idris Elba, intérprete do personagem Heimdall



Fonte: *Curvyecocentric* (2009). Disponível em: <<https://curvyecocentric.wordpress.com/2009/11/29/idris-elba-in-comic-book-film-thor/>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Em uma visão geral, toda essa desavença se mostra delicada e constantemente polemizada. Também não se limita às telas de cinema, como a mudança da personagem ruiva Iris West, que foi adaptada negra, sob críticas, para a série televisiva *The Flash* (2014), com a atriz Candice Patton. Livre dessa discussão em específico, *Pantera Negra* (2018) proporciona pela primeira vez um elenco principal integralmente negro para as produções do gênero, de forma integralmente condizente com sua mitologia nas Histórias em Quadrinhos.

E no que isso se mostra pertinente para a representatividade negra na caracterização cinematográfica dos super-heróis? Problemática, a inclusão de uma minoria representativa (não quantitativa) racial torna-se, aparentemente, uma preocupação no sentido de ser uma “obrigação” pertencente aos estúdios, existente, somente, para atender ao politicamente correto. E, mesmo assim, controversamente, o protagonismo permanece com uma estética eurocêntrica.

É, perceptivamente, a tensão entre um universo específico da cultura pop e a representatividade social em uma mídia de massa. Justamente como uma alternativa a essa controvérsia que deve evidenciar a expressividade do longa em estudo, assim como o seu impacto dentro da indústria cinematográfica. Pois, aparenta-se relevante a sua inserção da presença negra com o uso de um intertexto

e construção imagética distantes de estereótipos e posições subservientes, de modo que, ainda, não discute com o purismo (ou fanatismo) advindo de determinados cinelícos. Livre de polêmicas justificáveis, quaisquer contestações a *Pantera Negra* (2018) permitem a identificação do racismo em sua essência, algo a ser explorado no seguinte capítulo.

Dentre outras desconstruções do arquétipo branco no gênero de super-heróis, também nota-se a personagem negra Liz, par romântico negro do Homem Aranha vindo dos gibis, no filme *Homem-Aranha: De Volta ao Lar* (2017). Já em uma valiosa consideração sobre a representatividade afro no futuro desta segmentação cultural, pode-se ainda ter um breve vislumbre do que está por vir futuramente na indústria. A Sony está para estrear nos cinemas o longa-metragem de animação *Homem Aranha: No Aranhaverso* (*Spider-Man: Into the Spider-Verse*, 2018), protagonizada por Miles Morales, a versão afro-americana do herói nas HQs e séries televisivas (GONZAGA, 2017).

Um garoto negro do Brooklyn, surgiu nos quadrinhos da *Marvel Comics* em 2011, inspirado por Barack Obama. Enquanto uns o aprovam como uma boa referência para as crianças não brancas, outros podem o considerar um golpe publicitário, movido, mais uma vez, pelo politicamente correto (PETRI, 2011).

Figura 34. Frame da animação *Homem Aranha: No Aranhaverso* (2018)



Fonte: *Looper* (2018). Disponível em: <<https://www.looper.com/129196/spider-man-into-the-spider-verse-reveals-new-look-at-spider-gwen/>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

Dentre outras mídias audiovisuais, atualmente, a presença negra nas produções envolvidas com super-heróis enfim transcende uma posição secundária

para, de fato, assumir um lugar de proeminência. Tão relevantes quanto os produtos cinematográficos e sua base nos quadrinhos, estas também requerem atenção nesta pesquisa de natureza descritiva e, predominantemente, exploratória.

Em 2016, na *Netflix*, o personagem Luke Cage ganharia sua série solo. Com um elenco majoritariamente negro, no que se inclui heróis e antagonistas, a produção se passa no Harlem, bairro de Manhattan conhecido por ser um grande centro cultural e comercial dos afro-americanos. Dilemas como racismo, criminalidade e violência policial passam a ser combatidos por um protagonista ex-presidiário, negro e à prova de balas, de forma que as associações entre marginalidade e etnia negra, identificadas por Duvernay (2016), ganhem novas concepções. “Sua trilha sonora é repleta de artistas afrodescendentes e de estilos como o *rap* e o *hip-hop*, além de todos os episódios terem o nome de uma música da dupla Gang Starr¹⁴” (PORFÍRIO, 2018).

Em paralelo, a *DC comics* levou para as produções televisivas do canal *The CW*, em 2018, o herói Raio Negro (*Black Lightning*), que também tomaria partido em representação real da cultura que faz parte. Com uma significativa representatividade negra, sua série demonstra como comunidades subestimadas podem se reerguer na sociedade, além de aceitar a força da cultura afrodescendente que vinha ignorada até então pela cultura de massa (PORFÍRIO, 2018).

No mesmo ano (2018), a *Marvel* lançou a série de televisão *Cloak & Dagger*, que rompe estereótipos ao construir seu coprotagonista negro, Tyrone/Manto, como uma persona de conduta exemplar, em proposital contraste com sua coprotagonista feminina, branca e de classe elevada, Tandy/Adaga. Esta está associada à criminalidade, tentativas de suicídio, drogas e assume, aparentemente, um perfil comportamental que até então é atribuído aos afrodescendentes pela indústria do entretenimento, na forma de estereótipos.

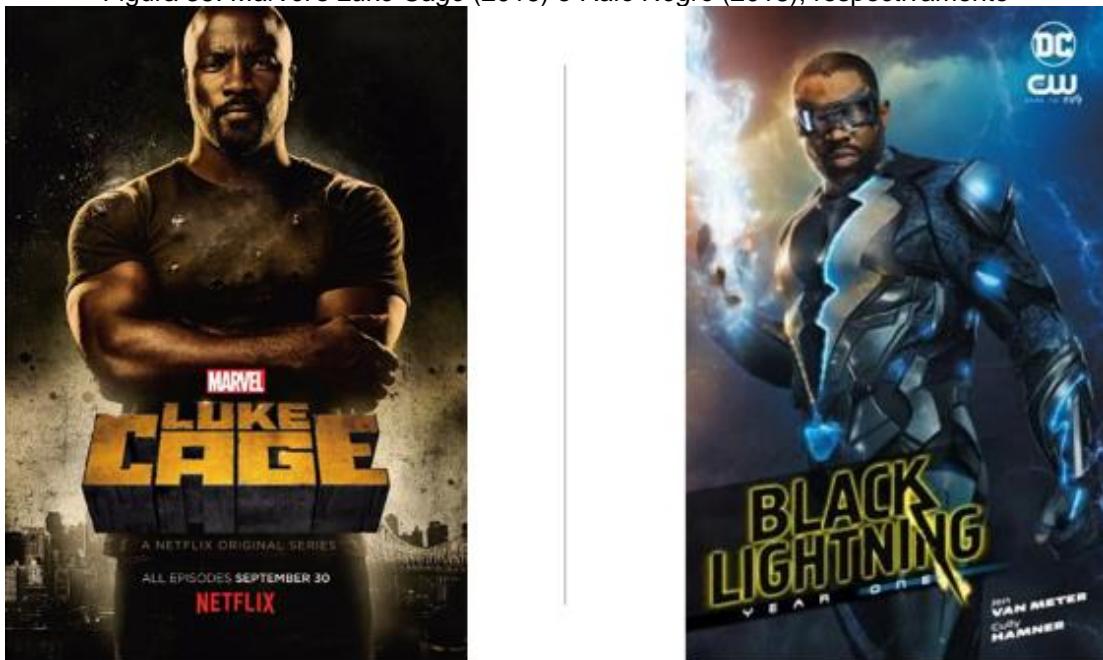
Destaca-se um diálogo entre as duas personagens, sobre qual entre ambas se encontra na posição de desprivilegiado perante a sociedade: “Tente entrar em uma loja parecendo-se comigo! [...] Este país inteiro [EUA] está tentando me matar todos os dias”, ressalva Manto no 4º episódio da série (MANN, 2018).

¹⁴ Grupo de hip hop da Costa Leste estadunidense.

Assim como os clichês, os estereótipos, ou seja, toda forma de concepção preconcebida de um indivíduo ou grupo, transparecem inevitavelmente nas séries, filmes e HQs, conforme variam-se as épocas e seus aspectos morais e culturais. As Histórias em Quadrinhos, por exemplo, são uma categoria acusada de promover valores racistas, patriotas e capitalistas, o que pode ser verdade em casos específicos (QUELLA-GUYOT, 1994).

Embora inexistente uma posição de fala, supõe-se que a inclusão de personagens afrodescendentes no imaginário infanto-juvenil da atual e futuras gerações de cinéfilos permitirá que estes contemplem o gênero com ainda mais deleitamento e entusiasmo, permitida pela inclusão e reforço da representatividade no binômio fã e herói. Pertinente para o cinema e, portanto, para a sua adaptação intertextual dos quadrinhos, esta alcança seu ápice com *Pantera Negra* (2018), a ser assimilado no capítulo seguinte.

Figura 35. *Marvel's Luke Cage* (2016) e *Raio Negro* (2018), respectivamente



Fonte: Pipoca Moderna (2016) e Saraiva (s.d.). Disponível em:
<https://pipocamoderna.com.br/2016/09/luke-cage-as-heroinas-da-serie-ganham-dois-posteres/> e
<https://www.saraiva.com.br/black-lightning-year-one-9935467.html>. Acesso em: 06 outubro 2018.

5 PANTERA NEGRA

“Jogue-me no oceano com meus antepassados que pularam dos navios, porque sabiam que a morte era melhor do que a escravidão.”

Erik Killmonger

Tradição e desábito. Guerra e união. Responsabilidade e negligência. Todos estes são conceitos antitéticos que permitem uma dura e necessária discussão da atual realidade social. Em *Pantera Negra* (2018), o diretor negro Ryan Coogler os aborda com um discurso crítico, ao mesmo tempo que desenvolve um produto cultural pertinente em tempos nos quais considerável parte da humanidade insiste em se manter polarizada e aderente a discursos de ódio.

A ideia de uma nação fictícia tecnológica oculta no continente africano, prestes a abrir mão de sua integridade para partilhar seus recursos com outros povos, pode soar como um contraste categórico ao atual governo estadunidense e sua radical política contra a migração de refugiados em seu território.

Em uma visível crítica à ilusão de Donald Trump, o filme transmite uma mensagem necessária sobre o que é, de fato, ser humano. Complexa, é uma noção cada vez mais incognoscível ao considerar como indivíduos podem ser imprevisíveis e, muitas vezes, desumanos. Não unicamente uma desaprovação ao real, *Pantera Negra* (2018) utiliza-se daquilo que as mitologias de super-heróis, dos quadrinhos ao cinema, oferecem de melhor a seus fiéis apreciadores: a fantasia como uma metáfora ao cotidiano.

Esta, como reforça Silva (2002), permite a todos imaginar mundos utópicos, que servem como uma porta de fuga à tão decepcionante verdade que nos cerca. Entretanto, além de conceder uma zona de conforto e a percepção daquilo que poderia ser ou existir, que consequências um longa-metragem poderia acarretar fora da irrealdade?

O fator representatividade aparenta ser determinante para conceber tal indagação. Mas como assimilar sua relevância mercadológica? Para isso, deve-se adotar sua repercussão entre fãs, *prosumers* e as grandes massas, assim como suas influências dentro da indústria cinematográfica. Em uma síntese dessas considerações, deve-se solucionar a tão polêmica e hodierna indagação: Como que ela impacta, efetivamente, na contemporaneidade?

Ao mesmo tempo em que responde infindas acusações de racismo, a (r)evolução de valores identificada em Hollywood, tal como suas inspirações nas Histórias em Quadrinhos, possibilita uma sucessão abrangente de discussões, além das constatadas por esta pesquisa: a representatividade pode ser enxergada como um recurso mercadológico? Sua absorção pelo público significa “modismos” ao invés de uma real conscientização social? Sua utilização incentiva o alastramento de novas alocuções de hostilidade no ciberespaço? Até onde ela é determinante para a adesão ou o repúdio do consumidor a produtos como *Pantera Negra* (2018)? Como esse contexto reforça a reivindicação dos direitos humanos em sociedade?

Em consonância com o objetivo geral deste projeto, busca-se compreender o impacto social e comercial da manifestação afro-americana em sua singular comunicação. A luta sociocultural negra e as proposições de venda do *Marvel Studios* se confrontam, não necessariamente de um modo negativo, no capítulo em mãos, que representa a culminância deste Trabalho de Conclusão de Curso.

5.1 O filme

T’Challa, príncipe e posteriormente rei de Wakanda, defende sua nação através do manto de Pantera Negra, passado de guerreiro para guerreiro em sua tribo. Diplomata, emergiu no cinema em 2016, no *blockbuster Capitão América: Guerra Civil* (2016). O filme, que necessitava contar com uma quantidade considerável de super-heróis, expandiu o *Marvel Cinematic Universe* ao introduzir sua vasta mitologia. Lançado em seguida, *Pantera Negra* (2018) seria a primeira obra contemporânea do gênero a dar protagonismo a uma figura africana, interpretada por Chadwick Bosman.

“Eu era fã de Pantera Negra. Vê-lo ganhar vida foi um sonho se realizando”, afirmou Anthony Mackie (2016 *in: CAPTAIN AMÉRICA: CIVIL WAR – BLU-RAY DISC*), ator do personagem Falcão. É admirável como a relação “fã e herói” se manifesta até mesmo nos bastidores da indústria cinematográfica. Fiel às Histórias em Quadrinhos, *Pantera Negra* (2018) resultou num sucesso notável de público e crítica, carregando consigo um amplo impacto social e comercial.

Afinal, no momento em que um ícone carregado de significação assume um papel de protagonismo na sétima arte, pressupõe-se que este deve se tornar modelo e inspiração para inumeráveis crianças ao redor do planeta. Quando esse contexto é

somado à escassez de personas negras na cultura pop, essa incumbência torna-se ainda maior mediante o fator da representação étnica.

Enquanto um ídolo como o Capitão América agrega a si valores patriotas da nação estadunidense, o Pantera utiliza matrizes africanas, de modo que simboliza um arquétipo fantástico e parcial das identidades culturais existentes no continente. Logo, percebe-se uma simetria natural entre os dois personagens e a iconografia, embora se deem por conjunturas distintas. Mais do que patriotismo, T'Challa torna-se figura central da representatividade afro até então retraída pela indústria cinematográfica, como enfatiza o diretor da produção Ryan Coogler (2018):

Para mim, foi importante levar o primeiro super-herói afro-americano da *Marvel* aos cinemas, pois cresci adorando quadrinhos e virei fã dos filmes baseados nos quadrinhos quando começaram a ser feitos. Porém, sempre quis ver personagens parecidos comigo, com minha família e amigos. E foi assim que me apresentaram ao Pantera Negra. Desde então, ele mora no meu coração. (COOGLER, 2018 in: *BLACK PANTHER – BLU-RAY DISC*).

Se seu surgimento na era de prata dos quadrinhos da *Marvel Comics* foi uma ousadia mediante à movimentação em prol dos Direitos Civis, hoje o advento do personagem na sétima arte se mostra em consonância com circunstâncias mais “politicamente corretas”, embora o racismo e a luta pelo empoderamento negro permaneçam identificáveis desde antes da década de 1960 até a atualidade, inclusive dentro de Hollywood.

Figura 36. Protagonismo negro é destaque no filme *Pantera Negra* (2018)



Fonte: Omelete (2018). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-artes-conceituais-mostram-visuais-alternativos-de-okoye>>. Acesso em: 26 outubro 2018.

Buscou-se com o longa contemplar o tema “o que significa ser africano”, além de destacar personagens fortes com personalidades e posições sociais relevantes, a exemplo de monarcas, advindas das HQs. Como uma completa inversão aos tabus hollywoodianos, o ator britânico Martin Freeman deu vida a um dos poucos personagens caucasianos do filme, em uma posição secundária de suporte ao herói. “O meu medo era de ser o branco chato em meio a tantos personagens negros tão legais”, afirmou em uma entrevista ao site Omelete (FONSECA, 2018).

Estes protagonizam toda a produção, com paradigmas que, em proeminente menção, rompem explicitamente com as estereotipagens da mulher negra: “Tem Ramonda, a Rainha-Mãe de Wakanda. Shuri, a cientista-chefe. Nakia, a espiã internacional. Okoye, a líder das Dora Milaje. Então fizemos uma sociedade que funciona do modo que desejássemos que fosse” (COOGLER, 2018).

Enquanto um coletivismo infantil pode estar acostumado com construção imagética da “donzela” fragilizada e submissa a figuras masculinas, *Pantera Negra* (2018) impacta o grande público com um exército de guerreiras, negras, não sexualizadas e com suas cabeças orgulhosamente raspadas.

“Os efeitos sociais aqui falam mais alto: a questão da negritude nos unia. Ryan aproximava os atores com suas concepções sobre afirmação de nossas raízes negras”, celebrou a atriz Letitia Wright (FONSECA, 2018). Seja na capacidade física ou cognitiva, como no caso da princesa Shuri, permite-se uma representação feminina distante dos tabus da indústria do entretenimento.

Destaca-se um momento em que a general Okoye demonstra seu incômodo ao ter que usar uma peruca de cabelos compridos e sedosos. Para ela, tratava-se de uma renegação a sua identidade como uma guerreira Dora Milaje. Ainda que cômica, a cena representa um subtexto crítico às imposições estéticas midiáticas, que tão volta e meia repudiam a natureza capilar da mulher negra.

Acho que há personagens no filme que as pessoas encontrarão inspirações e talvez tentem coisas que não acharam que poderiam fazer. Acho que contém uma inspiração principalmente para as crianças, o que é ótimo. Um dia algo muito especial virá da mente de alguém que viu o filme e se inspirou nele. (MOORE, 2018 *in: BLACK PANTHER – BLU-RAY DISC*).

Figura 37. Arquétipo guerreiro da mulher negra no filme *Pantera Negra* (2018)



Fonte: Omelete (2018). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-artes-conceituais-mostram-visuais-alternativos-de-okoye>>. Acesso em: 26 outubro 2018.

Outro elemento relevante, Erik Killmonger, seu antagonista, permite um paralelo rico e oportuno com o protagonista (BRIDI, 2018). Interpretado por Michael B. Jordan, este propicia uma reflexão verídica da sociedade afro-americana, de modo que retoma a violenta problemática já compreendida com base na militância manifestada por Nina Simone (GARBUS, 2015) e na percepção de DuVernay (2016) perante o papel periférico do americano de procedência africana.

Fruto de uma construção socio-histórica do negro além da África, o “vilão” é erguido a partir de argumentações coerentes, abordadas com subjetividade em dados momentos, porém explícitas em determinados diálogos: “Seus líderes foram assassinados. Comunidades foram inundadas por drogas e armas. Há excesso de policiamento e encarceramento”. Pode-se interpretar que, caso inexistassem seus métodos cruéis e extremos, o rival de T’Challa seria capaz de assumir o arquétipo do “herói”, como reforça Chadwick Boseman (CANHISARES, 2018):

Na realidade, eu sou o inimigo. É o inimigo que sempre conheci. É o poder. É ter o privilégio. Ele [Killmonger] é afro-americano e, portanto, está tentando encontrar uma conexão com suas origens na África. Você vê essa busca no filme. Tem um pouco de Ryan [Coogler] em Killmonger e eu me sinto da mesma forma. Não sei se nós, como afro-americanos, aceitaríamos T’Challa como nosso herói se ele não passasse por Killmonger. Porque Killmonger passou pelas nossas dificuldades e eu, T’Challa, não (BOSEMAN, 2018).

Ambos são heróis e vilões ao seu modo, de forma que representam ideais polarizados em um radical conflito. Chegaram ao mesmo lugar, mas por caminhos complexos e distintos. Além disso, se assemelham ao embate ideológico entre o pacifismo de Martin Luther King e o extremismo de Malcom X. Evidenciam os ideais afro-americanos em conflito direto com os existentes na África, com a utilização de concepções como colonização, fronteira e identidade.

A primeira vez em que peguei um gibi do Pantera Negra eu perguntei ao vendedor: “cara... Me mostre se há algum com personagens negros. Um gibi sobre eles. Ele tinha o Pantera Negra. Achei uma beleza. Pedi para me falar dele. “Ele é um rei africano.” Eu pensei: “não tem a ver comigo.” Não me identificava com aquilo, mas tinha a ver comigo. Killmonger veio do Harlem e subiu na vida. Estava mais perto de um acesso, na minha opinião (COOGLER, 2018 *in: BLACK PANTHER – BLU-RAY DISC*).

Killmonger é a simbolização cruel da pergunta “O que é ser africano na América?”, controversa até mesmo em um universo tão multicolor e irreal como o da *Marvel*. Politizado, o filme usufrui desses pontos de referência no mundo real, o que permite a reflexão crítica do grande público além do tradicional entretenimento facultado pelo gênero de super-heróis.

Ao se retomar a observância crítica deste segmento cultural, nota-se como “de todos os personagens, o Pantera Negra significava talvez o maior desvio daquilo que estamos acostumados a ver. Não apenas no universo *Marvel*, mas nos filmes baseados em quadrinhos” (COOGLER, 2018). Singular em relação a longas como *Os Vingadores* (2012) ou *Guardiões da Galáxia* (2014), é centrado em seu próprio mundo e transcende, com abordagens relevantes, a comédia e diversão característica dos produtos do estúdio.

Ao decorrer de seus primeiros minutos, já são identificáveis os contrastes que a adaptação da mitologia de Lee e Kirby sofre com a violenta história da humanidade. Enquanto o fascismo do homem branco causava guerras motivadas por ódio e concepções tolas de superioridade racial, Wakanda prosperava. Em meio a esses dois extremos, crianças negras jogam basquete no Harlem, com um cesto improvisado. É a manifestação da cultura negra a partir daquilo que têm, seja em uma rua periférica ou em um palácio tecnológico que metaforiza a história africana, em um comparativo com as demais nações (COOGLER, 2018).

Em um debate sobre o filme, o roteirista da *Marvel* Don McGregor (2018 *in: BLACK PANTHER – BLU-RAY DISC*) corroborou o contraste existente entre o atual

contexto sociopolítico e o que assentava na época em que o T'Challa se originou nos quadrinhos. “Obviamente, não havia muitos personagens negros. A cultura pop não era tão avançada quanto é hoje. [...] Achavam que o gibi não ia dar em nada”, afirmou consoante a existência de um público leitor predominantemente branco e masculino na época, como si próprio.

O progressismo político das HQs do personagem é visivelmente retomado por Coogler (2018), o que assim coadjuva com a promoção de um impacto social entre os jovens cinéfilos. “Não era apenas uma revolução nos quadrinhos. É revolucionário em termos de cultura pop. Nesse sentido é adequado que continue sendo revolucionário por meio deste filme”, reforça o quadrinista negro Ta-Nehisi Coates (2018), adjunto de McGregor. “É um convite à revolução”, ainda reitera a atriz Danai Gurira (FONSECA, 2018).

Existente o desafio de reintroduzir o herói africano em uma mídia que, geralmente, atende prioritariamente ao homem branco, lida-se ainda com a adversidade de atualizá-lo sem obliterar a transposição da visão do Pantera Negra das Histórias em Quadrinhos para as telas de cinema. Para isso, escolheu-se um diretor negro, o que segue a mesma lógica de *Mulher Maravilha* (*Wonder Woman*, 2017) ao utilizar uma mulher na direção, consonante com a representatividade em evidência.

Coogler (2018) dirigiu-se ao continente Africano para se apropriar de referências culturais, como exemplo a tradição de se reverenciar constantemente aos ancestrais, sempre manifestada no âmbito espiritual da narrativa. Retratos de guizos, conchas, vestes, máscaras, assim como a percepção dos hábitos e sonoridades expressados por tribos reais africanas serviram para a estruturação imagética de *Pantera Negra* (2018), que, conforme a atriz Lupita Nyong'o em seus bastidores (2018), fala da “diversidade relativa a uma população africana bem extensa, que foi reunida para dar vida a uma única nação”.

Mostrou-se clãs oriundos do Leste Africano, África Ocidental, Norte da África e da África do Sul, com uma heterogênea hibridização de cores, idiomas, símbolos e tradições locais. É apreciável como que tudo aquilo que cada personagem carrega em seu corpo é repleto de uma semântica verossímil, de seus gritos de guerra à pigmentação de suas vestes (ressalta-se o uso da cor roxa para condições ligadas à espiritualidade). A fictícia tribo Jabari, por exemplo, recebeu defluência do ocidente africano, mais especificamente do povo Igbo (MARVEL STUDIOS, 2018).

Curiosamente, Boseman precisou insistir que as personalidades de *Pantera Negra* (2018) mantivessem o sotaque africano no filme, o que a *Marvel*, de início, não concordou (CANHISARES, 2018). Essa problemática apenas ilustra o quão Hollywood permanece prematura na sua naturalização das culturas negras.

Figura 38. Uso de elementos simbólicos das culturas africanas no filme



Fonte: Omelete (2018). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-artes-conceituais-mostram-visuais-alternativos-de-okoye>>. Acesso em: 26 outubro 2018.

Nas telas de cinema, *Pantera Negra* (2018) e sua nação utópica logo passariam a ser almejados por aqueles que os assistem. É o respeito à liderança feminina e sua posição frontal. É a desassociação da África a um continente economicamente miserável. É a concepção de um super-herói protetor da comunidade negra. São utopias na ficção que proporcionam ao cinéfilo uma consequência real chamada de representatividade. “Sei que ele [o filme] vai inspirar pessoas de todas as classes sociais a encontrar coragem para serem heróis de suas próprias histórias”, elogiou a ex-primeira-dama estadunidense Michelle Obama (GOMES, 2018).

Aliás, caso Wakanda se revelasse uma nação existente, quantos “Killmongers” na vida real não se manifestariam com a sua devida razão? É essa tenuidade entre a fantasia e a veracidade que torna tão relevante a identificação do indivíduo com dado produto cultural.

Representado culturalmente, historicamente e socialmente, o espectador, fã, ativista e (ou) *prosumer* sente-se contemplado, além de se empoderar dos discursos e valores disseminados pela película. “Esses filmes põem a cultura negra em relevo

por nos fazer repensar formas de representação", acrescenta o ator Daniel Kaluuya (FONSECA, 2018). "A pequena criança queniana em mim pulou de alegria porque o filme é uma afirmação. O que o colonialismo faz é criar uma crise de identidade com a sua própria cultura", abona Lupita Nyong'o (SABBAGA, 2017).

Em uma cena em meio aos créditos finais do longa-metragem, e que deveria estar mais acessível em prol da relevância que representa, é perceptível a vultosa "alfinetada" do filme a Donald Trump, através do discurso do protagonista na ONU – Organização das Nações Unidas sobre a tolice de se construir barreiras entre os povos, ao invés da sua diplomática união.

Figura 39. Frame da primeira cena pós-créditos do filme *Pantera Negra* (2018)



Fonte: Omelete (2018). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-entenda-as-cenas-pos-creditos-do-filme>>. Acesso em: 26 outubro 2018.

Entretanto, a passagem talvez mais relevante para este seja o ato final de *Pantera Negra* (2018). Subjetivamente, “escreve com todas as letras” que representatividade importa. Uma criança negra, admirada pelo potencial que seu povo pode alcançar ou representar, espelha-se no herói africano. “Essa história, que é muito universal, vai dar representatividade para jovens negros”, assegura a atriz Danai Gurira (ROCHA, 2017).

"Precisávamos fazer esse filme para destruir o ‘filme’ que filmes estrelados por uma maioria de atores negros não farão sucesso ao redor do mundo. O preconceito inconsciente é real", conclui Kevin Feige (BRIDI, 2018). No fim das contas, em concordância com as palavras do diretor (2018), o longa-metragem trata sobre responsabilidade, cultura, família e, acima de tudo, ser humano.

Em contrapartida, também é necessário assimilar que a produção é um “sopro” realizado dentro de uma controversa Hollywood: "*Pantera Negra* (2018) foi

um experimento cruel. Vivemos em 2018 e essa é a primeira vez que a indústria cinematográfica nos deu um espaço justo em um *blockbuster* e os milhões necessários para fazê-lo", lamenta o rapper e produtor musical Sean Combs, popularmente conhecido como Diddy (CANHISARES, 2018). Samuel L. Jackson é outro que agrega a essa perspectiva pessimista (SABBAGA, 2018):

Eu não tenho certeza de que *Pantera Negra* (2018) quebrará as dinâmicas de histórias contadas em Hollywood, que são aceitas no mundo inteiro. É uma história de ação e aventura, e muitas pessoas gostam disso, elas funcionarão para sempre no mundo porque todo mundo ama um herói. Mas nem todo mundo ama histórias de drama de outras pessoas, e é por isso que temos uma categoria separada para filmes estrangeiros. Eles são entendidos como diferentes. Quando nós paramos de entendê-los como diferentes e simplesmente aceitá-los como filmes bons, na mesma categoria, estaremos mudando barreiras (JACKSON, 2018).

Reflexo de seu produto cultural, a publicidade da obra cinematográfica em estudo coincide com a representatividade sociocultural afro-americana perceptível até então, a ser avaliada no tópico seguinte como um segmento significativo do *corpus* da presente pesquisa.

5.2 A publicidade

Na *San Diego Comic-Con* 2017, a apresentação pública de *Pantera Negra* (2018) contou com uma ovacionada recepção advinda dos fãs. A sequência de ação do longa-metragem decorrida na Coréia do Sul, em uma prévia da força afro e feminina suscitada pelo filme, foi promocionalmente exibida para a multidão ali presente (SOUSA, 2017). É dito que sua calorosa recepção conseguiu até mesmo superar as reações emitidas a um primeiro e exclusivo trailer do grande trunfo do *Marvel Studios*, *Vingadores: Guerra Infinita* (2018), como observa-se em gravações vazadas do evento. Foi um dos painéis mais aplaudidos de toda mostra, segundo a jornalista Natália Bridi (OMELETV, 2017).

Figura 40. Comemoração do elenco na *San Diego Comic-Con 2017*



Fonte: Lovebscott (s.d.). Disponível em: <<https://www.lovebscott.com/watch-black-panther-cast-reacts-seeing-footage-film-first-time-video>>. Acesso em: 26 outubro 2018.

Mais eminentes que a celebração dos fãs, é explícita a felicidade do elenco principal diante de tamanha receptividade. Tão empolgados quando os admiradores do gênero, assistiam pela primeira vez a cenas na íntegra do longa-metragem (LOVEBSCOTT, s.d.), com um sentimento de dever cumprido. Com banners, pôsteres e artes conceituais exclusivas para os visitantes do encontro pop, o marketing de lançamento de *Pantera Negra* (2018) se mostrou reflexo da sua multiculturalidade e empoderamento negro.

Inevitavelmente, ao se considerar o quão a produção demonstra não querer um menosprezo ou minimização da representatividade étnica, suas atividades publicitárias vão de encontro aos casos registrados de racismo tão presentes na comunicação nacional e internacional (OABRJ DIGITAL, 2018), ocorrentes dentro e fora de um âmbito como o entretenimento.

Sem maiores espaços para uma presença branca, com a exceção dos pôsteres individuais de personagens secundários caucasianos, sua caracterização “abraça” elementos culturais afro-americanos, com o uso de trilhas sonoras condizentes, além de associações simbólicas e imagéticas diretas ao movimento dos Panteras Negras. Estes se misturam a elementos lúdicos e fantasiosos, para que assim a *Disney*, como dona do *Marvel Studios*, possa devidamente “vender seu peixe”.

Retomado o objetivo específico de verificar a pertinência do uso da cultura afro-americana na publicidade do lançamento de *Pantera Negra* (2018) para o seu

contexto mercadológico, analisa-se peças publicitárias repercutidas em ambiente virtual, mais especificamente nas redes sociais e websites relacionados a esta segmentação popular.

5.2.1 Pôsteres

A evidência da cultura negra, tal como um manifesto crítico às controvérsias da política americana, já se via presente no primeiro cartaz do filme, lançado em 9 de junho de 2017 no ciberespaço. Cheo Hodari Coker, *showrunner* da série *Luke Cage* (2016), apontou um proposital e simbólico paralelo entre a pose de Chadwick Boseman, que está sentado no trono de Wakanda, e um retrato de Huey Percy Newton, cofundador e líder do movimento dos Panteras Negras (BRIDI, 2017).

Este fora um revolucionário negro em prol da igualdade racial na nação estadunidense, dito ainda como o “verdadeiro” Pantera Negra. Implantador de práticas de assistência social e militante do movimento afrodescendente, se aproximava dos ideais radicalistas de Malcom X. “tinha tudo para ser o Che Guevara da causa negra, mas morreu como traficante de drogas” (SUPER INTERESSANTE, 2016).

Figura 41. Comparativo nas redes sociais entre a fotografia e o pôster



2.069 1.371 pessoas estão falando sobre isso



Fonte: Omelete (2017). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-poster-faz-referencia-a-retrato-de-lider-dos-panteras-negras>>. Acesso em: 24 outubro 2018.

É interessante prognosticar como que essa peça em específico assume abertamente as concepções do movimento negro, em contraste às tentativas de desassociar o personagem do partido nos anos 1960, como absorvido no tópico referente à representação étnica nas HQs. A utilização de um diferenciado conjunto de aspectos culturais aparenta dialogar diretamente com a comunidade afro-americana, de forma consonante à concepção de que abordagens imprecisas já não funcionam em meio a um público tão diversificado e exigente (GRIER *apud* SOLOMON, 2016).

A população negra e suas especificidades definiu o tom do longa e sua comunicação, de forma que o produto se beneficia do impacto comercial que a representatividade acarreta na atualidade (SOLOMON, 2016). Caso este e outros materiais promocionais fossem em direção contrária ao apreço da cultura afrodescendente, muito provavelmente ocasionaria a revolta de seus consumidores, seja pelo desrespeito à mitologia de Pantera Negra em sua total essência como pelo seu desapreço à natureza africana, que aqui necessariamente deveria se sobressair.

O desejo de pertencimento humano reforçado por Maslow (década de 50), que neste contexto é encarnado pela representatividade afrodescendente é agraciado no momento que uma figura simbólica da luta pelos Direitos Civis da população afrodescendente é referenciada pela comunicação de um produto cultural que, claramente, saúda e reconhece sua causa – Tal como a relevância do protagonismo negro. Além disso, conforme o escritor Zak Cheney-Rice:

“As duas imagens estão ligadas no tempo e no espaço pela *blaxploitation* – o gênero cinematográfico dos anos 1970 que transpôs a política negra radical da sua era para uma série de espalhafatosos filmes de ação de baixo orçamento” (CARDOSO, 2018).

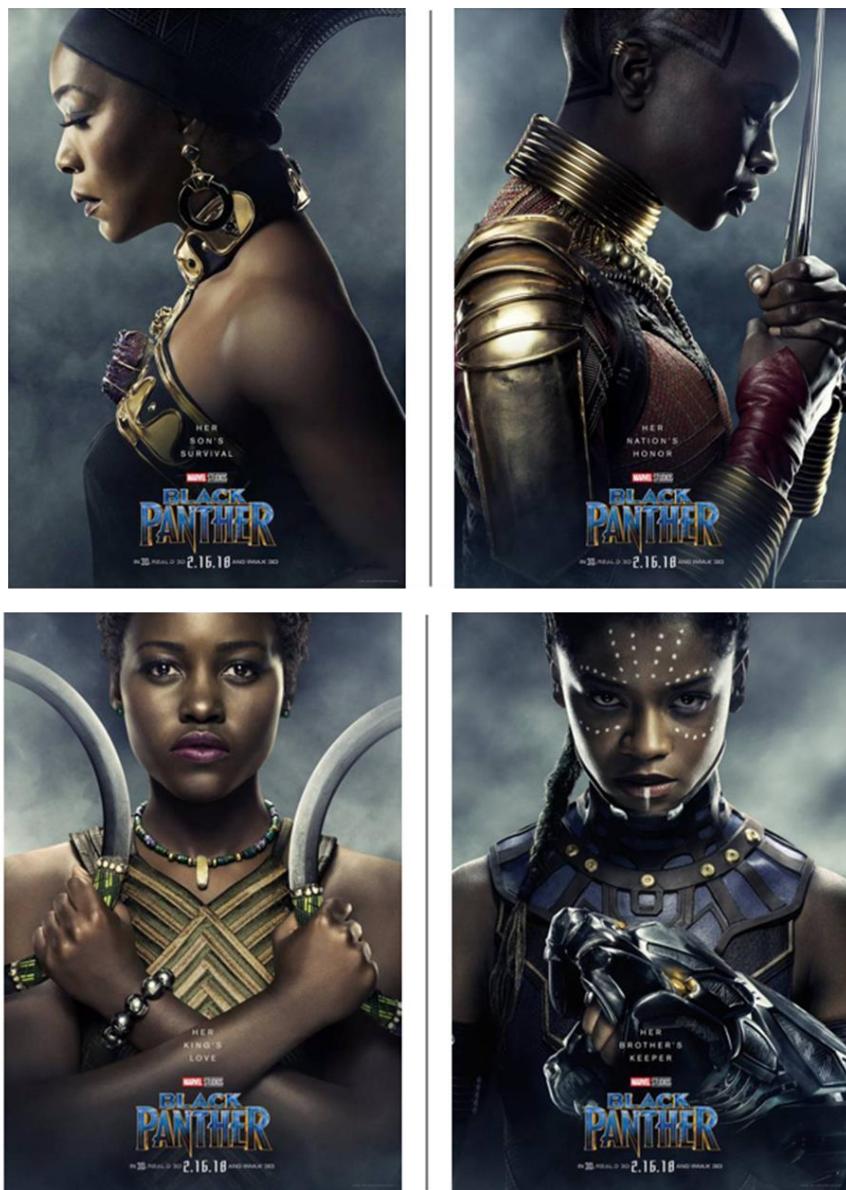
Como figura única e central da peça publicitária em análise, a posição monárquica do rei T’Challa é a primeira significação que a campanha de marketing digital do longa-metragem proporciona ao seu leitor, de forma que a concepção de hierarquias e ascendências raciais, incorporada no discernimento do campo social, passe a ser revista sem olhares tão tradicionalmente categorizados.

Ou seja, o padrão de pensamento racista de que a etnia negra deva ocupar espaços à margem de uma sociedade é desconstruído, assim como é permitido o juízo de que um ambiente “real” como um palácio ou um trono possa estar semanticamente associado a matrizes africanas, o que também se afasta de

determinados tabus. Afinal, não era a África apenas um continente “pobre e miserável”? Conforme a maior franquia hollywoodiana da atualidade, esta vai muito além das vulgaridades ditas popularmente ao longo de séculos.

Em seguida, os demais heróis e vilões do longa-metragem também protagonizariam pôsteres individuais (CANHISARES, 2017), de forma que colocam o arquétipo da mulher, negra e forte em sua necessária evidência:

Figura 42. Pôsteres individuais das personagens femininas do longa-metragem



Fonte: Omelete (2017). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-herois-e-viloes-ganham-posteres-individuais-confira>>. Acesso em: 24 outubro 2018.

Representações de um empoderamento sociocultural, transpõem exatamente a visão que Ryan Coogler desejava transmitir, distante de estereótipos,

sexualizações ou associações à preconceituosa concepção de “sexo frágil”. Além disso, em consonância com a sociedade mitológica de *Pantera Negra* (2018), manifestam um orgulho étnico e a existência de posições sociais fortes e guerreiras.

Necessariamente antecipado, em partes, o impacto social que a película e sua publicidade acarretaram ao redor do mundo, a atriz Lupita Nyong'o compartilhou em seu Instagram uma ação *prosumerista* em que crianças afrodescendentes recriam os cartazes oficiais do filme (SOUSA, 2018). Trata-se de uma iniciativa da agência de talentos *Looks Like Me*, que busca dar visibilidade a grupos sub-representados. De modo que reforça a relação de representatividade entre um indivíduo e seu ídolo, o projeto intitulado *Passion* (paixão) *Black Panther* ainda desafia os padrões de beleza impostos na sociedade, de modo que também visa trazer inspiração à juventude negra (ROBINSON, 2018).

Figura 43. Crianças negras recriam os cartazes do filme *Pantera Negra* (2018)



Fonte: Omelete (2018). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-criancas-recriam-os-cartazes-do-filme>>. Acesso em: 24 outubro 2018.

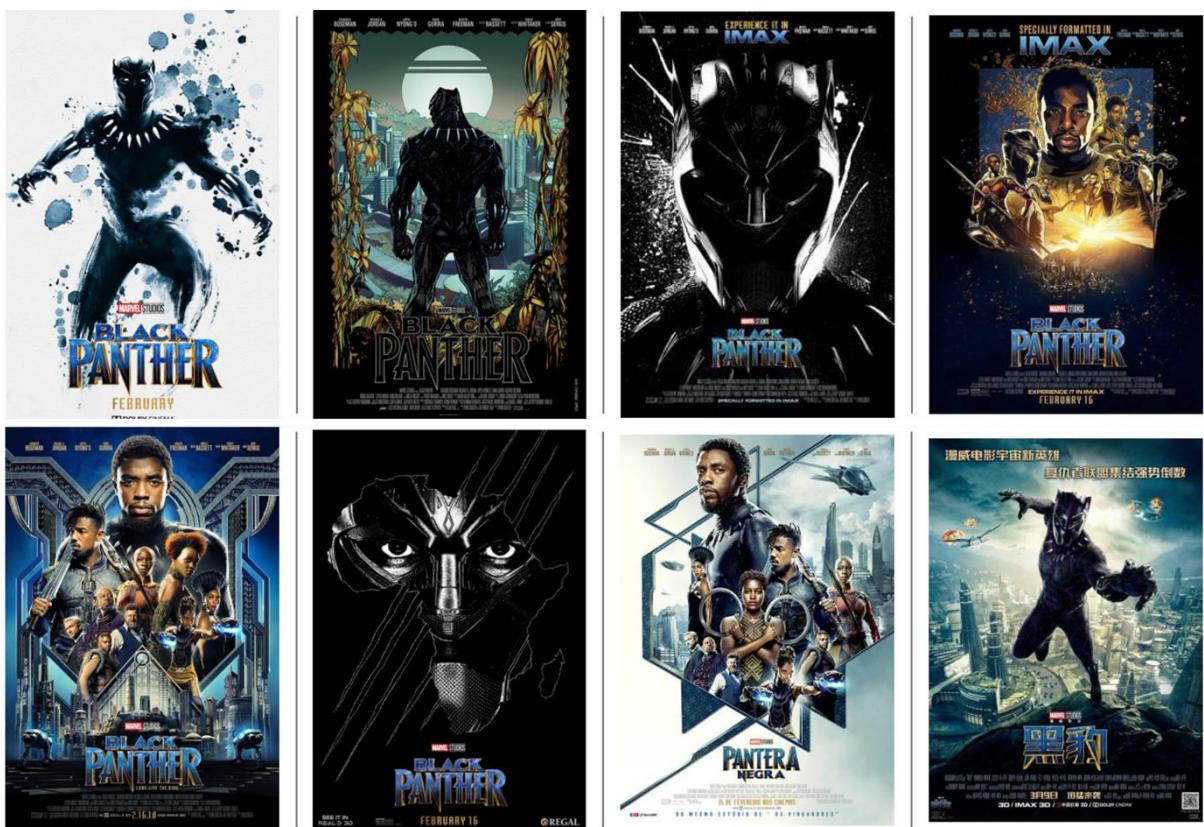
Responsável pelas composições fotográficas, um artista visual nigeriano, chamado de Àsìkò, ressaltou: “Para uma criança, é uma coisa bonita se ver

representada de forma positiva na cultura pop". Este ainda compartilhou uma carta escrita por uma pequena fã, não identificada, para a atriz Lupita Nyong'o. Dizia:

Querida Lupita, acho que você tem muita sorte de ser negra, mas ainda assim ter sucesso em Hollywood durante a noite. Eu estava prestes a comprar o creme *Whitenicious* [um agente clareador] para clarear minha pele, quando você apareceu no mapa do mundo e me salvou.

Os demais cartazes e artes promocionais, oficialmente divulgadas em espaço on-line, seguiram a exposição de seu elenco principal integralmente negro, com foco em seu protagonista, além da utilização de traços estéticos que remetem diretamente à cultura africana. Pôsteres como o idealizado para o mercado chinês, já contemplado por esta monografia, se mostravam exceções perante a identificável dificuldade de vender elementos de uma vertente cultural para outra completamente distinta, como os paradigmas orientais.

Figura 44. Pôsteres de *Pantera Negra* (2018) celebram o continente africano



Fonte: Omelete (2018) e Observatório do Cinema (2018). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-herois-e-viloes-ganharam-posteres-individuais-confira#pantera-negra-1>>, <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-rei-de-wakanda-observa-seu-reino-em-novo-poster-artistico>> e <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2018/02/pantera-negra-novo-poster-celebra-o-continente-africano>>. Acesso em: 26 outubro 2018.

Como consequência de um ativismo virtual, repercutiu-se no ciberespaço o vídeo de um grupo de amigos negros que, juntos, celebram uma das principais peças publicitárias do longa-metragem. A reação viralizou no Twitter, com mais de 1.800 retweets e crescentes 3.900 curtidas. “Nós estamos aqui vendo esse pôster incrível e a conclusão é: é assim que os brancos se sentem o tempo todo... desde o começo do cinema. Isso é empoderamento e representatividade”, diz um dos rapazes (MELO, 2018).

Figura 45. Fãs afro-americanos celebram pôster em viral no Twitter



Fonte: Omelete (2018). Disponível em: <<http://www.heroisdateve.com.br/pantera-negra-fans-afro-americanos-celebram-poster-e-video-viraliza-na-internet/>>. Acesso em: 24 outubro 2018.

A recepção calorosa que o grupo afrodescendente demonstrou ao vislumbrar a peça publicitária da obra, tal como o engajamento on-line que levaria ao seu compartilhamento e impacto no espaço cibرنético, contribuem para o discernimento do quão a representatividade étnica é relevante, não apenas em um viés social, mas também comercial.

Afinal, é interessante observar o quão a gravação amadora, amplamente repercutida nas redes sociais, funciona como uma publicidade talvez mais eficaz do que o pôster verídico em demanda. Também deve-se evidenciar que, eventualmente, a popularização do vídeo só foi possível pela existência de uma forte significância por trás do sentimento de representação e pertencimento, manifestado pelos jovens cinéfilos pertencentes à comunidade afrodescendente.

5.2.2 Trailers

Juntamente com seu primeiro cartaz, *Pantera Negra* (2018) ganhou seu primeiro trailer em junho de 2017 (BRIDI, 2017). Este marcou 89 milhões de visualizações em apenas 24 horas de lançamento, tornando-se uma das prévias mais vistas de todo o ano (GOMES, 2017). Pressupõe-se que a curiosidade do público de massa pode ter sido determinante para tal desempenho, somada à vasta capacidade de compartilhar e pluralizar conteúdos nos espaços virtuais já reforçada por Lévy (1999).

Embora a oportuna existência de um “selo *Marvel* de qualidade”, é considerável que, com base nos ineditismos e desconstruções ali vendidos aos usuários de internet, o engajamento on-line perante o clipe tenha sido alavancado, sem delongas surpresas. “Isso parece fantástico. Pantera Negra era um dos meus personagens favoritos de escrever quando eu estava na *Marvel*”, manifestou Geoff Johns, chefe criativo da *DC Comics*, diante do clipe de 116 segundos de duração (BRIDI, 2017).

Considerado um dos melhores trailers de 2017 (ROMARIZ; SOUSA, 2017), já apresentava a autenticidade daquilo que seria visto nas telas de cinema. “O Universo Cinematográfico da *Marvel* precisa de novidades e o primeiro trailer de *Pantera Negra* (2018) mostrou exatamente isso. Sem deixar de lado um humor certeiro e uma trilha sonora incrível” (SOUSA, 2017).

Compreendido o racismo atuante em sociedade, não chega a ser um espanto descobrir que “nem tudo são flores”. Embora tenha levado os ativistas virtuais ao entusiasmo, o teaser também foi vítima de comentários discriminatórios (CAMPOS, 2017). Dada esta informação, validam-se as suposições de que produtos como o filme, tal como sua interlocução e impulsionamento em ambientes virtuais, aparentam resultar também na destilação de mensagens racistas.

Nelas, reflete-se o ódio que se permeia entre os indivíduos na contemporaneidade, assim como as discordâncias sobre o “vitimíssimo” de grupos discriminados, como observa-se nos exemplos a seguir, manifestados no Twitter (2017):

Figura 46. Reações racistas manifestadas no Twitter

The figure shows a screenshot of a Twitter thread with three tweets. The first tweet is from a user named 'uhhhhhhgh' (@Username0_n_l_y) at 02:40 - 10 de jun de 2017. The text reads: "Great job Marvel. Nothing like naming a super hero after a violent civil rights group from the 60s and 70s #BlackPanther". Below the tweet are engagement metrics: 1 like, 1 retweet, and a link to see more tweets from the user.

"Grande trabalho, Marvel. Nada como nomear um super-herói como um violento grupo de direitos civis dos anos 60"

The second tweet is a reply from 'Kevin Von Schwartz' (@malcolmovb) at 10 de junho de 2017. The text reads: ">#BlackPanther nigger movie named after a terrorist organization immediately following feminist wonder woman
No agenda here".

The third tweet is a reply from 'Dr. Bees' (@DrBees) at 07:23 - 10 de jun de 2017. The text reads: "So disappointed in Hollywood for giving black extremists an outlet for their vile organizations." Below the tweet are engagement metrics: 5 likes, 10 retweets, and a link to see more tweets from the user.

"Filme de preto com o nome de uma organização terrorista imediatamente após o feminista Mulher Maravilha. Nenhuma novidade aqui"

The fourth tweet is from 'wakandastark' (@wakandastark) at 07:23 - 10 de jun de 2017. The text reads: "white representation here. very offensive. now that the roles are reversed I am sure the sjw won't mind if two or three relevant characters are whitewashed to appease the white minority." Below the tweet are engagement metrics: 7 likes, 4 retweets, and a link to see more tweets from the user.

"Podemos ver nós todos como humanos", "Representação branca muito ofensiva", "Deceptionado com Hollywood por trazer extremistas negros [...]"

Fonte: Ponto Nerd (2017). Disponível em: <<https://opontonerd.com.br/2017/06/16/pantera-negra-trailer-e-atacado-por-comentarios-racistas/>>. Acesso em: 25 outubro 2018.

Embora munidos de significações cruéis e profundas, que só poderiam ser assimiladas com propriedade pela aplicação de uma netnografia, é impreverível a identificação de tais discursos para a inferência de que, da mesma forma que promove um impacto social positivo, a publicidade impulsiona, inevitavelmente, repercuções negativas. Estas, emitidas no ciberespaço, compactuam com um impacto nocivo, na instância em que a visibilidade de um produto cultural que celebra a multiculturalidade afrodescendente também incentiva, involuntariamente, a manifestação de uma ideologia racista, ao invés de um efeito unicamente oposto.

Além disso, em resposta a essas alocuções discriminatórias, tende-se à geração do radicalismo e da compreensível revolta do coletivismo negro, que podem resultar em uma ânsia por segregações sociais ou a tomada de soluções violentas, como as defendidas pelo partido dos Panteras Negras.

Com a estreia de *Thor: Ragnarok* (2017) nos cinemas, *Pantera Negra* (2018) ganhou seu segundo trailer, lançado em outubro de 2017, também disponibilizado nas redes de compartilhamento do *Marvel Studios*. Denominado "Crown", resultou na contemplação do título de melhor prévia na 19^a edição do anual *Golden Trailer Awards*, condecoração do marketing cinematográfico, além de obter o primeiro lugar nas categorias “melhor trailer de ação”, “melhor comercial de ação” e “melhor comercial musical de ação” (SABBAGA, 2018).

Assim como o primeiro, apropriou-se do *hip hop* afro-americano como trilha sonora. Enquanto o anterior foi marcado pela música *Legend Has It* (JUNIOR, 2017), criação do *Run The Jewels* (que inclui o rapper afrodescendente Killer Mike), a nova prévia recorreu a *BagBak* (do músico Vince Staples) e *The Revolution Will Not Be Televised* (do vocalista Gil Scott-Heron), respectivamente.

Este último, somado a “uma bela batida e grandes graves” (SABBAGA, 2017) ao longo do trailer, é considerado um clássico dos anos 1970:

“The Revolution Will Not Be Televised” é um poema musicado que traz como título e refrão o slogan do movimento negro da década de 60 nos Estados Unidos. A letra traz referências a diversas séries e elementos da cultura do entretenimento americano da época, e parecia dizer que a luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos seria algo abafado pela mídia. Não era isso que Heron quis enfatizar, segundo ele mesmo (SABBAGA, 2017).

Histórico, o rap evidencia que, no decorrer dos anos, os desafios enfrentados pelo afro-americano não se amenizaram, quanto mais se solucionaram como

realmente se deveria advir. Já a frase “Rezo para que a polícia não me mate por causa da minha cor” se sobressai na composição Staples, que, assim como diversas canções do estilo musical, promove uma reflexão crítica quanto ao racismo na contemporaneidade. Em um artigo do site Omelete (2017), o maior portal de cultura pop no Brasil, destacam-se as seguintes considerações:

A ideia de trazer duas trilhas de épocas contrastantes e uni-las em um tema para um personagem marcante deu muito certo. Seu impacto é ainda maior em uma era em que os Estados Unidos caminha perigosamente nesta questão. [...] E é por isso que talentos como Heron e Staples continuarão se manifestando em rima. O uso de suas poesias por parte da *Marvel*, em um filme predominantemente negro, é tomar uma postura (SABBAGA, 2017).

Com pouco mais que 2 minutos de duração, o novo clipe promocional do longa-metragem foi elogiado por Patty Jenkins (2017), diretora de *Mulher Maravilha* (2017): "Isso parece ótimo e poderoso. Me arrepiou. Não posso esperar para ver", manifestou em sua conta no Twitter (CANHISARES, 2017). Ainda mais pertinente que a exaltação da cineasta, ambos os trailers e pôsteres contaram com uma aceitação considerável advinda de fãs, no que se incluem afrodescendentes.

Entende-se que o uso de uma trilha sonora diferenciada, em comparativo a outros teasers audiovisuais de produtos do *Marvel Studios*, contribui para autoafirmação da cultura afro-americana, tal como sua valorização. A musicalidade reforça o fator representatividade, de modo que atrai um nicho especificamente agraciado. Assim como o exemplo da *McDonald's*, utilizado por Solomon (2016) para ilustrar a definição de tendências ocasionadas por grupos culturais específicos, *Pantera Negra* (2018) demonstra seguir pelo mesmo raciocínio, ainda que seja fruto de narrativas criadas décadas atrás nas revistas em quadrinhos.

O uso de vertentes musicais próprias da comunidade negra, cuja relevância pode ser apreendida no estudo dos grupos culturais e da identidade afrodescendente em específico, também pode ser interpretada como uma estratégia de marketing funcional. Seu acerto pode ser percebido através de testemunhos e condutas expostas pela cibercultura de exibir certas concepções na internet.

Além de *tweets*, os chamados “*reactions*”, que equivalem a vídeos amadores publicados no Youtube para captar a reação de um indivíduo a determinado videoclipe, permitem ilustrar uma celebração entre os descendentes da nação

africana. Publicados nas redes sociais em 2017, indicam-se os exemplos em seguida, antes de sua devida averiguação:

Figura 47. Tweets de afrodescendentes em resposta ao primeiro trailer

RT if Marvel can take your #BlackPanther money right now if they want it.

18:34 - 9 de jun de 2017

613 Retweets 324 Curtidas

10 613 324

"RT a Marvel pode pegar seu dinheiro do #BlackPanther agora mesmo se eles quiserem."

Ya'll, #BlackPantherSoLIT is about to break ALL the records! What a time to be alive. What a time for Black Children to be alive!!

08:02 - 9 de jun de 2017

84 Retweets 229 Curtidas

3 84 229

"Sim, #BlackPantherSoLIT está prestes a quebrar TODOS os recordes! Que hora para estar vivo. Que hora para as crianças negras estarem vivas!!"

Fonte: Twitter (2017). Disponível em: <<https://twitter.com/i/moments/873356108890558464>>. Acesso em: 25 outubro 2018.

Figura 48. Reaction de fãs afrodescendentes ao segundo trailer do filme



Fonte: Ecomog Media Group (2017). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N_pIDpGf1nY>. Acesso em: 25 outubro 2018.

Figura 49. Michael B. Jordan é aplaudido em *reaction* do trailer



Fonte: *The Cyber Nerds* (2017). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ze8qm282I9A&t=230s>>. Acesso em: 26 outubro 2018.

É percebida, com a contribuição das referências trazidas para esta monografia em seu escopo, uma positividade advinda do imaginário de que crianças (e porque não adultos?) poderão se identificar com aquilo manifestado nas telas de cinema, além de, principalmente, se motivarem a ir além do que os estereótipos controversos da representação negra, já localizados nos grandes produtos culturais, compactuam.

Os *reactions* simbolizam, em uma perspectiva social, a relevância de uma dada persona, pertencente a um grupo sociocultural discriminado pela sociedade, sorrir e apreciar um conteúdo artístico com o qual se identifica, tanto pela etnia como por elementos artísticos como o *hip hop*. Comercialmente, o *Marvel Studios* se apropria dessas referências para propagandear uma comunicação audiovisual condizente com a proposta de seu produto, além de, possivelmente, se beneficiar da evidenciação midiática dada para causas relevantes como a integração afrodescendente – como uma valiosa estratégia mercadológica a se refletir posteriormente, nos números de bilheteria global.

Pantera Negra (2018) ainda contaria com variações de seus trailers principais, além de comerciais, clipes e materiais semelhantes, assim como anúncios em revistas internacionais de grande prestígio. Algumas publicidades audiovisuais ainda disporiam da trilha sonora de Kendrick Lamar, famoso rapper afro-americano que compôs um álbum completo para o longa-metragem. Mediante seu desempenho mercantil, estes elementos devem ser averiguados no tópico seguinte, que aprofunda a apreensão do impacto comercial do filme e sua publicidade.

5.3 O impacto comercial

Relativo ao objetivo específico de levantar a relevância comercial do filme *Pantera Negra* (2018) para a indústria cinematográfica, a monografia passa a se apropriar de dados quantitativos oficializados de bilheteria ao redor do mundo. Apreendida a noção de que o sucesso financeiro de um produto cultural é, provavelmente, uma crucial influência nas decisões criativas tomadas em Hollywood, é preciso a exposição desses valores na tentativa de justificar seu lucrativo impacto consoante a um contexto mercadológico.

Com desempenhos expressivos dentro e fora do mercado local, o êxito das vendas de tickets para a exibição do longa-metragem começava sua projeção antes mesmo de seu lançamento. Segundo o *CBM*, no dia 25 de janeiro já se apontava uma expectativa de entre US\$ 100 e US\$ 120 milhões (que subiria para US\$ 150) de arrecadação a ser obtida em sua estreia doméstica (JULIAN, 2018).

Primeiro lugar de vendas entre os longas de super-heróis na pré-venda de ingressos do site *Fandango* (SOUSA, 2018), tal feito significaria uma provável quebra do recorde de abertura do mês de fevereiro, de US\$ 152 milhões, pertencente até então ao *Deadpool* (2016). Tornaria ainda mais próximo de se concretizar com um aumento das probabilidades para US\$165 milhões a serem faturados durante o primeiro final de semana do circuito em solo americano (MCCLINTOCK, 2018).

Somente na quinta-feira (15/02/2018), US\$ 25,2 milhões foram levantados nos Estados Unidos. Dessa forma, ultrapassou os primeiros lucros de *Capitão América: Guerra Civil* (2016) e passou a ocupar o segundo lugar no ranking de filmes mais rentáveis da franquia, liderado por *Vingadores: Era de Ultron* (2015), segundo o *Box Office Mojo* (2018).

Em paralelo, no mercado internacional, o valor subiria para US\$ 47 milhões, com destaque para o Reino Unido, que sozinho fez US\$ 10,1 (CANHISARES, 2018). Com receita total de US\$75,8 milhões obtidos em seu lançamento, *Pantera Negra* (2018) se tornou a oitava maior bilheteria de um único dia em toda a indústria, conforme o *EW* (2018). Já estava em terceiro lugar entre o gênero de super-heróis, somente abaixo dos dois filmes dos Vingadores lançados até então (ROMANO, 2018).

Com especulações de US\$ 210 milhões somados em seus primeiros dias em cartaz, confirmou-se que, nos EUA, o longa quebrou o recorde de *Era de Ultron* (2015) e assim se tornou a quinta maior bilheteria para um primeiro fim de semana de todos os tempos, com expressivos US\$ 192 milhões (SABBAGA, 2018).

Concomitantemente a concepção de que produtos culturais que representam grupos específicos e subjugados tendem a despertar o interesse do grande público, *Pantera Negra* (2018) tornou-se a quinta maior estreia do cinema. Com resultados surpreendentes, já havia, curiosamente, ultrapassado a arrecadação mundial total de *Quarteto Fantástico* (*Fantastic Four*, 2015). “Enquanto o novo filme da Marvel fez US\$ 192 milhões apenas nos Estados Unidos, o *reboot* da Fox faturou US\$ 167 milhões no mundo inteiro, durante todo o período em cartaz”. (SABBAGA, 2018).

Em apenas quatro dias de exibição ao redor do mundo, foi estimado um total de US\$ 404 milhões arrecadados (MCCLINTOCK, 2018), de acordo com o *Hollywood Reporter*. Somente nas suas sessões domésticas, o filme fez neste intervalo US\$ 235 milhões (BOX OFFICE MOJO, s.d.), o que superou o nível das expectativas anteriormente ditas:

Com este resultado, o longa do diretor Ryan Coogler se tornou um dos filmes com maior renda nos primeiros dias em cartaz, ultrapassando *Jurassic World* (2015) [US\$ 234,1 milhões]. Na sua frente estão apenas *Star Wars: Os Últimos Jedi* (2017) [US\$ 241,6 milhões] e *Star Wars: O Despertar da Força* (2015) [US\$ 288,1 milhões]. No domingo [18], *Pantera Negra* (2018) arrecadou US\$ 60,1 milhões nos Estados Unidos, a segunda maior bilheteria para este dia da semana no país (CANHISARES, 2018).

Dado um outro feito marcante: estes valores já ultrapassavam a bilheteria local de US\$ 228,6 milhões acumulada por *Liga da Justiça* (*Justice League*, 2017), nesse curto espaço de tempo. A concepção de que um longa-metragem protagonizado por um super-herói afrodescendente excedeu comercialmente, com folga, uma das maiores equipes do gênero contribui para o discernimento de como a representatividade étnica e cultural simboliza um ineditismo atrativo para o público de massa.

Ainda no início de sua projeção, foi quebrado mais um recorde, na sexta-feira (23/02/2018). Com estimados US\$ 292 milhões, o longa superou *Os Vingadores* (2012) ao se tornar a produção mais rentável da *Marvel* para uma semana de estreia (MCNARY, 2018), conforme a *Variety*. Já na seguinte, o produto cinematográfico continuou sua liderança da bilheteria norte-americana. “O longa arrecadou US\$ 108

milhões entre os dias 23 e 25, somando US\$ 400 milhões no país. No mundo, já arrecadou US\$ 704 milhões" (SOUSA, 2018).

O feriado americano *President's Day* (Dia do Presidente), festejado na segunda-feira 19 de fevereiro (2018), permitiu alavancar mais uma láurea. Com o lucro de US\$ 40,2 milhões, a película ultrapassou *Star Wars: O Despertar da Força* (2015) e se tornou a maior arrecadação em uma segunda-feira estadunidense, consoante ao *Heroic Hollywood* (ROSARIO, 2018).

Consolidando-se como um sucesso comercial inegável, a obra cinematográfica e suas conquistas também seriam enfatizadas por Stan Lee (2018): "Que emoção poder testemunhar todos os recordes que este filme dinâmico e profundo está quebrando" (CANHISARES, 2018). Após dezessete dias de exibição do longa na América do Norte, com impressionantes US\$ 500,1 milhões, tornou-se a décima maior renda da história até dado momento, assim como uma das maiores de todo o estúdio (REUTERS, 2018).

Além disso, ainda em seu mês de lançamento, o sucesso do longa-metragem alcançaria o título de terceira maior bilheteria da *Marvel* dentro da nação estadunidense (MCNARY, 2018). Em março, já havia superado sucessos significativos como *Mulher-Maravilha* (2017) e *Toy Story 3* (2010) em um cenário doméstico (OSBORN, 2018).

Em sequência, alcançaria a tão almejada marca de US\$ 1 bilhão acumulado mundialmente (TARTAGLIONE, 2018), conforme o *deadline*. A façanha se deu logo após a soma de US\$ 531 milhões apenas nos EUA e a chegada de US\$ 500 milhões conquistados internacionalmente – proeminência para os US\$ 49 milhões arrecadados em dois dias na China (GOMES, F. 2018), o que fora a terceira maior estreia da *Marvel* na nação (GOMES, B. 2018), mesmo mediante as dificuldades já esclarecidas sobre o mercado oriental e sua interpretação da cultura africana.

Nacionalmente, *Pantera Negra* (2018) liderou mais de uma semana, a ponto de se tornar a 2^a maior receita do ano. "O longa arrecadou R\$ 19 milhões entre os dias 22 e 25. Já a renda total do filme chega aos R\$ 61 milhões, tornando-o a segunda maior produção de 2018" (SOUSA, 2018). Foi ainda a maior bilheteria de um final de semana de estreia em fevereiro (BRIDI, 2018) e terceiro maior lançamento da *Marvel* no Brasil (MENDES, 2018).

Ademais, também foi o terceiro filme a chegar mais rápido em US\$ 500 milhões, com 17 dias de circuito nos EUA, além de também ter sido a segunda maior

adaptação dos quadrinhos para o cinema no país (BRIDI, 2018). Em abril (2018), superou *Titanic* (1997) e assim passou a ser a terceira maior bilheteria da história estadunidense (BARNHARDT, 2018).

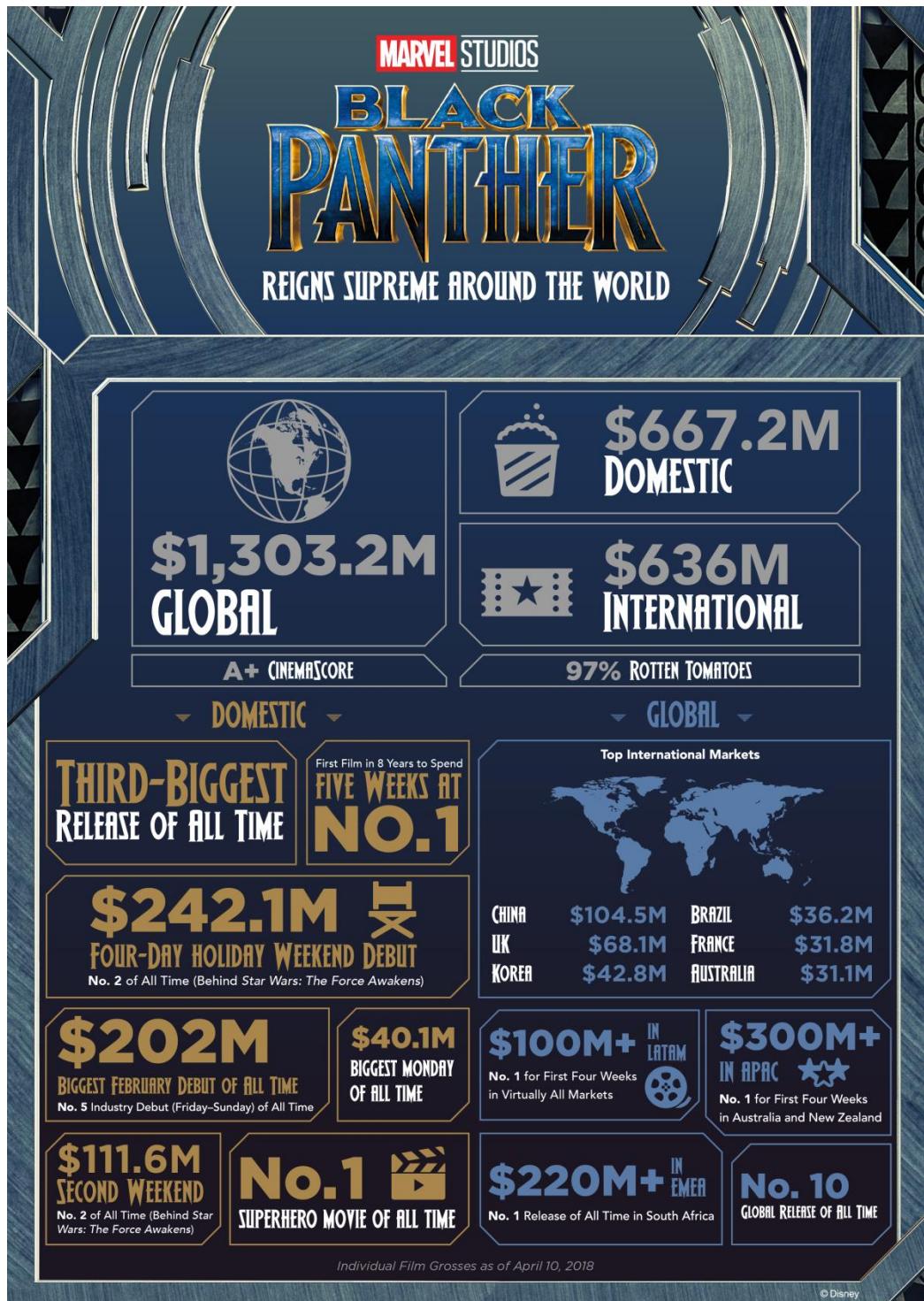
Em uma síntese de suas demais conquistas, também alcançaria inúmeros títulos comerciais relevantes, tais como: o 5º maior fim de semana de estreia global (e maior para um filme-solo de herói); o 1º a liderar as vendas por cinco finais de semana consecutivos desde *Avatar* (2009); o 2º longa a faturar mais rapidamente; a maior produção do gênero na bilheteria americana; o maior filme-solo de heróis na bilheteria global; e, talvez como o mais relevante para a presente pesquisa, a película de maior impacto comercial produzida por um diretor negro (VIEIRA, 2018).

Pantera Negra (2018) concluiu seu sucesso rentável com um total de US\$ 1.346.913.161 (BOX OFFICE MOJO, s.d.) e a posição de 10ª maior bilheteria mundial de todos os tempos (THE WALT DISNEY COMPANY, s.d.). Sua distribuição como *home vídeo* ainda superaria *Star Wars: Os Últimos Jedi* (*The Last Jedi*, 2017), como o Blu-ray mais vendido de 2018 nos Estados Unidos, com uma arrecadação de 3,91 milhões (VIEIRA, 2018).

Além dos méritos atribuídos às suas proposições de venda, *Pantera Negra* (2018) também se tornaria o filme de herói com maior número de críticas positivas da história do *Rotten Tomatoes*, que averigua pontuações advindas das principais reviews publicadas no ciberespaço. Com 97% de aprovação, superou até mesmo a recepção de *Mulher Maravilha* (2017), conforme o site Omelete (CANHISARES, 2018).

Os dados listados são ainda reforçados por um infográfico oficial, disponibilizado on-line pela *The Walt Disney Company* (2018). Este ratifica o amplo sucesso comercial apercebido dentro de dois cenários: um doméstico e outro global. Juntos, evidenciam *Pantera Negra* (2018) como um produto popular e atrativo entre nações heterogêneas.

Figura 50. Infográfico ilustra principais recordes de bilheteria do filme



Fonte: *The Walt Disney Company* (2018). Disponível em: <<https://www.thewaltdisneycompany.com/infographic-black-panther-reigns-supreme-at-the-box-office/>>. Acesso em: 27 outubro 2018.

Dado seu enorme impacto comercial, a *Disney* logo decidiria iniciar uma campanha para que *Pantera Negra* (2018) integre o Oscar 2019, com grande ressalvo à categoria de “Melhor Filme”. Tal feito já representaria um desafio a ser

vencido, já que, tal como a representatividade negra, o gênero cinematográfico de super-heróis nunca teve grande destaque pela premiação, como salienta Kevin Feige (2018) em defesa desta indicação (SOUSA, 2018): “Acho que vários artistas incríveis ajudaram a fazer o filme, e seria maravilhoso se eles fossem reconhecidos (...). Vamos ver, esse gênero geralmente não é indicado”.

Para transformar essas aspirações em resultados, a empresa contratou Cynthia Swartz, estrategista veterana do Oscar, para evidenciar o filme, além de contar com uma grande verba para a ação advinda do próprio estúdio, algo raro até então. Os esforços descritos compactuam com a concepção de que a representatividade étnica é vista pela indústria como uma estratégia mercadológica, com o seu uso para alavancar os olhares da mídia e do grande público. Com mais prioridade que *Vingadores: Guerra Infinita* (2018), foram escolhidas dezesseis modalidades concorrentes à estatueta para se fazer campanha, entre elas as de “Melhor Direção”, “Melhor Fotografia” e “Melhor Ator” (SOUSA, 2018).

Por mais que o produto em estudo contemporize valores reais em favor de uma representação racial, procedente dos movimentos sociopolíticos e dos quadrinhos da década de 1960, sabe-se que nada nem ninguém dentro de Hollywood está livre de influências ou decisões que, taticamente, visam predominantemente um lucro a ser obtido. Deve ser ingênua a visão unidimensional de que um empreendimento imerso em um sistema capitalista seja, unicamente, movido por ideais “benevolentes” e uma justa consideração sociocultural.

Ademais, paralelamente ao seu êxito de receita, a película ainda traria outro elemento de sucesso comercial à parte a ser igualmente considerado: sua trilha sonora. As composições de Kendrick Lamar no intitulado *Black Panther: The Album - Music From And Inspired By*, igualmente bem recebido por público e crítica, marcou sua segunda semana seguida no topo da *Billboard 200*, ou seja, entre as coletâneas mais adquiridas nos Estados Unidos, com mais de 150 mil unidades vendidas (no que se inclui cópias físicas). Além disso, oito das suas faixas também entraram na tabela *Billboard Hot 100*, a seleção de melodias mais ouvidas no país, no que se inclui canais de rádio, vendas de discos e plataformas de *streaming* (SABBAGA, 2018).

Logo, é notável como o *hip hop* e sua “voz” afro-americana passam a ganhar relevância e significar uma crescente demanda motivada pelo desempenho do longa-metragem. “Parece que o apelo de um *blockbuster*, acrescentado à

representatividade de *Pantera Negra* (2018) e de sua história, deram o tempero ideal para um dos álbuns de *hip hop* que melhor conversam com um público mais amplo" (JÚNIOR, 2018).

Impulsionador da valorização destas vertentes culturais, o trabalho de Coogler (2018) ainda impactaria no almejo dos fãs para que sua narrativa ganhasse novas incursões intersemióticas e se expandissem para outras plataformas. Em ambiente virtual, uma petição teria sido criada para que a *Netflix* produza um seriado sobre a nação de Wakanda. Segundo seu criador, o usuário Eric Hamilton, o objetivo da ação é "continuar mostrando imagens positivas e poderosas da África e das pessoas de descendência africana", além de entregar ao público exatamente o que ele almeja (ELOI, 2018).

Reitera-se a relevância do espaço cibernetico somado ao ativismo virtual do fã *prosumer* que, ao mesmo tempo em que impulsiona o impacto do filme, se apropria do mesmo para criar conteúdos e tornar relevante suas vontades, como todo "bom" consumidor e ator político.

Com Chadwick Boseman considerado uma das 100 pessoas mais influentes do mundo (MONET-NET, 2018) e a favorável repercussão do filme em mídias impressas e digitais, os primeiros prêmios concedidos à obra já se viam presentes. Entre eles, destacam-se o *Hollywood Film Award* de 2018 (CORAL, 2018), o *Teen Choice Awards 2018* (SAVIOLI, 2018), cinco categorias no *Saturn Awards* (ARCHILHA, 2018), quatro troféus no *MTV Movie & TV Awards* (REUTERS, 2018), duas vitórias no *Los Angeles Online Film Critics Society Mid-Season Film Awards* (VIANNA, 2018), dois ganhos no *People's Choice Awards 2018* (DEMEROV, 2018) e o título de melhor filme no *BET Awards 2018* (DOLORES, 2018), até o momento.

Relativizando, para dizer o mínimo, o mito de que produções estreladas (e produzidas) por negros só fazem sucesso para pessoas de mesma etnia, ficam as dúvidas a serem respondidas sobre o que todo esse impacto comercial, em sua consonância com o social, acarreta dentro da indústria cinematográfica. Afinal, Hollywood, de fato, já estaria mesmo mudada? Seria o *Pantera Negra* (2018) a "porta de entrada" para uma abrangente indulgência do afrodescendente dentro do cinema pop?

Antes de se concluir sobre essas indagações, cabe averiguar a repercussão urbana do filme, que finaliza a dissertação proposta pelo presente projeto.

5.4 O impacto social

Ao fazer valer seu orçamento acima das produções habituais do *Marvel Studios* (CANHISARES, 2018), Pantera Negra seria o primeiro entre seus heróis a estampar a capa da revista *Time*, abordando seu emblemático impacto cultural. Com uma matéria sobre o longa bem repercutida nas redes sociais, o feito histórico foi considerado um marco para a representação negra em toda a mídia (ALVES, 2018).

Figura 51. Chadwick Boseman protagoniza capa histórica da revista *Time*



Fonte: B9 (2018). Disponível em: <<https://www.b9.com.br/86473/com-chadwick-boseman-na-capa-revista-time-destaca-como-pantera-negra-e-um-marco-para-a-representacao-negra-na-midia/>>. Acesso em: 31 outubro 2018.

Da mesma forma que a publicidade e atenção midiática percebidas corroboraram com uma comoção popular resultante da representatividade étnica na indústria cultural, esta valorizada pelo ineditismo e sua auto filantropia, o lançamento de *Pantera Negra* (2018) desencadeou, freneticamente, uma série de intervenções de caráter social ao redor do mundo.

Personalidades negras, como Octavia Spencer e Snoop Dogg, custearam sessões exclusivas do longa-metragem, destinadas a crianças afrodescendentes em

condições carentes. Enquanto a atriz sugeriu levar comunidades do Mississipi para que se identificassem com o herói de Wakanda, o rapper anunciou sua doação a uma iniciativa de financiamento coletivo iniciada pelo publicitário Frederick Joseph, chamada de “Desafio do Pantera Negra”. Com ela, buscou-se arrecadar fundos para que jovens do Harlem, pertencente ao *Boys & Girls Club of Harlem*, tivessem acesso gratuito ao filme (ESMERALDO; SABBAGA, 2018).

Com a meta de US\$ 10,000, foram alcançados crescentes US\$44 mil, graças a contribuições de mais de 800 doadores, entre eles nomes relevantes como Chelsea Clinton, J.J. Abrams e Jamele Hill. A repercussão do objetivo em questão nas redes sociais, com diversos compartilhamentos, contribuiu para que o prognóstico de 300 jovens se elevasse para possíveis mil crianças, o que sanciona a valorização dada para que o público infantil tenha ingresso a um longa com o qual possa se reconhecer (ESMERALDO; GARCIA, 2018).

Além do alcance de suas propostas e expectativas, a operação também resultou na criação da hashtag #BlackPantherChallenge, no Twitter, que intentava simular a ideia do manifesto em outras localidades. Resultou, impressionantemente, que mais de 130 campanhas foram criadas pelos Estados Unidos, com amplo apoio de celebridades. A professora Tina Fields, destaque do movimento global, ainda celebrou: "Pela primeira vez na vida, as crianças afro-americanas terão a oportunidade de ver um herói na tela que se parece com elas. Em termos de representatividade, este filme é um passo enorme dentro e fora das telas." (ESMERLADO, 2018).

Conforme Joseph (2018), diante de um acúmulo de US\$300 mil em prol da causa, “representação é uma das coisas mais importantes que existe. [...] o arquétipo e os estereótipos de pessoas negras na mídia eram tipicamente negativos”. Contra o secundarismo negro e a ausência de complexidade na representação cinematográfica afrodescendente, o nova-iorquino ainda abriu a ONG *We Have Stories*, que visa garantir o surgimento de uma nova geração de diretores e roteiristas como Ryan Coogler e Patty Jenkins (ELOI, 2018).

Consoante à percepção de como a cultura de participação contribui para doações destinadas a causas altruístas (SHIRKY, 2011), tais ações arrecadaram milhões de dólares, com um engajamento assíduo de usuários que transcendem empreendimentos do mundo virtual para a realidade. Paralelamente, a internet permitiu viralizar essas ações, que enfatizam a relevância dada por famosos ao

movimento em evidência, simultânea a um provável uso da mesma para realizar promoções de suas respectivas famas e carreiras.

Tratando-se de paradigmas necessários ao objetivo de compreender a importância de *Pantera Negra* (2018) dentro de uma perspectiva social, pode-se enfatizar a iniciativa do professor Ron Clark, fundador da *Ron Clark Academy*, que atende crianças carentes em Atlanta, nos EUA. Este registrou a reação contagiente dos estudantes perante o anúncio de que todos seriam levados para assistir ao filme, além de outras atividades como aulas e danças que celebram as culturas africanas (BRIDI, 2018).

O vídeo, que ressalta a pertinência de um *blockbuster* com um elenco negro para o imaginário infanto-juvenil, não demoraria para viralizar na rede e ganhar a atenção do campo midiático. Nele, os alunos dançam em cima de suas carteiras, de tamanha felicidade motivada pela notícia que recebiam (O POVO, 2018). Com mais de 250 mil visualizações, a publicação também recebeu milhares de curtidas (O ESTADO DE S.PAULO, 2018).

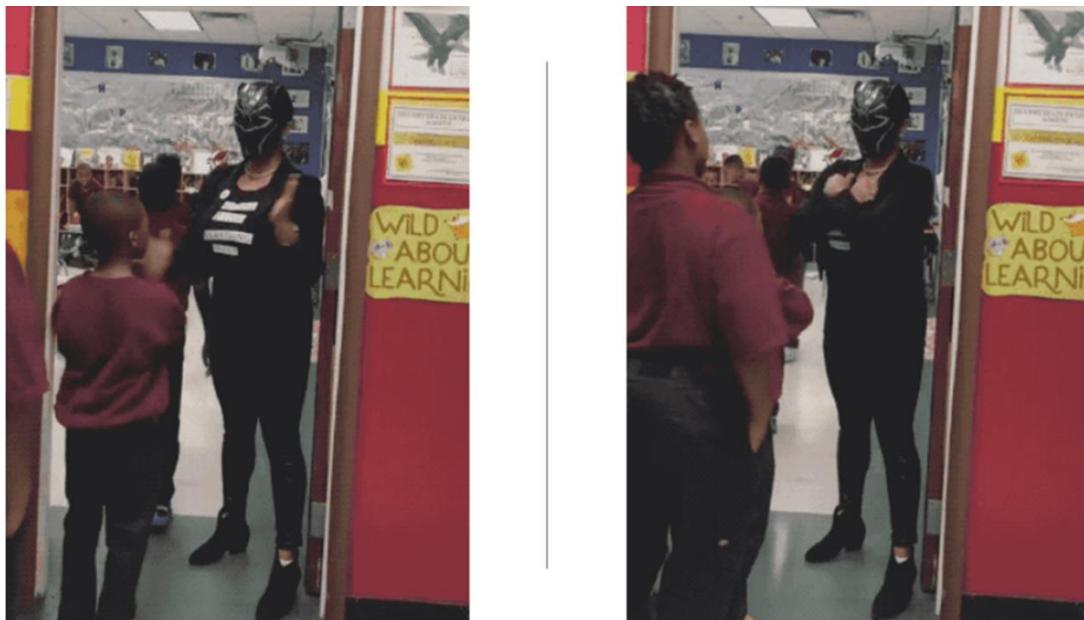
Figura 52. Crianças afrodescendentes dançam em vídeo on-line



Fonte: O Povo (2018) e Estadão (2018). Disponível em:
<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2018/02/criancas-ficam-animadas-ao-descobrirem-que-assistirao-pantera-negra.html> e <https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,escola-para-criancas-carentes-nos-eua-vai-levar-alunos-para-assistir-a-pantera-negra-no-cinema,70002176657>.
 Acesso em: 03 novembro 2018.

Ainda destaca-se, dentro do âmbito escolar, a professora estadunidense Tina Bayley, da cidade de Ohio, que se inspirou no longa-metragem para realizar uma dinâmica diferente em sala de aula. Com uma máscara do personagem Pantera Negra, utilizou seu toque de mão somado ao popular cumprimento “*Wakanda Forever*”, de braços cruzados na altura do peito, para recepcionar seus educandos. “Só quero que as pessoas se lembrem que isso foi para as crianças”, afirmou Bayley, conforme o Observatório do Cinema (2018). Apenas no Facebook a cena em questão teve mais de 2,4 milhões de exibições (MONET-NET, 2018).

Figura 53. Professora cumprimenta alunos como Pantera Negra em vídeo



Fonte: Observatório do Cinema (2018). Disponível em:
<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2018/02/professora-cumprimenta-alunos-com-gesto-de-pantera-negra-em-incrivel-video>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Incontáveis ações similares se repetiram ao redor do mundo, no que se inclui o Brasil, como a atitude da educadora Lília Melo, de uma escola estadual no Pará, que criou o projeto “Terra Firme” para levar alunos da periferia ao cinema. Com reconhecimento nacional, venceu a etapa regional do prêmio Professores do Brasil 2018, como consequência de seu feito. Graças ao UCI Cinemas, em parceria com um shopping local, 250 crianças e adolescentes foram levados para as sessões da produção em discussão. A experiência proporcionada ainda acarretou na realização do documentário “Nós por Nós”, desenvolvido pelos próprios alunos (DOL, 2018).

A rede Cinesystem Cinemas também aderiu à causa, ao subsidiar entradas, pipoca e refrigerante para os estudantes (PEREIRA, 2018). Entretanto, uma

resposta benevolente de empresas comercias à mobilização significaria o emprego de uma responsabilidade social ou uma mera oportunidade de se promover? Ou ambas proposições devem aqui “andar de mãos dadas” no momento em que, apesar de sua semântica urbana, trata-se de um produto advindo do segundo setor?

Figura 54. Alunos ao final da sessão do filme em cinema de Belém



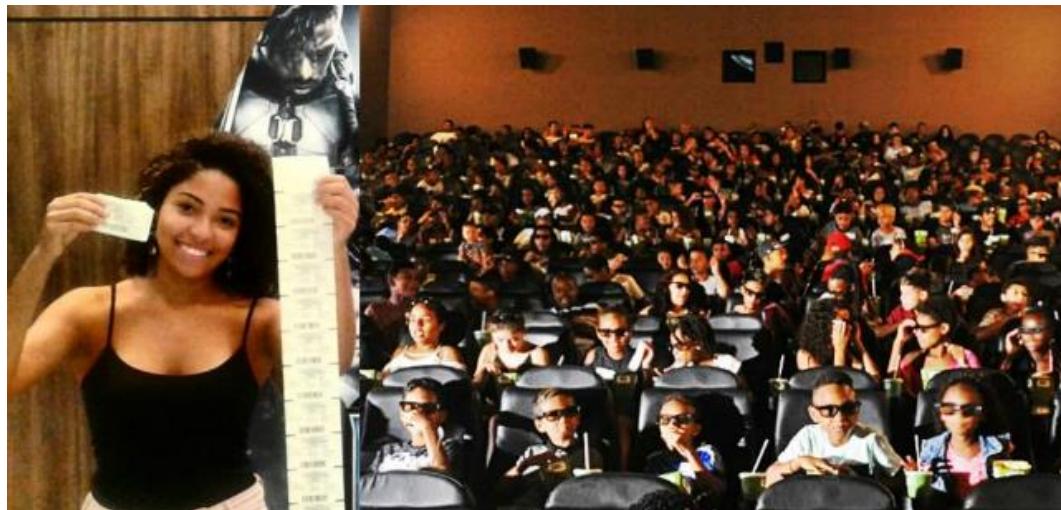
Fonte: DOL (2018). Disponível em: <<https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-548784-professora-que-levou-alunos-para-sessao-de-pantera-negra-recebe-premicao-nacional.html>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Discussões (por hora) à parte, também se notabiliza que, em Porto Alegre (RS), mais de 200 jovens da periferia foram agraciados pela estudante de pedagogia Vitória Sant'Anna, que realizou um apelo on-line, no Facebook, para que estes pudessem ver o longa. Seu post recebeu mais de 800 compartilhamentos e 1,1 mil curtidas. Entretanto, sua iniciativa foi vítima de manifestações racistas e acabou retirada, erroneamente, da rede social durante 24 horas, devido a denúncias. De todo modo, sua repercussão foi suficiente para levar 210 infantes ao cine, ao invés dos 100 almejados, conforme O Povo (2018).

Controversamente, a moça foi acusada de racismo por querer levar apenas crianças negras, o que não impediu suas realizações. O fato reforça a suspicaz concepção de “racismo” de determinados grupos sociais, habituados a serem representados nos produtos culturais. “A criança negra cresce assistindo a filmes infantis que não possuem tantos personagens negros, como por exemplo as

princesas da *Disney*", reiterou a professora ao expor o entusiasmo da população negra de diversos países pela naturalização da sua etnia no longa (BENTO, 2018).

Figura 55. Vitória ainda pagou pipoca, refrigerante e transporte



Fonte: Diário de Pernambuco (2018). Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/03/01/internas_viver,743388/estudante-faz-vaquinha-e-leva-200-criancas-negras-para-ver-pantera-neg.shtml>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Figura 56. alunos de escolas públicas assistem a *Pantera Negra* (2018)



Fonte: Diário de Pernambuco (2018). Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/03/26/internas_viver,746473/grupo-de-1-8-mil-alunos-de-escolas-publicas-assistem-a-pantera-negra.shtml>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Peças integradas ao *merchandising* do filme, como as decorações presentes no exterior das salas de cinema, passaram a ser cenário de fotografias publicadas

em sites e redes sociais, que ilustram a identificação de negros, menores ou não, ao que assistiam nas telas, tal como a admiração de brancos à qualidade da produção. Também existiu o hábito de “rolezinhos” em sessões ocorrentes nas capitais brasileiras, marcados em eventos no Facebook, principalmente (DOL, 2018).

Figura 57. Comunidade Tia Eva leva crianças para assistirem ao filme



Fonte: Campo Grande News (2018). Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/cinema/comunidade-tia-eva-consegue-dinheiro-e-95-criancas-descobrem-o-pantera-negra>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

No que diz respeito, especificamente, ao público afro e feminino, conforme Danai Gurira, o impacto social da película às crianças pode ser exemplificado pela filha de uma executiva da *Marvel*, que queria raspar sua cabeça, como as Dora Milaje. “Ela queria ser como aquelas mulheres e não se importava que a cor da pele era diferente. Isso também me empolga muito”, comemorou a atriz (OMELETV, 2018).

Ademais, somado a um âmbito comercial, os (as) guerreiros (as) de *Pantera Negra* (2018) ganhariam brinquedos, roupas e outros produtos licenciados dentro da maior linha para uma produção original do *MCU*, conforme a *Variety* (GOMES, B. 2018), o que é pertinente para o segmento infanto-juvenil, como já assimilado no tópico sobre representatividade negra no meio cinematográfico.

Quanto a esta segmentação, pode-se ainda citar uma divertida imagem que viralizou na internet, onde duas crianças negras se fantasiam de um “adulto” para assistirem à produção no cinema, o que chamou ainda mais atenção para o longa-metragem no ciberespaço, com 4 milhões de visualizações (MOREIRA, 2018).

Figura 58. Meninos se disfarçam para assistirem ao filme em viral da internet



Fonte: Extra Online (2018). Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/meninos-viram-adulto-para-assistir-pantera-negra-22414743.html>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Uma observação crítica dos exemplos descritos, selecionados entre profusos outros, leva à percepção de como um coletivo de empresas, artistas, *prosumers*, educandos, entre outros grupos levaram a ascensão do longa-metragem, a partir da valorização e empoderamento da representatividade negra. De modo geral, usufruem da comunicação virtual para alavancarem iniciativas distintas, porém com mesmo propósito humanitário em sua essência, provavelmente.

A atenção dada, especificamente, à comoção de *Pantera Negra* (2018) à seção infantil não é infundada. No momento em que se questiona “quem está indo assistir ao filme?”, infere-se que o gênero cinematográfico de super-heróis, embora não exclusivamente, busca atender a um grande coletivo de crianças. Estas aspiram e se identificam com os protagonistas, como reforça a tira a seguir compartilhada em redes sociais ao longo da repercussão desencadeada pela película:

Figura 59. Tirinha dos artistas Rennan Lemes, Lucas Silva e Valdeci Crabi

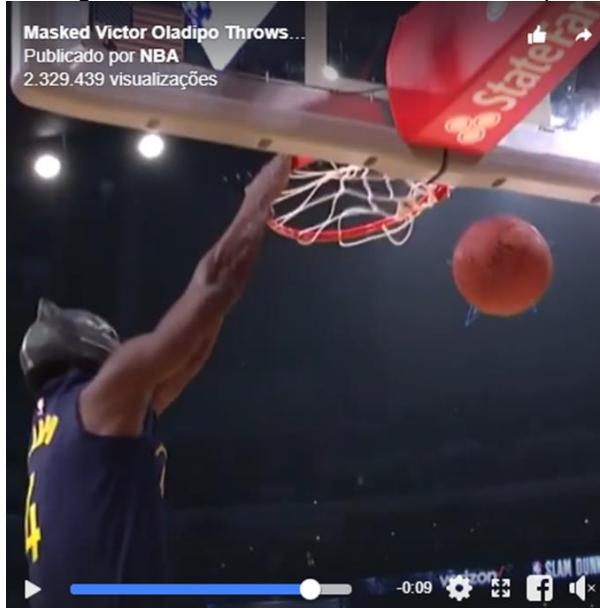


Fonte: Ceert (2018). Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/21271/pantera-negra-rompe-paradigmas-e-feminista-e-traz-autoestima-a-criancas>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Detentor ainda do título de filme mais mencionado de todos os tempos no Twitter, com hashtags como #BlackPanther, #WakandaForever e #Wakanda (OLIVEIRA, 2018), a mais nova franquia de Chadwick Boseman ainda inspiraria garotos (as) a se fantasiarem e agir como os personagens da nação fictícia, o que se tornou, inclusive, uma série de desafios on-line (PRATINI, 2018). De um modo geral, a ascensão social e comercial do herói afrodescendente já promete uma maior representação e diversidade no futuro dos filmes da *Marvel*, no que se inclui seus bastidores (GOMES, 2018).

Entre outros destaques positivos, que fortificam o fator representatividade do personagem, o jogador de basquete Victor Oladipo realizou uma enterrada com a máscara do Pantera Negra, concedida pelo próprio ator e protagonista, durante o campeonato de enterradas do All-Star Game da NBA (GOMES, 2018). Até mesmo a causa animal foi favorecida pelo longa-metragem, uma vez que seu sucesso impulsionou a adoção de mais de 50 gatos pretos nos EUA, que foram nomeados como os personagens de sua mitologia (RIBEIRO, 2018).

Figura 60. Jogador faz enterrada com a máscara do personagem



Fonte: Omelete (2018). Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-jogador-de-basquete-faz-enterrada-com-a-mascara-do-heroi>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

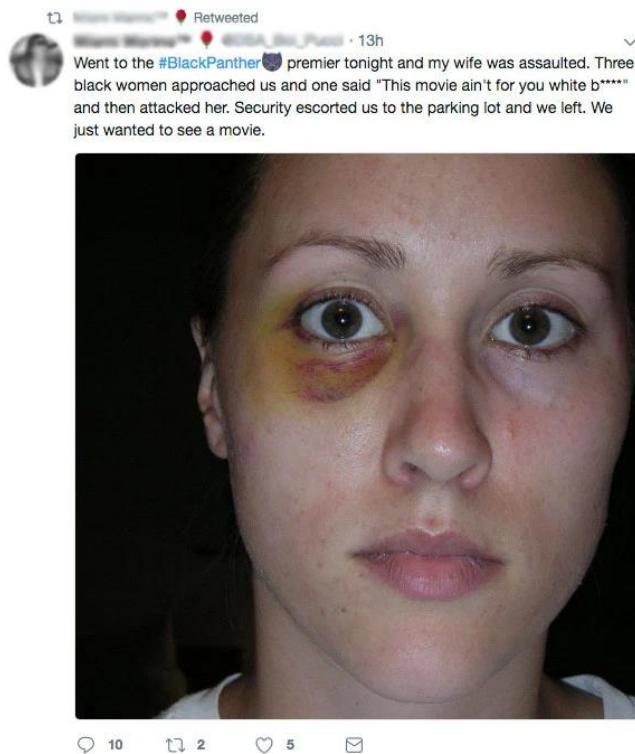
No que se diz respeito a um impacto nocivo de *Pantera Negra* (2018) na sociedade, tentativas de boicote contra a produção também se viram presentes em ambiente virtual. *Fake news*, manifestadas no Twitter, diziam que mulheres brancas haviam sido violentadas, moralmente e fisicamente, nos cinemas. Em um tuíte, ainda é declarado que uma negra teria afirmado “Esse filme não é para putas brancas”, antes de realizar um ataque a um casal caucasiano. Comprovadamente inverídicas, tais colocações utilizavam imagens de anos anteriores a 2018, retiradas de contextos diversos para comporem as mensagens de ódio racial (WARKEN, 2018).

Em uma polêmica ainda maior, grupos de fãs da *DC Comics* se organizaram para prejudicar a nota da película no site *Rotten Tomatoes*. A sabotagem dividiu opiniões quanto a suas motivações, uma vez que poderia se justificar unicamente pela rivalidade entre selos de quadrinhos ao invés de um evidente racismo. Para Sidney Gusman (2018), como jornalista especializado em quadrinhos, trata-se de uma pura e imbecil discriminação racial, advinda de *pseudos* fanáticos, uma vez que a atitude nunca foi tomada anteriormente em outros filmes do *Marvel Studios*.

Com um evento no Facebook, intitulado "Dê ao Pantera Negra uma nota podre no Rotten Tomatoes", mais de 2 mil pessoas foram agrupadas (SABBAGA, 2018). A página foi suspensa pela rede social, que ainda rendeu uma advertência do portal reunidor de críticas, que se posicionou contra o manifesto (SOUSA, 2018).

Como resposta ao boicote, um novo grupo de adoradores da DC aderiram à campanha para levar 300 crianças carentes do Harlem ao cine, de forma que deixa suas rivalidades de lado em benefício à causa social (CANHISARES, 2018).

Figura 61. *Fake News* disseminada no Twitter para boicotar o filme



Fonte: M de Mulher (2018). Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/pantera-negra-vira-alvo-de-um-boicote-racista-e-muito-bizarro/>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Por fim, não se pode deixar de mencionar outros feitos realizados por *Pantera Negra* (2018), como sua influência na construção de centros de inovação investidos pela Disney (e inspirados no filme) em diversas locações (FERREIRA, 2018). Ou ainda o uso contínuo do gesto “*Wakanda Forever*” para celebrar outras conquistas esportivas, como no futebol (GONZAGA, 2018). Inúmeros exemplos, permitem compreender a relevância do objeto de estudo desta monografia dentro de uma perspectiva social. Mas como estes dialogam com uma logística comercial para assim justificar o impacto da representatividade negra no contexto mercadológico do longa-metragem? Disserta-se, a seguir, as considerações finais do presente projeto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche, escolhido “a dedo” como abertura desta dissertação, traduz muito daquilo que motivou este autor a optar, desde o início, por investigar uma temática que traduza o quão a cultura popular e sua fantasia possam ser relevantes para certos grupos e indivíduos. Consoante à atual realidade presente no campo social, marcada por sentimentos negativos e contínuos entraves das guerras físicas e psicológicas do ser humano, o deslumbramento de universos fantásticos, possibilitado pela ficção e sua “fuga” daquilo que é verídico, é algo que “ilumina” a obscuridade humana.

Embora sempre inexistente uma real posição de fala no que diz respeito à representação do negro na produção cultural, o estudo proposto buscou explicar, tal como explicitar, o impacto social e comercial da representatividade étnica no contexto mercadológico de *Pantera Negra* (2018). Com uma pesquisa exploratória, pôde-se absorver uma gama de teorias e acontecimentos mundo a fora que permitiram assimilar, criticamente, tais resultados.

Sancionada como uma tendência cultural crescente na contemporaneidade, a convergência de textos e mídias exposta por Jenkins (2014) contribui para que o poder simbólico de figuras como o Pantera Negra se torne evidenciado para um coletivo de pessoas, tanto pela existência de uma intersemiose que expande a mitologia de um subjugável gibi como pelo fácil acesso às informações associadas, compartilhadas em uma esfera virtual.

A presença negra advinda das Histórias em Quadrinhos se mostra um portfólio oportuno para o futuro das adaptações cinematográficas, tendo em vista como que o gênero tem servido de base para expressivos lançamentos audiovisuais, de heróis ou não, ao mesmo tempo em que sempre contemplou grupos desnecessariamente repreendidos por uma sociedade ignorante e a favor do ódio.

As polêmicas Hollywoodianas passam a ser enfrentadas, socialmente e comercialmente, por comunidades cuja classificação de “minoria” revela-se uma tentativa de dissimular uma necessária mudança nas concepções de tudo aquilo que se deve ser ou existir: sim, negros existem, assim como mulheres, indígenas, homossexuais ou qualquer outra vertente que a indústria cultural insista em ocultar pelo racismo, machismo, homofobia, transfobia, fascismo ou eurocentrismo subjetivos àqueles que a produzem.

O inquestionável sucesso do produto em análise ratifica a percepção de como a controversa ausência de ícones africanos no cinema, assim como sua presença secundária e estereotipada também explícita pela publicidade, é fruto de uma “voz” hostil que ainda ecoa na sétima arte, no que se inclui suas privacidades. Logo, é válida a consideração do quanto relevantes são os personagens da ficção, independente do meio que habitam, para uma mudança significativa nos estereótipos nas mídias, como a cinematográfica. Jeremias, Pelezinho, Milena, Pererê, Luke Cage... Todos estes são “Panteras Negras”, possuidores de um grande potencial a ser ainda mais explorado pelos empreendimentos culturais.

Também resultante da cultura da convergência, os cinéfilos passam a celebrar e expor suas interpretações do filme, o que, de certo modo, contribui para a causa de ambos os tipos de impacto averiguados. Afinal, percebida a consonância entre as proposições de venda que permeiam a comunicação publicitária e uma genuína responsabilidade social advinda de marcas e artistas, deve-se pressupor que um lado não necessariamente compromete o outro.

Da mesma forma que as notícias e correntes on-line relacionadas à comoção popular suscitada por *Pantera Negra* (2018) podem ter alavancado o interesse do grande público em ir ao cinema, a visibilidade do seu sucesso comercial poderá contribuir para que um novo leque de produtos e ações que valorizem o respeito aos afrodescendentes erga-se no futuro da indústria do entretenimento.

Ademais, no instante em que o longa-metragem é um bem intangível pago antes de ser consumido, característico do sistema capitalista, é natural que suas motivações de cunho financeiro e social se fusionem no contexto de lançamento de um longa-metragem como o em discussão. E é justamente com base em uma visão realista que não se deve intentar justificar todo esse cenário mercadológico sem considerar, antes, todas as suas possíveis dimensões.

A aplicação de temáticas como a composição da identidade negra, tal como o estudo crítico das Histórias em Quadrinhos e do cinema, contribuiu para constatar tudo aquilo que leva o consumidor a se apegar à obra em questão, assim como a sua valorização da mitologia proposta e a consequente abertura de uma farta receita para o *Marvel Studios*. É mais uma vez, em partes, o consumerista empoderado pela era digital, que faz valer aquilo que anseia e ainda corresponde quando é, enfim, agraciado.

A cultura propriamente dita, que, como reforça Solomon (2016), fundamenta toda e qualquer relação de consumo, se mostrou um conceito determinante na instância de que as adaptações cinematográficas dos super-heróis carregam com si um heterogêneo pluralismo de vertentes socioculturais, expostas (ou não) conforme a vontade das “maiorias”. A representatividade negra, aqui, se mostrou decisiva para o impacto social de *Pantera Negra* (2018), que expõe, com o uso da arte, o quão questionáveis são certos status e posições pré-determinadas pela sociedade.

Também é curioso o juízo de como um agregado de peças publicitárias básicas, existentes, em sua essência, com a única proposição de motivar práticas mercantilistas, causou uma repercussão urbana sem precedentes, maior do que muitos anúncios – e ações de guerrilha – gerados com a finalidade de visibilizar uma causa social, advindos do terceiro setor. O uso de uma estética afro-americana, somada à presença negra do trabalho de Coogler (2018), se mostrou suficiente para que a comunidade afro celebrasse pôsteres e vídeos promocionais, o que cumpriu, simultaneamente, com um bem-sucedido impacto comercial.

Essa ocorrência tão atípica contribui para que se percebam novas possibilidades para a comunicação e seus profissionais. O uso de uma legítima representação africana, seja como uma “nova estratégia de vendas” ou uma honesta reconfiguração de conservadorismos, deverá transformar, positivamente, o campo social. Afinal, cabe aos que exercem (e irão exercer) um papel de comunicador a responsabilidade de visibilizar causas tão pertinentes quanto a que está em discussão.

Ainda longe de ser dispersado, o racismo é atacado pelo empoderamento proposto pelo longa-metragem, que quebra o silêncio mantido por décadas, em Hollywood, sobre a questão. As considerações de Stam (2003), que enfatizam o eurocentrismo recorrente nos arquétipos de heróis e princesas, substanciam o quão *Pantera Negra* (2018) é um positivo e extremo oposto a obras como *O Nascimento de uma Nação* (1915), que tempos atrás já implantavam uma imagem distorcida e antagônica da etnia negra, procedente do período da escravidão.

Amplamente percebido o quão imprescindível é a representatividade, o seu uso como um recurso comercial pode até mesmo soar como uma fuga à ética, mas, se justifica no momento em que possa funcionar como um acréscimo a um produto cujo entretenimento e arrecadação de fundos é a sua principal natureza. Igualmente, progride o universo cinematográfico do *Marvel Studios*, com a integração de um

herói que combate ameaças cósmicas fictícias em paralelo aos males da plangente realidade.

Proveniente das HQs, seu acolhimento à luta pelos direitos civis passa a ser compartilhado para um grande público de massa, principalmente no que diz respeito aos fãs e *prosumers*. Estes utilizam sua atividade virtual para disseminar e elaborar novos conteúdos que promovem um cenário utópico, como se viu nas iniciativas investigadas no último capítulo.

Também pôde-se perceber, necessariamente, que a existência de um *blockbuster* acarreta em mais atividades que denotam a discriminação racial. Notoriamente, trata-se de uma problemática não provocada intencionalmente pelo filme, mas sim “desmascarada” graças ao seu “boca-a-boca”. É controverso – e assustador – supor que a curiosidade e o temor oriundo de grupos racistas tenham alavancado a popularidade da obra e, até mesmo, parcela de sua considerável arrecadação.

Afinal, mesmo que não ocorra uma real conscientização por parte de certos cinéfilos, sua diligência perante a ênfase dada pela mídia ao valor social de *Pantera Negra* (2018) pode alavancar os chamados “modismos”, que impulsionam a adesão de indivíduos, no que se inclui opressores, a produtos culturais salientados pelas redes sociais. É lamentável o fato de que muitos entre os fãs, o que não inclui este autor, desprezem as mensagens de paz, união e liberdade tão aceiradas, de forma constante, nas grandes produções da cultura pop. Inclusive, são ignoradas a ponto de uns e outros se apegarem a detalhes como a mudança da etnia de uma personagem, realizada em prol da desconstrução de tabus.

Não obstante, vasta fração das bilheterias discernidas deu-se às movimentações globais para se levar crianças negras e carentes às salas de cinema, o que novamente alega a influência do impacto social no comercial e vice-versa. Mas o que se deve notabilizar, também, é o papel do público infantil nas ocorrências aqui agrupadas para fundamentar os efeitos benéficos do produto em análise. Eis o porquê:

Deixadas de lado, agora, as proposições de marketing e cunho mercadológico integrais ao cumprimento dos objetivos desta dissertação, a fantasia dos filmes e Histórias em Quadrinhos incide na expansão do repertório criativo de todo menino e, é claro, menina. Mais do que isso, os levam ao sentimento de empolgação ao testemunhar o lançamento de um novo trailer ou pôster de películas como as de

super-herói. Pois, embora esteja ali como um artifício persuasivo a uma venda, a publicidade contribui, ainda que às vezes de contra seus originais propósitos, para a construção do sorriso de uma criança. Esta logo correrá para as livrarias, bancas de revista ou para o cinema, a exemplo daquela que é, até hoje, este que vos escreve. Imagina o que deve ser essa experiência somada ao fator representatividade?

Figura 62. Influência de *Pantera Negra* (2018) no imaginário infantil



Fonte: Judão (2018) e Twitter (2018). Disponível em: <http://judao.com.br/depois-do-pantera-negra-cultura-pop-nunca-mais-sera-mesma/#.W-I_3JNKjIU> e <<https://twitter.com/LondonersLondon/status/964472223099744256>>. Acesso em: 06 novembro 2018.

Imaginar, representar e dialogar são algumas das capacidades humanas revigoradas pelo entretenimento, que também aquiesce a hegemonia de grupos oprimidos e promove uma otimização, ainda que nem sempre ouvida, das relações e interações existentes no âmbito social. Um posicionamento crítico perante a difamação da identidade negra ao longo de séculos, formado desde cedo na mente de um futuro consumidor, publicitário e (ou) ator político, torna-se, enfim, possibilitado pela atual produção cultural. É um processo contínuo, que carece de expansão e contribuições provindas de novos e capacitados profissionais.

A arte que recepciona a cada leitor do projeto em mãos, não estruturada aleatoriamente, representa um ponto crucial para a consideração de sua temática. Chadwick Boseman, agora um ícone que rompe paradigmas e estereótipos, fará com que o Pantera Negra conduza novas gerações que, ao contrário do que foram muitas infâncias, saberão o que é ter uma figura para se inspirar e se orgulhar.

Enquanto cabe a este fã e redator, só mais um branco, admirar tal revolução, o mais novo representante da juventude afrodescendente na indústria cinematográfica reina absoluto. Este é mais que um monarca. Mais que um guerreiro. É um herói, agora de muitos. Negro.

REFERÊNCIAS

A 13ª Emenda. Direção: Ava DuVernay. Produção: Howard Barish; Ava DuVernay e Spencer Averick. Roteiro: Ava DuVernay; Spencer Averick. Música: Jason Moran. Estados Unidos: Netflix, 2016. Color, 100 min.

AGÊNCIA ESTADO. Will Smith completa 50 anos de idade; relembre papéis marcantes. 2018. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/cultura/2018/09/will-smith-completa-50-anos-de-idade-relembre-papeis-marcantes-1014149597.html>. Acesso em: 20 novembro 2018.

ALVES, Soraia. Com Chadwick Boseman na capa, revista Time destaca como “Pantera Negra” é um marco para a representação negra na mídia. 2018. Disponível em: <https://www.b9.com.br/86473/com-chadwick-boseman-na-capa-revista-time-destaca-como-pantera-negra-e-um-marco-para-a-representacao-negra-na-midia/>. Acesso em 31 outubro 2018.

ARAÚJO, Diego; OLIVEIRA, Igor. Estudo das Adaptações de Histórias em Quadrinhos para o Cinema demonstrado através do personagem Batman. 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/66842592/Herois-Adaptacoes-de-quadrinhos-para-o-cinema>. Acesso em 21 novembro 2018.

ARAÚJO, Joel. O Negro na Dramaturgia, um Caso Exemplar da Decadência do Mito da Democracia Racial Brasileira. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf>. Acesso em: 20 novembro 2018.

ARCHILHA, Ricardo. “Pantera Negra” leva cinco prêmios e é o grande vencedor do Saturn Awards. 2018. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2018/06/pantera-negra-leva-cinco-premios-e-e-o-grande-vencedor-do-saturn-awards/>. Acesso em 26 novembro 2018.

AQUINO, Mirian et al. Comunidades virtuais de música como subsídio para a construção da identidade afrodescendente. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 19, n. 1, p. 75-89, 2014.

AYUSO, Rocío. Agora quem protagoniza em Hollywood é o negro. 2018. Disponível em: <http://www.ceert.org.br/noticias/comunicacao-midia-internet/22699/agora-quem-protagoniza-em-hollywood-e-o-negro>. Acesso em: 20 novembro 2018.

BARBOSA, Cleydson. Memes nas Estratégias de Marketing Digital. 2015. Disponível em: <http://www.digai.com.br/2015/02/memes-nas-estrategias-de-marketing-digital/>. Acesso em: 29 maio 2018.

BARNHARDT, Adam. 'Black Panther' Passes 'Titanic' To Become Third Movie All-Time at U.S. Box Office. 2018. Disponível em: <https://comicbook.com/marvel/2018/04/07/black-panther-passes-titanic-box-office/>. Acesso em 26 novembro 2018.

BASILIO, Claudio. **Quadrinhos para ler antes de ver Pantera Negra.** 2018. Disponível em: <http://cinezencultural.com.br/site/2018/02/14/quadrinhos-para-ler-antes-de-ver-pantera-negra/>. Acesso em: 25 setembro 2018.

BBC. **100 anos de Nelson Mandela:** as frases mais famosas e marcantes do líder sul-africano. 2018. Disponível em:
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/07/18/100-anos-de-nelson-mandela-as-frases-mais-famosas-e-marcantes-do-lider-sul-africano.ghtml>. Acesso em: 18 novembro 2018.

BOL. **Mammy, de "...E o Vento Levou", vira heroína de romance.** 2014. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2014/10/29/mammy-de-e-o-vento-levou-vira-heroina-de-romance.htm>. Acesso em: 02 outubro 2018.

BORBOLLA, Thiago. **Depois do Pantera Negra, a cultura pop nunca mais será a mesma.** 2018. Disponível em: http://judaoo.com.br/depois-do-pantera-negra-cultura-pop-nunca-mais-sera-mesma/#.W_yUhZNKjIV. Acesso em 06 novembro 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 2. ed. Rio de janeiro: Bertrand brasil, 1998. 315 p. -- (coleção memória e sociedade)

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sérgio. **A economia das trocas simbólicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 361 p.

BOX OFFICE MOJO. **All Time Box Office.** S.d. Disponível em:
<https://www.boxofficemojo.com/alltime/world/>. Acesso em: 16 outubro 2018.

BOX OFFICE MOJO. **Black Panther.** S.d. Disponível em:
<https://www.boxofficemojo.com/movies/?id=marvel2017b.htm>. Acesso em 26 novembro 2018.

BOX OFFICE MOJO. **Marvel Cinematic Universe.** S.d. Disponível em:
<https://www.boxofficemojo.com/franchises/chart/?view=main&id=avengers.htm&p=.htm>. Acesso em: 15 outubro 2018.

BRANT, Ana. **Pantera Negra rompe paradigmas, é feminista e traz autoestima a crianças.** 2018. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/21271/pantera-negra-rompe-paradigmas-e-feminista-e-traz-autoestima-a-criancas>. Acesso em 03 novembro 2018.

BRAYSON, Johnny. **Has Will Smith Won An Oscar? The Actor May Have His Best Chance Yet With 'Concussion'.** 2016. Disponível em:
<https://www.bustle.com/articles/134914-has-will-smith-won-an-oscar-the-actor-may-have-his-best-chance-yet-with-concussion>. Acesso em: 02 outubro 2018.

BREVET, Brad. **'Black Panther' Targets \$200M+ Four-Day Opening Weekend.** 2018. Disponível em: <https://www.boxofficemojo.com/news/?id=4370&p=.htm>. Acesso em 26 novembro 2018.

BRIDI, Natália. **Bilheteria Mundial | Os Vingadores supera Harry Potter**. 2012. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/vingadores/bilheteria-mundial-os-vingadores-superam-harry-potter>. Acesso em: 20 novembro 2018.

BRIDI, Natália. **10 maiores bilheterias de 2018 (até agora)**. 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/10-maiores-bilheterias-de-2018>. Acesso em: 26 agosto 2018.

BRIDI, Natália. **Pantera Negra | "Acho que é o melhor filme que já fizemos", diz Kevin Feige**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-acho-que-e-o-melhor-filme-que-ja-fizemos-diz-kevin-feige>. Acesso em 25 novembro 2018.

BRIDI, Natália. **Pantera Negra | Crítica**. 2018. Disponível em: <https://omelete.com.br/filmes/criticas/pantera-negra/?key=145084>. Acesso em: 02 jun. 2018.

BRIDI, Natália. **Pantera Negra | Entenda as cenas pós-créditos do filme**. 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-entenda-as-cenas-pos-creditos-do-filme>. Acesso em 26 outubro 2018.

BRIDI, Natália. **Pantera Negra | Escola anuncia que levará todos os alunos para ver o filme e estudantes comemoram; veja**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-escola-anuncia-que-levara-todos-os-alunos-para-ver-o-filme-e-estudantes-comemoram>. Acesso em 26 novembro 2018.

BRIDI, Natália. **Pantera Negra ganha seu primeiro trailer**. 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-ganha-seu-primeiro-poster>. Acesso em 26 novembro 2018.

BRIDI, Natália. **Pantera Negra | Geoff Johns, chefe criativo da DC, elogia o primeiro trailer do filme**. 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-geoff-johns-chefe-criativo-da-dc-eloga-o-primeiro-trailer-do-filme>. Acesso em 26 novembro 2018.

BRIDI, Natália. **Pantera Negra | Pôster faz referência a retrato de líder dos Panteras Negras**. 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-poster-faz-referencia-a-retrato-de-lider-dos-panteras-negras>. Acesso em 25 novembro 2018.

BRIDI, Natália. **Pantera Negra | Todos os recordes do filme até agora**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-todos-os-recordes-do-filme-ate-agora#2>. Acesso em 26 novembro 2018.

Building The Dream: Assembling The Avengers *in: Marvel's The Avengers*. 2 discs blu-ray. Produção: Marvel Studios. Roteiro: Adam Gallagher. Estados Unidos, 2012. Color, 97 min.

BURCH, Noel. **Práxis do cinema**. [São Paulo]: Perspectiva, [2011]. 217 p. (Debates. Cinema; 149).

CABRAL, João. **Conceito de Indústria Cultural em Adorno e Horkheimer**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/cultura/industria-cultural.htm>. Acesso em 18 de novembro de 2018.

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Graphic Msp – Jeremias**: Pele. São Paulo: Panini Brasil, 2018.

CAMPOS, Bruno. **PANTERA NEGRA | TRAILER É ATACADO POR COMENTÁRIOS RACISTAS**. 2017. Disponível em: <https://opontonerd.com.br/2017/06/16/pantera-negra-trailer-e-atacado-por-comentarios-racistas/>. Acesso em 25 outubro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra arrecada US\$ 25,2 milhões na estreia nos EUA**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-arrecada-us-252-milhoes-na-estreia-nos-eua>. Acesso em 26 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra | Chadwick Boseman insistiu para que T'Challa tivesse sotaque**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/marvel-comics/pantera-negra-chadwick-boseman-insistiu-para-que-tchalla-tivesse-sotaque>. Acesso em 25 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra deve arrecadar US\$ 404 milhões na bilheteria mundial em apenas quatro dias**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-deve-arrecadar-us-404-milhoes-na-bilheteria-mundial-em-apenas-quatro-dias>. Acesso em 26 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra é o filme de herói com maior número de críticas positivas**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-e-o-filme-de-heroi-com-maior-numero-de-criticas-positivas>. Acesso em 26 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra é o inimigo do filme, diz Chadwick Boseman**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-e-o-inimigo-do-filme-diz-chadwick-boseman>. Acesso em 25 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra | Fãs da DC fazem campanha para levar crianças carentes aos cinemas**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-fas-da-dc-fazem-campanha-para-levar-criancas-carentes-aos-cinemas>. Acesso em 03 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **"Pantera Negra foi um experimento cruel", diz Diddy**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/marvel-comics/pantera-negra-foi-um-experimento-cruel-diz-diddy>. Acesso em 25 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra | Heróis e vilões ganham pôsteres individuais; confira.** 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-herois-e-viloes-ganham-posteres-individuais-confira>. Acesso em 24 outubro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra | Patty Jenkins elogia trailer e se mostra ansiosa para filme da Marvel.** 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-patty-jenkins-elogia-trailer-e-se-mostra-ansiosa-para-filme-da-marvel>. Acesso em 26 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra recebeu mais investimento que as últimas produções da Marvel, revela Kevin Feige.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-recebeu-mais-investimento-que-as-ultimas-producoes-da-marvel-revela-kevin-feige>. Acesso em 26 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra | Stan Lee parabeniza elenco e equipe pelo sucesso do filme.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-stan-lee-parabeniza-elenco-e-equipe-pelo-sucesso-do-filme>. Acesso em 26 novembro 2018.

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra supera Vingadores e se torna o filme da Marvel com maior arrecadação na primeira semana.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-supera-vingadores-e-se-torna-o-filme-da-marvel-com-maior-arrecadacao-na-primeira-semana>. Acesso em 26 novembro 2018.

CAPUZZO, Heitor. **Cinema – a aventura do sonho.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986.

CARDOSO, Joana. **Black Panther, filme de super-heróis esplendidamente negro.** 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/02/14/culturaipsilon/noticia/black-panther-1802877>. Acesso em 25 novembro 2018.

CASTILHO, Lucas. **Viola Davis é a primeira atriz negra indicada três vezes ao Oscar.** 2017. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/cultura/viola-davis-e-a-primeira-atriz-negra-indicada-tres-vezes-ao-oscar/>. Acesso em: 20 novembro 2018.

CAULFIELD, Aj. **Spider-Man: Into the Spider-Verse reveals new look at Spider-Gwen.** 2018. Disponível em: <https://www.looper.com/129196/spider-man-into-the-spider-verse-reveals-new-look-at-spider-gwen/>. Acesso em 16 outubro 2018.

CCXP. **A CCXP.** S.d. Disponível em: <https://www.ccxp.com.br/a-ccxp>. Acesso em: 26 agosto 2018.

CEPEDA, Guilherme. **"Mas o Pantera Negra Não é o Único Herói Preto".** 2018. Disponível em: <https://www.burnbook.com.br/cinema/mas-o-pantera-negra-nao-e-o-unico-heroi-preto/>. Acesso em: 13 maio 2018.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Angra/achiame, 1982. 117 p. : il

COATES, Ta-Nehis; COOGLER, Ryan; MCGREGOR, Don; MOORE, Nate; NYONG'O, Lupita et al *in: Black Panther*. 1 disco blu-ray. Produção: Marvel Studios. Estados Unidos, 2018. Color, 134 min.

Cloak & Dagger – Call/Response. Direção: Ami Canaan Mann. Produção: ABC. Roteiro: Christine Boylan & Marcus J. Guillory. Música: Mark Isham. Estados Unidos: Freeform, 2018. Color, 42 min.

COELHO, Gabriela. **Mães em Tempos de Cibercultura:** Produção e Consumo de Conteúdo Sobre Maternidade e Infância em Uma Fanpage Brasileira. 146 f : il. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Administração - Cppa, Faculdade Boa Viagem – Devry Brasil, Recife, 2017.

CONSIGLIO, Dulce Damasceno de Brito. **Hollywood, nua e crua.** Rio de Janeiro: O Cruzeiro, [c1968]. 182 p

CORAL, Guilherme. **Pantera Negra e Os Incríveis 2 conquistam prêmio especial em Hollywood.** 2018. Disponível em:
<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2018/10/pantera-negra-e-os-incriveis-2-conquistam-premio-especial-em-hollywood>. Acesso em 26 novembro 2018.

CORSEUIL, Anelise. **A américa latina no cinema contemporâneo:** outros olhares. Florianópolis: Insular, 2012. 158 p. (Série estudos culturais).

COVRE, Giulia. **Os figurinos de “Pantera Negra” são uma homenagem linda à cultura africana.** 2018. Disponível em:
<http://www.papelpop.com/2018/02/referencias-do-figurino-de-pantera-negra>. Acesso em: 16 setembro 2018.

CRUZ, Márcia. **Grupo de 1,8 mil alunos de escolas públicas assistem a Pantera Negra.** 2018. Disponível em:
http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/03/26/internas_viver,746473/grupo-de-1-8-mil-alunos-de-escolas-publicas-assistem-a-pantera-negra.shtml. Acesso em 03 novembro 2018.

CURVYECOCENTRIC. **IDRIS ELBA IN COMIC BOOK FILM – ‘THOR’.** 2009. Disponível em: <https://curvyecocentric.wordpress.com/2009/11/29/idris-elba-in-comic-book-film-thor/>. Acesso em 16 outubro 2018.

DEMEROV, Barbara. **Vingadores: Guerra Infinita e Pantera Negra conquistam os principais prêmios de cinema no People's Choice Awards 2018.** 2018. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-144644/>. Acesso em 26 novembro 2018.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Estudante faz vaquinha e leva 200 crianças negras para ver Pantera Negra: 'Fui acusada de racismo'. 2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/03/01/internas_viver,743388/estudante-faz-vaquinha-e-leva-200-criancas-negras-para-ver-pantera-neg.shtml. Acesso em 03 novembro 2018.

DICIO. Engajamento. s.d. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/engajamento>. Acesso em: 29 maio 2018.

DICIO. Geek. S.d. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/geek/>. Acesso em 02 jun. 2018.

DICIO. Hashtag. s.d. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hashtag>. Acesso em: 13 maio 2018.

DIEHL, Astor. Cultura historiográfica: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002. 221 p

DINIZ, Aline. Oscar 2017 | Conheça os vencedores. 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/oscar/oscar-2017-conheca-os-vencedores>. Acesso em: 20 novembro 2018.

DOLORES, Bruna. Pantera Negra leva o prêmio de Melhor Filme no BET Awards 2018. 2018. Disponível em: <https://poltronanerd.com.br/filmes/pantera-negra-bet-awards-2018-72223>. Acesso em 26 novembro 2018.

DOL. Professora faz campanha para levar crianças da Terra Firme para ver Pantera Negra. 2018. Disponível em: <https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-490578-professora-faz-campanha-para-levar-criancas-da-terra-firme-para-ver-pantera-negra.html>. Acesso em 03 novembro 2018.

DOL. Professora que levou alunos para sessão de Pantera Negra recebe premiação nacional. 2018. Disponível em: <https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-548784-professora-que-levou-alunos-para-sessao-de-pantera-negra-recebe-premicao-nacional.html>. Acesso em 03 novembro 2018.

DOMO. Data Never Sleeps 5.0. 2017. Disponível em: <https://www.domo.com/learn/data-never-sleeps-5>. Acesso em: 29 maio 2018.

DUARTE, Rodrigo. Adorno/Horkheimer e a dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro Zahar 2002 1 recurso online

DURKHEIM, Emile. Da divisão do trabalho social. WMF Martins Fontes, São Paulo, 2010.

ELOI, Arthur. Pantera Negra | Fãs pedem por série de TV sobre Wakanda na Netflix. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/pantera-negra-fans-pedem-por-serie-de-tv-sobre-wakanda-na-netflix>. Acesso em 26 novembro 2018.

ELOI, Arthur. **Pantera Negra | Publicitário cria campanha de financiamento coletivo para levar crianças do Harlem para assistir o filme da Marvel.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-publicitario-cria-campanha-de-financiamento-coletivo-para-levar-criancas-do-harlem-para-assistir-o-filme-da-marvel>. Acesso em 26 novembro 2018.

ESMERALDO, Sabryna. **Pantera Negra: famosos apoiam campanha para crianças carentes assistirem ao filme.** 2018. Disponível em: <https://www.aficionados.com.br/famosos-campanha-pantera-negra/>. Acesso em 26 novembro 2018.

FAECPR. **Influência Negra no Brasil.** S.d. Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_V.php. Acesso em: 19 novembro 2018.

FAN POP. **Steve and Tony images The Avengers (2012) HD wallpaper and background photos.** S.d. Disponível em: <http://www.fanpop.com/clubs/steve-and-tony/images/34894576/title/avengers-2012-photo>. Acesso em 16 outubro 2018.

FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação:** um século de história. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997. 79p.

FERREIRA, Guilherme. **Disney usará dinheiro ganho com Pantera Negra para investir em Centros de Inovação em Oakland.** 2018. Disponível em: <https://retalhoclub.com.br/cinema/disney-usara-dinheiro-ganho-com-pantera-negra-para-investir-em-centros-de-inovacao-em-oakland/>. Acesso em 03 novembro 2018.

FONSECA, Rodrigo. **"Pantera Negra e Corra! nos fazem repensar formas de representação", diz Daniel Kaluuya.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-e-corra-nos-fazem-repensar-formas-de-representacao-diz-daniel-kaluuya>. Acesso em 25 novembro 2018.

FONSECA, Rodrigo. **"Pantera Negra é um convite à revolução", diz Danai Gurira.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-e-um-convite-a-revolucao-diz-danai-gurira>. Acesso em 25 novembro 2018.

FONSECA, Rodrigo. **Pantera Negra | "Meu medo era ser o branco chato", diz Martin Freeman.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-meu-medo-era-ser-o-branco-chato-diz-martin-freeman>. Acesso em 25 novembro 2018.

FONSECA, Rodrigo. **Pantera Negra | "Os efeitos sociais aqui falam mais alto", diz Letitia Wright.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-os-efeitos-sociais-aqui-falam-mais-alto-diz-letitia-wright>. Acesso em 25 novembro 2018.

FRANZIN, Adriana. **Você sabe qual é a importância da cultura negra para a história do Brasil?** 2012. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/11/voce-sabe-qual-e-a-importancia-da-cultura-negra-para-a-historia-do>. Acesso em: 19 novembro 2018.

FREITAS, Kênia. **A (não) representação negra no cinema.** In: Revista SescTV. v. 116, nov. 2016. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/46653939-d1f0-4843-b6e3-8d4f322cac9c.pdf. Acesso em 20 novembro 2018.

G1. **Mauricio de Sousa apresenta Milena, nova personagem negra da 'Turma da Mônica'.** 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/mauricio-de-sousa-apresenta-milena-nova-personagem-negra-da-turma-da-monica.ghtml>. Acesso em: 20 novembro 2018.

GARCIA, Tayná. **Campanha arrecada fundos para crianças do Harlem poderem assistir Pantera Negra.** 2018. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/campanha-arrecada-fundos-para-criancas-do-harlem-poderem-assistir-pantera-negra/>. Acesso em 26 novembro 2018.

GELEDES. **Star Wars – E o boneco do Finn que ninguém compra?** 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-o-boneco-do-finn-que-ninguem-compra/>. Acesso em: 20 novembro 2018.

GENESTRETI, Guilherme. **Gafe no Oscar consagra 'Moonlight' e escancara uma Hollywood em crise.** 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/02/1862409-gafe-no-oscar-consagra-moonlight-e-escancara-uma-hollywood-em-crise.shtml>. Acesso em: 20 novembro 2018.

GOMES, Bruno. **“PANTERA NEGRA” POSSUI A MAIOR LINHA DE PRODUTOS PARA UMA PRODUÇÃO ORIGINAL DA MARVEL.** 2018. Disponível em: <http://ovicio.com.br/pantera-negra-possui-maior-linha-de-produtos-para-uma-producao-original-da-marvel/>. Acesso em 26 novembro 2018.

GOMES, Bruno. **“PANTERA NEGRA” REGISTRA TERCEIRA MAIOR ESTREIA DA MARVEL NA CHINA.** 2018. Disponível em: <http://ovicio.com.br/pantera-negra-registra-terceira-maior-estreia-da-marvel-na-china/>. Acesso em 26 novembro 2018.

GOMES, Fábio. **Jeremias | Nova edição da Graphic MSP falará sobre preconceito e superação; confira as primeiras imagens.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/jeremias-nova-edicao-da-graphic-msp-falara-sobre-preconceito-e-superacao-confira-as-primeiras-imagens#graphic-msp-18>. Acesso em: 25 setembro 2018.

GOMES, Fábio. **Marvel | Representação e diversidade estão no futuro dos filmes do estúdio, diz Kevin Feige.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/marvel-representacao-e-diversidade-esta-no-futuro-dos-filmes-do-estudio-diz-kevin-feige>. Acesso em 03 novembro 2018.

GOMES, Fábio. **Pantera Negra | Jogador de basquete faz enterrada com a máscara do herói.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-jogador-de-basquete-faz-enterrada-com-a-mascara-do-heroi>. Acesso em 03 novembro 2018.

GOMES, Fábio. **Pantera Negra | Michelle Obama elogia o filme: “Amei o filme e sei que ele vai inspirar pessoas”**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-michelle-obama-elogia-o-filme-amei-o-filme-e-sei-que-ele-vai-inspirar-pessoas>. Acesso em 25 novembro 2018.

GOMES, Fábio. **Pantera Negra | Trailer marca 89 milhões de visualizações em 24 horas**. 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-trailer-marca-89-milhoes-de-visualizacoes-em-24-horas>. Acesso em 26 novembro 2018.

GOMES, Fábio. **Pantera Negra ultrapassa a marca do US\$ 1 bilhão na bilheteria mundial**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-ultrapassa-a-mara-do-bilhao-na-bilheteria-mundial>. Acesso em 26 novembro 2018.

GOMES, Fábio. **Universo Marvel ultrapassa a marca de US\$ 15,3 bilhões na bilheteria mundial**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/universo-marvel-ultrapassa-a-mara-de-us-153-bilhoes-na-bilheteria-mundial>. Acesso em: 20 novembro 2018.

GOMES, Laís. **Mãe de menino que teve foto postada por ator de 'Star Wars' diz: 'Ele se viu ali'**. 2016. Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/01/mae-de-menino-que-teve-foto-postada-por-ator-de-star-wars-diz-ele-se-viu-ali.html>. Acesso em: 16 outubro 2018.

GOMEZ, Luis. **Comic-Con 2018: Your ultimate survival guide**. 2018. Disponível em: <https://www.sandiegouniontribune.com/entertainment/comic-con/sd-comic-con-2018-ultimate-survival-guide-san-diego-comic-con-20180625-htmlstory.html>. Acesso em: 19 setembro 2018.

GONZAGA, Rafael. **Homem-Aranha no Aranhaverso | Miles Morales é a estrela do primeiro trailer da animação**. 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/homem-aranha/animated-spider-man-into-the-spider-verse-animacao-do-homem-aranha-ganha-trailer>. Acesso em 21 novembro 2018.

GONZAGA, Rafael. **Pantera Negra | Jogadores do Inter comemoram gol com gesto de Wakanda**. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-jogadores-do-inter-comemoram-gol-com-gesto-de-wakanda>. Acesso em 03 novembro 2018.

GUIA DOS QUADRINHOS. **Fantastic Four (1961) nº 52/Marvel Comics**. 2007. Disponível em: [http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/fantastic-four-\(1961\)-nº-52/100/3494](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/fantastic-four-(1961)-nº-52/100/3494). Acesso em: 25 setembro 2018.

GUIDA, Chiara. **Deadpool 2: i dettagli sulla mutazione di Domino dalla prima foto**. 2017. Disponível em: <https://www.cinefilos.it/cinema-news/2017b/deadpool-2-mutazione-domino-351312>. Acesso em 11 novembro 2018.

GUSMAN, Sidney et al. **Confins do Universo 044 – Pantera Negra Forever**. 2018. Podcast. Disponível em: <http://www.universohq.com/podcast/confins-do-universo-044-pantera-negra-forever/>. Acesso em 03 novembro 2018.

HNAYR. X-MEN DRINKING GAME. 2014. Disponível em:
<https://drinkinggamezone.com/movies/x-men/>. Acesso em 16 outubro 2018.

IBC. Guia Mundo em Foco Especial: racismo. São Paulo: On Line Editora, n. 5, 2016. 100 p. : il. ; 28 cm.

INSTAGRAM. Judão. 2018. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/Bn_UD__HsHY/. Acesso em 11 novembro 2018.

JACOBS, Guilherme. Tim Burton defende a falta de diversidade no elenco de Lar das Crianças Peculiares. 2016. Disponível em:
<https://www.omelete.com.br/tim-burton/tim-burton-defende-a-falta-de-diversidade-no-elenco-de-lar-das-criancas-peculiares>. Acesso em: 20 novembro 2018.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável. [São Paulo]: Aleph, [2014]. 403 p.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. [reimpr. 2015]. São Paulo: Aleph, [2009]. 428 p.

JULIAN, Mark. BOX OFFICE: BLACK PANTHER Now Tracking For An Even Larger Opening Weekend. 2018. Disponível em:
https://www.comicbookmovie.com/black_panther/box-office-black-panther-now-tracking-for-an-even-larger-opening-weekend-a157561. Acesso em 26 novembro 2018.

JUNIOR, Jacídio. Kendrick Lamar - Black Panther: The Album | Crítica. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/musica/criticas/kendrick-lamar-black-panther-the-album-music-from-and-inspired-by-critica>. Acesso em 26 novembro 2018.

JUNIOR, Jacídio. Pantera Negra | Conheça Run the Jewels a dupla que embala o 1º trailer do herói. 2017. Disponível em:
<https://www.omelete.com.br/musica/pantera-negra-conheca-run-the-jewels-a-dupla-que-embala-o-1o-trailer-do-heroi>. Acesso em 26 novembro 2018.

KAMEL, Cláudia; ROCQUE, Lucia. X-Men e a dimensão do preconceito nas histórias em quadrinhos. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 3, 2003, Florianópolis.

LACHTERMACHER, Stela.; MIGUEL, Edison. HQ no Brasil: sua história e luta pelo mercado In: LUYTEN, S. M. B. (Org.). **Histórias em Quadrinhos:** leitura crítica. 3. ed. São Paulo: Paulina, 1989.

LEMOS, André. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: O futuro do pensamento na era da informática. 1. ed. Rio de janeiro: Ed. 34, 1993. 207 p. -- (coleção TRANS).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999. 260 p. -- (coleção TRANS).

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011. 160 p. -- (coleção TRANS).

LIMA, Sávio. **Garra de Pantera**: os negros nos quadrinhos de super-herói dos EUA. 2013. Disponível em:
<http://est.com.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/618/685>. Acesso em: 20 novembro 2018.

LOVEBCOTT. **Watch: 'Black Panther' Cast Reacts to Seeing Footage from the Film for the First Time [Video]**. S.d. Disponível em:
<https://www.lovebscott.com/watch-black-panther-cast-reacts-seeing-footage-film-first-time-video>. Acesso em 26 outubro 2018.

LUCAS_DEEP. **9 Curiosidades sobre o Pantera Negra – Marvel**. 2016. Disponível em: https://aminoapps.com/c/comics-portugues/page/blog/9-curiosidades-sobre-o-pantera-negra-marvel/R8vg_DBHwu1bXXWRkP2NJ7INLwYbkV78vZ. Acesso em: 12 outubro 2018.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe (Org.) **Histórias em quadrinhos**: leitura crítica. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1989. 91 p.

MACEDO, Raphael. **"Jeremias: Pele" é um quadrinho lúdico, mas dolorosamente realista**. 2018. Disponível em:
<https://esquadrinhado.com/2018/08/07/jeremias-pele-e-resenha/>. Acesso em: 19 outubro 2018.

MACKIE, Anthony et al *in: Captain America: Civil War*. 1 disco blu-ray. Produção: Marvel Studios. Estados Unidos, 2016. Color, 148 min.

MARQUESE, Rafael. **História, antropologia e a cultura afro-americana**: o legado da escravidão. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100026&script=sci_arttext. Acesso em: 19 novembro 2018.

MARTINS, Andréia. **Ciberativismo**: ativismo nasce nas redes e mobiliza as ruas do mundo. 2014. Disponível em: [https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciberativismo-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas.htm](https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciberativismo-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas.htm). Acesso em: 30 maio 2018.

MATSUMOTO, Satoru. **Ororo Munroe, muito mais que uma personagem de quadrinhos**. 2016. Disponível em: <http://www.jornalarcadas.com.br/ororo-munroe-muito-mais-que-uma-personagem-de-quadrinhos/>. Acesso em: 25 setembro 2018.

MCCLINTOCK, Pamela. **'Black Panther' Now Tracking for Massive \$165M U.S. Debut.** 2018. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/heat-vision/black-panther-tracking-massive-165m-us-debut-1083867>. Acesso em 26 novembro 2018.

MCCLINTOCK, Pamela. **Weekend Box Office: 'Black Panther' Bounds to Record-Shattering \$235M-Plus Bow.** 2018. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/heat-vision/black-panther-weekend-box-office-record-shattering-debut-1085932>. Acesso em 26 novembro 2018.

MELO, André. **Friedrich Nietzsche** - Biografia, pensamento e frases. S.d. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/friedrich-nietzsche-biografia-pensamento-e-frases/>. Acesso em: 18 novembro 2018.

MELO, João. **PANTERA NEGRA – FÃS AFRO-AMERICANOS CELEBRAM POSTER E VÍDEO VIRALIZA NA INTERNET.** 2017. Disponível em: <http://www.heroisdateve.com.br/pantera-negra-fas-afro-americanos-celebram-poster-e-video-viraliza-na-internet/>. Acesso em 24 outubro 2018.

MENDES, Taiani. **Bilheterias Brasil: Pantera Negra torna-se o terceiro maior lançamento da Marvel no país.** 2018. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-138035/>. Acesso em 26 novembro 2018.

MONET-NET. **Professora de escola nos EUA recebe alunos com saudação do Pantera Negra.** 2018. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Filmes/noticia/2018/02/professora-de-escola-nos-eua-recebe-alunos-com-saudacao-do-pantera-negra.html>. Acesso em 03 novembro 2018.

MONET-NET. **Revista 'Time' elege astro de 'Pantera Negra' uma das 100 pessoas mais influentes do mundo.** 2018. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Celebridades/noticia/2018/04/revista-time-elege-astro-de-pantera-negra-uma-das-100-pessoas-mais-influentes-do-mundo.html>. Acesso em 26 novembro 2018.

MOREIRA, Fernando. **Meninos viram 'adulto' para assistir a 'Pantera Negra'.** 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/meninos-viram-adulto-para-assistir-pantera-negra-22414743.html>. Acesso em 03 novembro 2018.

NADALE, Marcel. **China diminui ator negro no pôster de "Star Wars: Episódio VII".** 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/china-diminui-ator-negro-no-poster-de-star-wars-episodio-vii/>. Acesso em: 16 outubro 2018.

NALIATO, Samir. **Jeremias – Pele: veja as primeiras imagens da nova Graphic MSP.** 2018. Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/jeremias-pele-veja-as-primeiras-imagens-da-nova-graphic-msp/>. Acesso em: 19 outubro 2018.

NALIATO, Samir. **MSP muda o visual do Pelezinho.** 2013. Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/msp-muda-o-visual-pelezinho/>. Acesso em: 25 setembro 2018.

NAVARRO, Roberto. **Quem foram os Panteras Negras?** 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foram-os-panteras-negras/>. Acesso em: 17 setembro 2018.

NETO, Leonardo. **Único personagem negro da Turma da Mônica chega à lista Nielsen PublishNews.** 2018. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/06/06/unico-personagem-negro-da-turma-da-monica-chega-a-lista-nielsen-publishnews>. Acesso em: 20 novembro 2018.

OABRJ DIGITAL. **Evento debate racismo na publicidade e na mídia.** 2018. Disponível em: <http://www.oabpj.org.br/noticia/111320-evento-debate-racismo-na-publicidade-e-na-midia>. Acesso em: 13 maio 2018.

OBSERVATÓRIO DO CINEMA. **Professora cumprimenta alunos com gesto de Pantera Negra em incrível vídeo.** 2018. Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2018/02/professora-cumprimenta-alunos-com-gesto-de-pantera-negra-em-incrivel-video>. Acesso em 03 novembro 2018.

O ESTADO DE S.PAULO. **Escola nos EUA vai levar todos os alunos para assistir a 'Pantera Negra' no cinema.** 2018. Disponível em: <https://email.estadao.com.br/noticias/comportamento/escola-para-criancas-carentes-nos-eua-vai-levar-alunos-para-assistir-a-pantera-negra-no-cinema,70002176657>. Acesso em 03 novembro 2018.

O GLOBO. **História dos negros no cinema está marcada por conquistas e retrocessos.** 2015. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/historia-dos-negros-no-cinema-esta-marcada-por-conquistas-retrocessos-15071304>. Acesso em: 20 novembro 2018.

O GRITO! **Turma do Pererê, de Ziraldo, ganha exposição no Recife.** 2016. Disponível em: <http://revistaogrito.com/turma-do-perere-de-ziraldo-ganha-exposicao-no-recife/>. Acesso em: 25 setembro 2018.

OLIVEIRA, Éder. **O Nascimento de uma Nação e sua ode ao racismo.** S.d. Disponível em: <http://www.cinemaepipoca.com.br/o-nascimento-de-uma-nacao/>. Acesso em: 02 outubro 2018.

OLIVEIRA, Lúcio. **PANTERA NEGRA | FILME É O MAIS COMENTADO DA HISTÓRIA NO TWITTER.** 2018. Disponível em: <http://pipocasclub.com.br/2018/03/22/pantera-negra-twitter/>. Acesso em 03 novembro 2018.

OLIVEIRA, Miguel. **Público chinês não se identifica com Pantera Negra e filme pode sofrer queda na bilheteria.** 2018. Disponível em: <http://ovicio.com.br/publico-chines-nao-se-identifica-com-pantera-negra-e-filme-pode-sofrer-queda-na-bilheteria/>. Acesso em: 18 novembro 2018.

O POVO. Campanha de estudante levará mais de 200 crianças ao cinema para assistir Pantera Negra. 2018. Disponível em:
<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/02/campanha-de-estudante-levara-mais-de-200-criancas-ao-cinema-para-assis.html>. Acesso em 03 novembro 2018.

O POVO. Crianças ficam animadas ao descobrirem que assistirão Pantera Negra e vídeo viraliza. 2018. Disponível em:
<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2018/02/criancas-ficam-animadas-ao-descobrirem-que-assistirao-pantera-negra.html>. Acesso em 03 novembro 2018.

OSBORN, Alex. BLACK PANTHER SURPASSES WONDER WOMAN, TOY STORY 3 AT DOMESTIC BOX OFFICE. 2018. Disponível em:
<https://www.ign.com/articles/2018/02/28/black-panther-surpasses-wonder-woman-toy-story-3-at-domestic-box-office>. Acesso em 26 novembro 2018.

OUTLAW, Kofi. 'Thor Ragnarok': Tessa Thompson Addresses Fan Reaction To Her Valkyrie. 2017. Disponível em: <https://comicbook.com/marvel/2017/09/06/thor-ragnarok-tessa-thompson-addresses-fan-reaction-to-her-valky/>. Acesso em 16 outubro 2018.

O VÍCIO. 'Pantera Negra' ganha cartaz impressionante na China. 2018. Disponível em: <https://diversao.r7.com/o-vicio/pantera-negra-ganha-cartaz-impressionante-na-china-18022018>. Acesso em: 15 setembro 2018.

PAUR, Joey. New Posters, Promo Images and Concept Art Released For SPIDER-MAN: HOMECOMING. 2017. Disponível em:
<https://geektyrant.com/news/new-posters-promo-images-and-concept-art-released-for-spider-man-homecoming>. Acesso em: 16 outubro 2018.

PAUR, Joey. Samuel L. Jackson Says Nick Fury Will Have "Another Guy's Face" in CAPTAIN MARVEL... What!? 2018. Disponível em:
<https://geektyrant.com/news/samuel-l-jackson-says-nick-fury-will-have-another-guys-face-in-captain-marvel-what>. Acesso em 16 outubro 2018.

PEDRO, Rocha. "Vai dar representatividade a jovens negros", diz Danai Gurira sobre 'Pantera Negra'. 2017. Disponível em:
<https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,vai-dar-representatividade-a-jovens-negros-diz-danai-gurira-sobre-pantera-negra,70002121467>. Acesso em 25 novembro 2018.

PEREIRA, Aline. Por que "Corra!" é o melhor filme de terror dos últimos anos: 5 motivos para assistir. S.d. Disponível em:
<https://www.vix.com/pt/cinema/546058/por-que-corra-ja-e-o-melhor-filme-de-terror-do-ano-5-motivos-para-assistir-agora>. Acesso em: 02 outubro 2018.

PEREIRA, Edipo. Cinesystem exibe sessão gratuita de Pantera Negra para crianças de Terra Firme. 2018. Disponível em:
<http://cosmonerd.com.br/cinema/noticias/cinesystem-exibe-sessao-gratuita-de-pantera-negra-para-criancas-de-terra-firme/>. Acesso em 03 novembro 2018.

PEREIRA, Elaine. **O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira.** Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337 –356, set./dez. 2015.

PETRI, Alexandra. **Sorry, Peter Parker. The response to the black Spiderman shows why we need one.** 2011. Disponível em:
https://www.webcitation.org/614Q5Z5z2?url=http://www.washingtonpost.com/blogs/compost/post/sorry-peter-parker-the-response-to-the-black-spiderman-shows-why-we-need-one/2011/08/03/gIQAViObsl_blog.html. Acesso em 21 novembro 2018.

PIMENTA, Thaís. **Comunidade Tia Eva consegue dinheiro e 95 crianças descobrem o Pantera Negra.** 2018. Disponível em:
<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/cinema/comunidade-tia-eva-consegue-dinheiro-e-95-criancas-descobrem-o-pantera-negra>. Acesso em 03 novembro 2018.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2003. 217 p.

PORFÍRIO, Henrique. **Cage, Raio e Pantera:** O papel dos heróis na representatividade negra. 2018. Disponível em:
<https://medium.com/@henriquelopes/luke-cage-black-lightning-panther-representatividade-negra-a762fe4724f5>. Acesso em: 26 agosto 2018.

PRATINI, Vitória. **Pantera Negra: Menino de 7 anos imita M'Baku e outros personagens do filme.** 2018. Disponível em:
<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-138449/>. Acesso em 03 novembro 2018.

QUELLA-GUYOT, Didier. **A história em quadrinhos.** 1. ed. São Paulo: Loyola, c1994. 151 p. : il.

R7. **Novo Star Wars sofre campanha de boicote na internet por ter protagonista negro.** 2015. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/pop/novo-star-wars-sofre-campanha-de-boicote-na-internet-por-ter-protagonista-negro-21102015>. Acesso em: 20 novembro 2018.

RAMONE, Marcus. **Gibi do Ronaldinho Gaúcho terá edição gratuita na Alemanha.** 2006. Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/gibi-do-ronaldinho-gauchotera-edicao-gratuita-na-alemanha/>. Acesso em: 12 outubro 2018.

RAMONE, Marcus. **Pelezinho: a história de um craque dos gibis.** 2007. Disponível em: <http://www.universohq.com/materias/pelezinho-historia-de-um-craque-dos-gibis/>. Acesso em: 25 setembro 2018.

RAMOS, Davi. **Música negra e racismo nos EUA.** 2017. Disponível em:
<http://sociologiacienciaevida.com.br/musica-negra-e-racismo-nos-eua/>. Acesso em: 19 novembro 2018.

RASSI, Sarah (Org.). **Negros na sociedade e na cultura brasileiras II.** Goiânia: Ed. da UCG, 2006. 209 p.

REUTERS. MTV Movie & TV Awards: ‘Pantera Negra’ leva quatro prêmios e ‘Stranger things’ é eleita melhor série. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/mtv-movie-tv-awards-pantera-negra-leva-quatro-premios-stranger-things-eleita-melhor-serie-22796752>. Acesso em 26 novembro 2018.

REUTERS. 'Pantera Negra' supera US\$500 milhões e ofusca estreia de 'Operação Red Sparrow' e 'Desejo de Matar'. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/pantera-negra-supera-us500-milhoes-e-ofusca-estreia-de-operacao-red-sparrow-e-desejo-de-matar.ghtml>. Acesso em 26 novembro 2018.

RIBEIRO, Antônio. Azeitona. 2008. Disponível em: <http://www.guiadosquadinhos.com/personagem/azeitona/9855>. Acesso em: 12 outubro 2018.

RIBEIRO, Felipe. Sucesso de Pantera Negra aumenta o interesse na adoção de gatos pretos. 2018. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-138310/>. Acesso em 03 novembro 2018.

ROBINSON, Raz. Artist Awesomely Recreates ‘Black Panther’ Posters With Kids. 2018. Disponível em: <https://www.fatherly.com/news/asiko-cool-black-panther-posters-kids/>. Acesso em 24 outubro 2018.

ROMANO, Nick. Black Panther scores eighth-largest single day gross with \$75.8 million. 2018.

Disponível em: https://ew.com/movies/2018/02/17/black-panther-box-office-friday/?utm_campaign=entertainmentweekly&utm_source=twitter.com&utm_medium=social. Acesso em 26 novembro 2018.

ROMARIZ, Thiago; SOUSA, Camila et al. Os melhores trailers de 2017. 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/os-melhores-trailers-de-2017#1>. Acesso em 26 novembro 2018.

ROSARIO, David. ‘Black Panther’ Has The Biggest Monday In Box Office History With \$40.2 Million. 2018. Disponível em: <https://heroichollywood.com/black-panther-biggest-monday-box-office-history/>. Acesso em 26 novembro 2018.

SABBAGA, Julia. Bilheteria USA | Pantera Negra - 16 a 18 de fevereiro. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/bilheteria-usa-pantera-negra-9-a-11-de-fevereiro>. Acesso em 26 novembro 2018.

SABBAGA, Julia. Pantera Negra | Em três dias, filme já ultrapassou bilheteria total de Quarteto Fantástico. 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quarteto-fantastico/pantera-negra-em-tres-dias-filme-ja-ultrapassou-bilheteria-total-de-quarteto-fantastico>. Acesso em 26 novembro 2018.

SABBAGA, Julia. **Pantera Negra ganha prêmio de melhor trailer.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-premio-de-melhor-trailer>. Acesso em 26 novembro 2018.

SABBAGA, Julia. **Pantera Negra | Grupo de fãs da DC organiza evento para sabotar nota do filme online.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-grupo-de-fas-da-dc-organizam-evento-para-sabotar-nota-do-filme-online>. Acesso em 03 novembro 2018.

SABBAGA, Julia. **Pantera Negra | Lupita Nyong'o diz que filme é corajoso.** 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-lupita-nyongo-diz-que-filme-e-corajoso>. Acesso em 25 novembro 2018.

SABBAGA, Julia. **Pantera Negra | Marvel inova e acerta ao embalar trailer com rap histórico.** 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-marvel-triunfa-na-escolha-da-trilha-mais-uma-vez>. Acesso em 26 novembro 2018.

SABBAGA, Julia. **Pantera Negra | Octavia Spencer e Snoop Dogg vão bancar sessões de cinema para crianças carentes.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-octavia-spencer-bancara-sessoes-de-cinema-para-criancas-carentes>. Acesso em 26 novembro 2018.

SABBAGA, Julia. **Pantera Negra | Oito músicas da trilha sonora entram na Billboard Hot 100.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-oito-musicas-da-trilha-sonora-entram-na-billboard-hot-100>. Acesso em 26 novembro 2018.

SABBAGA, Julia. **Pantera Negra | Rei de Wakanda observa seu reino em novo pôster artístico.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-rei-de-wakanda-observa-seu-reino-em-novo-poster-artistico>. Acesso em 26 outubro 2018.

SABBAGA, Julia. **Pantera Negra | Samuel L. Jackson não acredita que o filme mudará Hollywood.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-samuel-l-jackson-nao-acredita-que-o-filme-mudara-hollywood>. Acesso em 25 novembro 2018.

SANTOS, Toni; SESSA, Leonardo; SILVESTRE, Jota. et al. **Mundo dos Super-heróis.** São Paulo: Editora Europa, v. 97, fev. 2018. Bimestral.

SARAIVA. **Black Lightning - Year One.** S.d. Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/black-lightning-year-one-9935467.html>. Acesso em 06 outubro 2018.

SASSE, Adriana; SILVA, Claudinei. **A Cultura Afrodescendente numa perspectiva interdisciplinar.** 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_lem_artigo_adriana_aparecida_sasse.pdf. Acesso em: 19 novembro 2018.

SAVIOLI, Camila. **Confira os vencedores do Teen Choice Awards 2018.** 2018. Disponível em: <https://pipocanamadrugada.com.br/site/confira-vencedores-teen-choice-awards-2018/>. Acesso em 26 novembro 2018.

SESC. Cultura Afro-Brasileira e Indígena na Educação do Sesc:

Desdobramentos de uma discussão. 2017. Disponível em:
<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/19689/cultura-afro-brasileira-e-indigena-na-educacao-do-sesc-desdobramentos-de-uma-discussao>. Acesso em: 19 novembro 2018.

SHAUN, Angela; AGUIAR, Leonel. **Híbrido glocal, ciberativismo e tecnologias da informação.** 2011. Disponível em: <http://observatoriadimprensa.com.br/diretorio-academico/hibrido-glocal-ciberativismo-e-tecnologias-da-informacao/>. Acesso em: 30 maio 2018.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação:** criatividade e generosidade no mundo conectado. [Rio de Janeiro]: Zahar, [2011]. 210 p.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo:** o poder de organizar sem organizações. [Rio de Janeiro]: Zahar, [2012]. 295 p.

SILVA, Cidinha. **Por que a foto deste garoto negro com um boneco de Star Wars foi censurada no Facebook.** 2016. Disponível em:
<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/por-que-a-foto-deste-garoto-negro-com-um-boneco-de-star-wars-foi-censurada-no-facebook-por-cidinha-da-silva/>. Acesso em: 16 outubro 2018.

SILVA, Nadilson Manoel da. **Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos.** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002. 138 p.

SKLAR, Robert. **História Social do Cinema Americano.** São Paulo: Cultrix. 1 ed., 1975. 380 p.

SOLOMON, Michael. **O comportamento do consumidor:** comprando, possuindo e sendo. 11. ed. Porto Alegre: Bookman, 2016.

SOUSA, Camila. **Bilheteria Brasil | Pantera Negra continua na liderança e se torna a 2ª maior renda do ano.** 2018. Disponível em:
<https://www.omelete.com.br/filmes/bilheteria-brasil-pantera-negra-continua-na-lideranca-e-se-torna-a-2a-maior-renda-do-ano>. Acesso em 26 novembro 2018.

SOUSA, Camila. **Bilheteria USA | Pantera Negra - 23 a 25 de fevereiro.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/bilheteria-usa-pantera-negra-23-a-25-de-fevereiro>. Acesso em 26 novembro 2018.

SOUSA, Camila. **Pantera Negra | Artes conceituais mostram visuais alternativos de Okoye.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-artes-conceituais-mostram-visuais-alternativos-de-okoye>. Acesso em 26 outubro 2018.

SOUSA, Camila. **Pantera Negra | Confira detalhes sobre a campanha do filme ao Oscar.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/marvel-studios/pantera-negra-confira-detalhes-sobre-a-campanha-do-filme-ao-oscar>. Acesso em 26 novembro 2018.

SOUSA, Camila. **Pantera Negra | Crianças recriam os cartazes do filme.** 2018. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-criancas-recriam-os-cartazes-do-filme>>. Acesso em 24 outubro 2018.

SOUSA, Camila. **Pantera Negra | Kevin Feige defende indicações do longa ao Oscar.** 2018. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-kevin-feige-defende-indicacoes-do-longa-ao-oscar>>. Acesso em 26 novembro 2018.

SOUSA, Camila. **Pantera Negra | Rotten Tomatoes emite comunicado após grupo se unir para sabotar nota do filme.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-rotten-tomatoes-emite-comunicado-apos-grupo-se-unir-para-sabotar-nota-do-filme>. Acesso em 03 novembro 2018.

SOUSA, Camila. **Pantera Negra ultrapassa Batman vs Superman na pré-venda de ingressos nos EUA.** 2018. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-ultrapassa-batman-vs-superman-na-pre-venda-de-ingressos-nos-eua>. Acesso em 26 novembro 2018.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema.** Campinas [SP]: Papirus, 2003. 398 p.

STAR WARS. **Finn.** S.d. Disponível em: <https://www.starwars.com/databank/finn>. Acesso em: 16 outubro 2018.

SUPER INTERESSANTE. **O pantera-negra.** 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-pantera-negra/>. Acesso em 25 novembro 2018.

TARTAGLIONE, Nancy. **‘Black Panther’ Leaps Across \$1 Billion At The Worldwide Box Office.** 2018. Disponível em: <https://deadline.com/2018/03/black-panther-crosses-1-billion-worldwide-box-office-1202331238/>. Acesso em 26 novembro 2018.

The Walt Disney Company. **Infographic:** ‘Black Panther’ Reigns Supreme at the Box Office. 2018. Disponível em: <https://www.thewaltdisneycompany.com/infographic-black-panther-reigns-supreme-at-the-box-office/>. Acesso em: 02 jun. 2018.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda.** 16. ed. Rio de janeiro: Record, c1980. 491 p

TORRES, Rodrigo. **Moonlight: Sob a Luz do Luar é eleito o melhor filme do ano por Sindicato de Críticos LGBTQ.** 2017. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-127349/>. Acesso em: 02 outubro 2018.

TROPOS, Ana. **Avengers Characters – From Not So Good to Best.** S.d. Disponível em: <https://dailysuperheroes.com/avengers-characters-from-not-so-good-to-best/6227>. Acesso em 16 outubro 2018.

TURMA DA MÔNICA. **Donas da Rua.** S.d. Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/donasdarua/downloads.php>. Acesso em: 19 outubro 2018.

TWITTER. **Getting excited about our #BlackPanther @_MeetTheCritics #BlackPantherLive event on @colourfulradio tonight #Live at 7pm & came across this inspirational #photograph #WakandaForever @letitiawright.** 2018. Disponível em: <https://twitter.com/LondonersLondon/status/964472223099744256>. Acesso em 06 novembro 2018.

TWITTER. **Twitter Reactions To Black Panther Trailer.** 2017. Disponível em: <https://twitter.com/i/moments/873356108890558464>. Acesso em 25 outubro 2018.

VASCOUTO, Lara. **4 Estereótipos Racistas que Hollywood Precisa Parar de Usar.** 2015. Disponível em: <http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-hollywood/>. Acesso em: 13 maio 2018.

VIANNA, Katiúscia. **Pantera Negra e Um Lugar Silencioso são os vencedores do prêmio dos críticos de Los Angeles.** 2018. Disponível em: <https://diversao.r7.com/pop/cinema/pantera-negra-e-um-lugar-silencioso-sao-os-vencedores-do-premio-dos-criticos-de-los-angeles-05072018>. Acesso em 26 novembro 2018.

VIANNA, Wilson. **LUKE CAGE: AS HEROÍNAS DA SÉRIE GANHAM DOIS PÔSTERES.** 2016. Disponível em: <https://pipocamoderna.com.br/2016/09/luke-cage-as-heroinas-da-serie-ganham-dois-posteres/>. Acesso em 06 outubro 2018.

VIEIRA, Pedro. **Pantera Negra | Novo pôster celebra o continente africano.** 2018. Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2018/02/pantera-negra-novo-poster-celebra-o-continente-africano>. Acesso em 26 outubro 2018.

VIEIRA, Pedro. **Pantera Negra supera Star Wars como o Blu-ray mais vendido de 2018 nos Estados Unidos.** 2018. Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2018/09/pantera-negra-supera-star-wars-como-o-blu-ray-mais-vendido-de-2018-nos-estados-unidos>. Acesso em 26 novembro 2018.

VIEIRA, Tiago. **Confira todos os recordes que Pantera Negra quebrou desde a estreia!** 2018. Disponível em: <https://legadodamarvel.com.br/confira-todos-os-recordes-que-pantera-negra-quebrou-desde-a-estreia>. Acesso em 26 novembro 2018.

WARKEN, Júlia. **‘Pantera Negra’ vira alvo de um boicote racista e muito bizarro.** 2018. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/cultura/pantera-negra-vira-alvo-de-um-boicote-racista-e-muito-bizarro/>. Acesso em 03 novembro 2018.

What Happened, Miss Simone? Direção: Liz Garbus. Produção: Amy Hobby; Justin Wilkes; Jayson Jackson e Liz Garbus. Roteiro: Liz Garbus. Estados Unidos: Netflix, 2015. Color, 101 min.

WILLMERSDORF, Pedro. **Após polêmica racial, Oscar 2017 tem seis indicações a atores negros.** 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/apos-polemica-racial-oscar-2017-tem-seis-indicacoes-atores-negros-20818291.html>. Acesso em: 14 maio 2018.

YOUTUBE. **Black Panther Official Trailer Reaction.** 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_pIDpGf1nY. Acesso em 25 outubro 2018.

YOUTUBE. **Black Panther Trailer #1 REACTION!!** 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ze8qm282l9A&t=230s>. Acesso em 26 outubro 2018.

YOUTUBE. **MARVEL FAZ HISTÓRIA: PANTERA NEGRA | Marvel 10 Anos #18.** 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mdZ2QPCSNIE>. Acesso em 26 novembro 2018.

YOUTUBE. **Pantera Negra: O MELHOR da Marvel na Comic Con | OmeleTV.** 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-fyqXhqUEiA>. Acesso em 25 novembro 2018.

ZIMBIO. **The Top 10 Oscar Moments of 2017.** 2017. Disponível em: <http://www.zimbio.com/The+Top+10+Oscar+Moments+of+2017/articles/4hO-vsBK1f3/Viola+Davis+Wins+Her+First+Oscar>. Acesso em: 02 outubro 2018.

“Em época de crise, o sábio constrói pontes, enquanto o tolo constrói barreiras.”

T'Challa